



Detestável
PARA MIM

SÉRIE HOMENS DE PALOMINO | *Livro 1*

AGATHA SANTOS



Detestável PARA MIM

SÉRIE HOMENS DE PALOMINO | *Livro 1*

AWF SANTOS

2019

Copyright © AWF Santos

Capa e Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Bah Pinheiro**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

Dedico essa obra a pessoa que me inspirou e incentivou a colocá-la no papel. Mari Sales, você é incrível de maneiras incontáveis e faz toda a diferença em minha vida.

Agradecimentos

Tudo que me torna leve tem um espaço cativo no meu coração e, assim foi com cada livro que criei. Leveza, sempre leveza e, claro, o amor.

Encontrar as leitoras que buscam por isso em sua vida faz eu me sentir como parte de algo, onde posso disseminar esse sentimento e mergulhar ainda mais apaixonada pelo meio que descobri.

O apoio de vocês é a base para qualquer tentativa de acerto ou erro e eu só posso agradecer.

Espero que Viny e Ritinha cause a sensação das borboletas no estomago, a euforia de cada capítulo lido e finalmente a sensação de que você teve um bom momento com eles.

Bjs no core!

AWF Santos

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 2](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 3](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 4](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 5](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 6](#)

[Vinicius](#)

[Capítulo 7](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 8](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 9](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 10](#)

[Vinicius](#)

[Capítulo 11](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 12](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 13](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 14](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 15](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 16](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 17](#)

[Vinicius](#)

[Capítulo 18](#)

[Ritinha](#)

[Capítulo 19](#)

[Vinicius](#)

[Capítulo 20](#)

[Ritinha](#)

[Fim!](#)

[Sobre a Autora](#)



Sinopse

A pacata cidade de Palomino completa mais um ano de existência e, como sempre, a comunidade está em total alvoroço para as festividades.

No entanto, este ano o filho do meio da família mais influente da cidade, resolveu voltar às origens e visitar sua mãe. Vinicius Queiroz, assim como seus irmãos, é considerado um dos playboys dali e, junto dos outros três, leva a fama de mulherengo, perigoso e muito atraente.

Ele só não esperava que seu caminho cruzasse com Ritinha, uma mecânica marrenta, direta e totalmente alheia, ou nem tanto, aos encantos desse riquinho.

Uma história recheada de confusões, uma atração incontrolável e um sentimento contraditório em ambos é o que te espera em Detestável Para Mim.



Prólogo

"Eu nunca vi mudo falar, surdo escutar, cego enxergar,

Mas já vi muita mulher baixinha fazer homem grande chorar."

- (Marco Brasil)

Meu corpo já está cansado da longa viagem de volta para a fazenda. Já faz um ano que não coloco meus pés naquelas terras e a única coisa me motiva a voltar é a insistência da minha mãe.

Nossa perda foi dura demais e me sinto, em parte, culpado por tê-la deixado lá, mas contava com o bom senso e ajuda dos meus irmãos para que minha falta não fosse notória.

Eu precisava lidar com as minhas dores de alguma forma, e a necessidade que sempre afligia para me encontrar, fez essa busca ser a única vontade quando tudo aconteceu.

Hoje sinto meu coração tranquilo, sei que de onde estiver, meu pai olha por todos nós. Um homem de caráter e fibra, que ensinou muito para meus irmãos e eu, sempre nos aconselhando a seguir nosso coração.

Mas e quando não sabemos o que o coração deseja?

E, foi por conta dessa dúvida, que caminhei, viajei e procurei, vivi as melhores experiências, mas nunca consegui calar a ânsia que batia dentro do meu peito.

Precisava me encontrar.

Voltar a Palomino desperta uma pequena fagulha em mim. Mesmo sendo um pedido da minha mãe e com a mente acreditando que não veria nada de novo, algo aqui dentro insiste no contrário.

É como se lá, no lugar onde vivi boa parte da vida, esteja as respostas que sempre procurei, mas não havia enxergado.

Bom, só há uma maneira de descobrir e, se essa hipótese existe de fato, não haverá inferno na terra que me barre de tê-la.



Capítulo 1

“Onde há fumaça há fogo.”

Ritinha

Acordo com a dor *batendo nos cornos*. Preciso me lembrar de nunca aceitar uma cerveja com Paulinha depois de fechar a oficina. Aquela garota não sabe a definição de limites e, para completar, deixa o pai e a mãe querendo arrancar nosso couro.

Se ela não fosse minha irmã, com certeza, hoje eu arrancaria seus cabelos por me fazer ter um dia dos diabos e ainda ter que fazer cara de boa moça, para que nossos pais não percebam nada. Já basta ouvir a mesma ladainha por ela trabalhar em um bar e o quanto isso não é correto para uma moça de família.

Claro que o fato de nascer, crescer e viver em uma cidade minúscula, como Palomino, nos obriga a lidar com esses conceitos. Amo minha cidade, gosto deste clima interiorano, o cheiro de mato que sinto na rua, os vizinhos, que mesmo cuidando da nossa vida, são gentis e amáveis na maioria das vezes.

Aqui você pode ver carros e cavalos andando na mesma rua, todos respeitando e obedecendo as regras de trânsito. Até porque, o delegado da cidade é muito rígido com as leis e, desordeiros não são tolerados.

A cidade de Palomino é pequena, mas com o coração do tamanho do mundo. Apesar de eu amar cada canto deste lugar, o que realmente aquece meu coração é a oficina.

Venho de uma família de mulheres, meu pai, Jaime, casou-se com minha mãe, dona Lélia, há quase trinta anos. Tiveram quatro filhas, quase da mesma idade e que têm uma beleza peculiar e notória.

Eu nunca gostei de bonecas, brincar de casinha ou, quando um pouco maior, fazer as unhas e os cabelos, como minhas irmãs, então, ainda pequena comecei a me refugiar entre as pernas do meu pai na oficina.

Por ser a única oficina na cidade, ele conseguiu ter um comércio de respeito e acabou virando o salvador de todos que andam motorizados. O único mecânico mais próximo está na capital, o que seria uma viagem de quase quatro horas até chegar lá e não existe outro título que não esse.

Hoje trabalhamos juntos, pelo menos, esse é o conceito. Na verdade, ele cuida dos carros e eu cuido das motos, minha verdadeira paixão. No começo, ele não lidava bem com o fato de sua filha ser mecânica, mas com o tempo e um pouco de insistência, foi obrigado a rever suas concepções.

Quando eu fui a única a conseguir arrumar o defeito de uma moto de um colecionador grã-fino que passou pela cidade, meu pai precisou dar o braço a torcer e aceitar que meu caminho era trabalhar ao seu lado. Além do que, para quem ficaria seu legado se só teve *filha mulher*?

— Bom dia, pai — cumprimento, assim que entro na oficina.

Atrasada.

— Não me ouviu chamar hoje, Rita Maria? — Seu tom severo me coloca em alerta.

— Não, pai. Eu fiquei até tarde esperando a Paulinha no bar e acabei me cansando muito.

— *Num gosto disso naum.*

— Calma, pai. Deu tudo certo. O povo *né* besta, não. Sabe que a gente é tudo *fia* sua.

— Dia — cumprimenta Ernesto, dono da padaria da cidade.

Agradeço internamente sua chegada, assim o rumo da conversa muda e eu não preciso me explicar em tantos detalhes para ele.

— Dia, Neto. Precisa de algo?

— Meu *fio* quebrou a Kombi de novo, Jaime. E nem consigo trazer a *disgraça* aqui

procê vê.

— Tem problema não. Ritinha já chegou aqui, já dou uma passada na padaria e *olho ela*.

— *Agradicido.*

— Josival! Oh, Josival! — meu pai grita a plenos pulmões, chamando nosso ajudante.

— Fala, seu Jaime. *Tô* aqui.

O menino, quase sem ar, responde o chamamento imperativo do pai. Josival é filho de uma das nossas vizinhas, ainda um moleção, em seus dezessete anos, que não tem pai e trata o meu como um.

— Pega minha mala de ferramentas. *Vamu* na padaria.

— Comer pão doce? — Os olhos do menino até brilham e eu seguro o riso.

— Vai comer na tua casa, esfomeado. Vou ver o que fizeram para a Kombi do Neto de novo.

— Ah, *tendi* — Josival responde, tristonho, e sai em busca da maleta que meu pai pediu.

Vou para minha bancada e retomo o serviço de ontem. Estou remontando o motor de uma scooters, que a dona conseguiu praticamente fundir. Já faz quatro dias que reviro tudo e não consigo entender o que raios a fez parar.

— Ei, Ritinha.

— Fala, Josival — respondo, atenta aos parafusos miúdos que encaixo no lugar.

— Eu vi você e a Paulinha ontem no bar. *Tava* uma formosura dançando. — Levanto a cabeça rápido demais, encarando o menino linguarudo.

— Fecha essa matraca. Linguarudo!

— Mas...

— Sem “mas”, nem meio “mas”. Se eu pegar você futricando pelos cantos, Josival, eu te arranco os dentes com alicate. Ouviu? — Faço minha melhor cara ameaçadora e aproximo o alicate que eu tenho nas mãos do seu rosto.

O menino só consegue concordar com a cabeça, antes de sair disparado da oficina. Só me permito rir depois que o vejo sumir na poeira.

Volto a lembrar novamente a promessa de nunca mais aceitar beber com a minha irmã mais velha. Ela não conhece a palavra limite e sempre foi a mais impetuosa, desde nova, e isso garantiu para seu traseiro muitas surras com vara de marmelo.

Até hoje, se eles sonharem que suas filhas estavam bebendo no bar, mesmo depois de adultas e vacinadas, eu não duvido que a mãe nos tire de lá pelos cabelos.

Acho que só aceitam o fato de Paulinha trabalhar porque o bar pertence à nossa tia mais maluca, Dulcinéia. Ou tia Dulce.

Ela é a pessoa mais moderna que já conheci, teve um filho ainda jovem e criou sozinha, já que o pai era covarde demais para assumir, segundo ela. Teve que enfrentar a ira dos meus avós e bateu o pé dizendo que teria a criança com ou sem a ajuda deles.

Meus pais já eram casados na época e minha mãe, apesar de não concordar em nada com a situação, ajudou minha tia como pôde e conseguiu um emprego para ela no bar.

O dono já era muito doente e não tinha para quem deixar o estabelecimento, então, com um pouco de dinheiro do pai e a boa vontade do antigo dono, tia Dulce se tornou proprietária do lugar e criou seu filho tocando o lugar até hoje.

Quando Tadeu resolveu sair em busca de suas raízes, já que tia Dulce nunca abriu a boca para lhe contar sobre seu pai, Paulinha se ofereceu para ajudá-la nos dias de movimento.

Ela acabou indo, ficando, se instalando e, mesmo com as objeções dos meus pais, tia Dulce conseguiu convencê-los de que com ela por ali, Paulinha não correria riscos.

Mal sabem eles o quanto nossa tia faz vista grossa quando queremos extravasar todas as irritações com eles, a vizinhança ou alguma situação acontecida em Palomino.

Somos jovens e o único ponto de diversão é o bar, que nos finais de semana se torna um arrasta pé e o salão é dominado de pessoas alegres, dançantes e que querem aproveitar um pouquinho da vida.

A única diversão que esta cidade aceita é a festa anual de Palomino, que conta com a presença da ilustre família que fundou a cidade e todos participam de alguma forma. Quermesse, quitutes, jogos e interação de todos os habitantes para festejar o surgimento da cidade, a fazenda Queiroz.

Eles são os fazendeiros mais poderosos da região e os maiores criadores da raça de cavalos Palomino. Daí vem o nome que originou a cidade.

A fazenda era dos avós da dona Rute Queiroz e foi passando de geração em geração e engrandecendo e enriquecendo o legado. A cidade criou-se pela necessidade dos turistas que, em grande quantidade, visitavam a fazenda e o haras, a fim de negociar com eles.

Muitas famílias trabalham na fazenda, pela sua imensidão, a mão de obra é pesada e necessária. O resto, assim como meu pai, conseguiu montar seu pequeno negócio e sobrevivemos em grande parte do comércio local.

Dona Rute parece ser uma senhora simpática, com todo o poder e dinheiro que tem, nem se esperava que ela sorrisse para alguém. Raramente a vemos na cidade, exceto nas festividades do aniversário de Palomino.

Ano passado foi o único em que não tivemos sua presença, seu marido, Olegário, havia falecido, vítima de um ataque fulminante e deixou a senhora e quatro filhos adultos.

Irmãos Queiroz.

Toda vez que penso neles, sinto meu corpo inteiro arrepiar e meu coração dispara feito

um cavalo na prova de tambor.

Eles são conhecidos como os playboys da cidade, arruaceiros, metidos, arrogantes, sedutores e muitas mulheres dizem ser irresistíveis. Contam as más línguas que esses homens já estiveram em todos os aposentos das moças da cidade.

Exceto um. O nosso.

Valha-me Deus, que minha mãe morreria durinha se uma de suas filhas sequer olhasse para os forasteiros Queiroz.

Ela gosta de chamá-los assim, já que não moram na cidade há um bom tempo e raramente se vê algum por aqui. Mesmo depois da morte do pai, eles mantêm a administração da fazenda na capital e contam com os empregados de confiança para cuidarem de tudo.

Eu, pessoalmente, nunca falei com nenhum deles, mesmo no funeral do seu Olegário, que teve a cidade em peso. Minhas irmãs e eu só cumprimentamos dona Rute, que estava sozinha, no momento que entramos na igreja. Os filhos, provavelmente, estavam ocupados demais para velar o pai e nós apressadas demais para sair dali.

Até Toninha, a mais velha de todas, estava com pressa de sair da igreja aquele dia. Isso porque ela nunca sai da igreja para nada, exceto trabalhar como enfermeira do posto médico da cidade.

Estava tão distraída com meus pensamentos e tentando evitar a dor latente da minha cabeça, que não notei a presença masculina na oficina. Se tratando do lugar, não é nenhuma novidade, aquilo tem mais homem frequentando do que o bar da tia Dulce, mas o que me desestabilizou e acelerou meu batimento foi o cheiro daquele perfume.

Um cheiro notoriamente caro, amadeirado, um aroma dominante e marcante, assim como a pessoa que surgiu na minha frente neste momento.

Fico estática no lugar, o medo de piscar e ele desaparecer me mantém imóvel e eu

aproveito para olhar.

Cabelos revoltos, não muito curtos, mas totalmente fora dos padrões dos peões da região. Uma barba que não vê a navalha há algumas semanas, olhos tão verdes quanto a água da prainha que corta a cidade. Sua boca pecadoramente desenhada e alinhada, mostrando um fraco ressecamento que a deixa ainda mais evidente e chamativa.

Trajando roupas típicas de um motoqueiro, calças pretas ajustadas nos quadris e pernas, obviamente, mostrando que não tem só tamanho, como também conteúdo. Jaqueta de couro preta, que realça sua pele clara e seus olhos se tornam ainda mais intensos, luvas nas mãos e um capacete encaixado no braço.

Um motoqueiro, mas não qualquer motoqueiro. Apesar de não ter convivido e não procurar saber muito sobre eles, um Queiroz é praticamente inconfundível nesta cidade e ele foi escolher justamente esta oficina para dar o ar da graça.

— Bom dia, moça...



Capítulo 2

“Cão que ladra não morde.”

Ritinha

Continuo paralisada, sua voz tem um timbre grosso, profundo e faz as minhas pernas bambearem com o nervosismo. O tal Queiroz me encara de forma curiosa, provavelmente, tentando entender o porquê de ainda estar parada, com cara de besta, olhando para ele.

— A moça bonita fala? — Um sorriso travesso surge em seus lábios. Provavelmente, achando graça de mim.

Reflito que de bonita não tenho nada no momento. Uma cara amassada, a ressaca tomando conta do meu humor, os cabelos pretos e lisos presos em um coque bagunçado no alto da cabeça. Reparo que estou usando uma blusa branca de alça e calça jeans surrada, foi a primeira coisa que encontrei quando acordei atrasada, e acabo lamentando profundamente.

Consigo finalmente me libertar do transe que ele me colocou, talvez algum tipo de vodu, magia negra ou qualquer simpatia de amarração que ele deve fazer. Eu nem sei qual Queiroz ele é, mas estou mais que disposta a lhe mostrar meu aposento.

Deprimente.

Percebo que seu comentário foi uma tentativa boba de jogar charme e logo recomponho minha cara de poucos amigos, franzo as sobrancelhas, comprimo os lábios e aperto os olhos. Se ele pensa que é só sorrir e eu vou me derreter, está mais do que enganado.

— Sou moça e o bonita fica pelo seu descaramento, senhor. No que posso ajudar? — Para enfatizar minha seriedade, pego um pano sujo de graxa do balcão e limpo meus dedos, encarando o feiticeiro.

— OK! Já entendi. — Ele levanta as mãos, em sinal de rendição. — Sou Vinicius Queiroz, cheguei há pouco de uma viagem e trouxe a moto que era do meu pai para uma revisão. Ela não dá partida, ficou tempo demais parada no galpão da fazenda, pode ser algo relacionado à

bateria. Gostaria de saber se o seu Jaime pode olhar para mim.

Enquanto ele fala, percebo que seus olhos me encaram dos pés à cabeça, talvez tentando entender o que uma garota está fazendo sozinha nesta oficina.

— Ele não cuida de motos.

— Não? Que merda! Vou ter que rebocar até a capital — ele lamenta, passando a mão pelos cabelos, em frustração.

— Eu olho as motos da oficina. Se quiser, pode *encostar ela* aqui. Mas já aviso: só terei tempo em algum momento da semana que vem.

O tal Vinicius me olha com curiosidade e acredito que um pouco de expectativa, certamente, não acreditando nas minhas palavras. O que, na verdade, não me importa muito. Ele que busque uma oficina mecânica na capital, se não confia em mim.

— E a moça sabe fazer isso? — Seu olhar divertido me deixa ligeiramente irritada.

— E o imbecil *tá* duvidando por quê? — Apoio uma mão no balcão e a outra na cintura.

Se sair mais uma gracinha daquela boca tentadoramente bonita, a chave de roda sobre o balcão vai ser a próxima coisa que vai beijar, por um longo tempo.

— Ow. Já vi que tem garras. Tudo bem, moça. Se não tem outro jeito, deixo a minha moto sob seus cuidados.

— Na verdade, tem outro jeito sim. *Pegue ela*, enfie numa caçamba e vá para a capital. Não preciso da sua desconfiança.

— Você é sempre assim... hostil? — Ele cerra os olhos e se aproxima de mim, deixando as mãos de forma displicente no quadril.

— E você, é sempre assim... esnobe? — Tento imitar seus trejeitos diferenciados.

— Eu não sou esnobe! — rebate, espantado.

— Mas eu sou hostil. Então, acho melhor se afastar, antes que essa chave de roda acerte sua cabeça.

— Esquentadinha você, *hein*?!

— Você não sabe o quanto.

Nossos olhares parecem travar uma guerra sem fim, minha feição rude mostra o quanto não estou para gracinhas, já ele, parece ter mudado a tática de galanteador barato para um irritante sem limites.

Mesmo que ele esteja claramente tentando me provocar com sua impertinência, hora ou outra, noto um discreto sorriso em seus lábios e minha raiva, que não era pouca, aumenta ainda mais.

— Vou deixar a moto e espero que você faça um serviço decente, dona moça. — Seu olhar debochado transborda meu limite de paciência e quando eu penso em gritar todos os xingamentos possíveis, meu pai entra na oficina.

— Dia. Achou minha filha? — Olho confusa do meu pai para o Queiroz desaforado.

— Achei sim. Muito simpática, por sinal. Vejo que a educação que ouço dizer das suas meninas fazem jus à elas. — Ele tem a pachorra de me olhar divertido e soltar uma piscadela discreta.

— Isso, elas são mesmo. Menino Queiroz, pode ficar sossegado, ela dá conta da sua moto.

— Disso, não tenho dúvidas. — Ele torna a me medir dos pés à cabeça e eu bufo para seu atrevimento. — Agora, eu preciso ir. Passo aqui semana que vem para ver a moto. Até logo, seu Jaime e... até breve, Rita Maria.

Meus olhos esbugalham e meu queixo vai ao chão, quando ele chama meu nome inteiro. Ninguém, além dos meus pais e os professores do colégio, se referem a mim dessa forma.

Afinal de contas, como ele sabe isso?

Não tenho tempo de questionar, já que ele saiu a passos largos da oficina, deixando minha mente em completa confusão e ainda mais intrigada com esse feiticeiro.

— Bom menino, esse. Bom menino.

— De onde tirou isso, pai? Ele é um dos Queiroz. Os atrevidos, forasteiros, sem postura e desrespeitosos donos da fazenda Queiroz.

- Ah, *fia*. Boato desta cidade cheia de fofoqueiros e desocupados.

— Como o senhor *conhece ele*? — Acompanho meu pai, que deita no carrinho para entrar debaixo de um carro.

— Daqui mesmo, *fia*. Ontem ele passou no fim da tarde, você já *num* tava. Mandeí voltar hoje.

— *Humm*. E como ele sabe meu nome?

— *Uai*. Eu falei *pra* ele. — Ele puxa as pernas e traz o carrinho para perto de mim — Pega essa chave sete *pra* mim? — Estico o braço e pego o que ele pediu.

— Oh, pai. O senhor acha boa ideia cuidar da moto de um grã-fino? Vai que ele caçoa do meu serviço.

— *Arah!* Rita Maria. Você e essa mania de achar que todo mundo vai zombar de você.

— Mas, pai...

— *Fia*. Presta atenção. — Ele afasta o carrinho novamente para longe do carro. — Se pensa que ele *num* vai gostar do serviço por causa disso, faz ainda *mió* e mostra que ele *tá* errado.

Meu pai e sua sabedoria popular sempre conseguem colocar uma luz de razão nas coisas que me incomodam. Ele está certo em dizer o quanto a cidade é fofqueira e acabam por falar

demais, principalmente, da filha do meio que gosta de viver com graxa no cabelo.

Vou seguir o seu conselho e mostrar para o riquinho Queiroz que não é porque uma mulher fez o serviço, que não tem qualidade. *Eita*, que vai ser uma satisfação danada ver a cara de pastel dele quando pegar essa moto novinha em folha.

Continuo meus afazeres, só que agora meus pensamentos vagam por um motoqueiro arrogante, que conseguiu muito rápido tirar minha paz. O que tem de bonito, tem de irritante e, não sei se pela beleza ou sua postura, mesmo assim, conseguiu chamar minha atenção.

Das minhas irmãs, eu sempre fui a mais grosseira. Nunca tive paciência para essa baboseira de romance, florzinhas e encontros na praça da cidade. Eu nunca levei um namorado em casa, e não foi por falta de pretendentes.

Sempre prezei a minha liberdade, poder ir e vir, ter amigos, mesmo que meus pais pegassem no pé, nunca tive um namorado para ser podada.

Nunca. Nenhum homem me interessou o suficiente, nem mesmo o Lucio, um peão, vizinho de casa e que trabalha já tem tempo na fazenda Queiroz.

Loiro, alto, braços fortes e uma pegada bem potente. Pois é, eu já saí com ele e quase caí na besteira de assumir um namoro. Enfim, ele sempre arrastou um vagão por mim, acho que até hoje sonha com a chance de namorarmos, mas eu não caio nessa.

Não quero homem achando que manda em mim, e acho que foi a arrogância do tal Vinicius que despertou meu repúdio por ele. Como disse, a beleza é importante, mas definitivamente, não é tudo em um homem.

Se ele quer se achar o macho alfa para cima de mim, eu mostro que comigo não se cria e logo o coloco em seu devido lugar.

O único problema nisso tudo é conseguir colocar ordem no tamborilar do meu peito quando olho demais para ele. Parece um feiticeiro, que joga sua magia e transforma as pernas da

gente em gelatina derretida e sedenta por uma prova dele.

Tem cara de que beija bem, aliás, muito bem. Não quero nem imaginar como ele é fazendo outras coisas. Eu não sou uma desavergonhada, só estive com um homem na cama e, sim, o Lucio, peão e meu vizinho.

Não posso dizer que me arrependo, pois, o peão sabe domar o touro, fazer a prova de tambor e adestrar uma égua como ninguém, mas se eu soubesse toda a *melação* que ele ia ficar, tinha desistido antes que fosse tarde.

Tudo bem que eu não precisava cair sempre em tentação e visitar o estábulo dele na calada da noite, mas o que posso dizer a meu favor? O corpo é fraco e minha alma, com certeza, já tem uma vaguinha ao lado do capeta.

Faço o sinal da cruz, por reflexo, e aproveito para fazer uma pequena prece pedindo perdão a Deus por não segurar o fogo que me toma em alguns momentos.

— Rezando, Ritinha?

— Ai! Moleque, enxerido! — Pulo no lugar, com o susto que tomo.

Como reflexo, acerto um tapa estalado no braço de Josival, que se encolhe com o meu ataque.

— *Eita! Lasquei-me!* — Ele sai pulando e fugindo de mim.

Limpo meus pensamento e foco no motor à minha frente, já faz alguns dias que estou empacada neste serviço e não aguento mais a dona passar por aqui constantemente para saber quando eu entrego a moto dela.

Pensasse antes de pilotar de qualquer jeito e não cuidar nem um tiquinho da manutenção preventiva dela. Agora, preciso me apressar pela falta de cuidado de uns e outros.

Tá certo que agora tem um motivo a mais, já que eu tô doidinha para mexer na Harley

que encostou aqui. Quero terminá-la antes do prazo, assim me livro do seu dono o quanto antes e, de lambuja, tenho a cara dele no chão, tendo de admitir que eu sou uma boa mecânica.

— *Fia*. Já vô almoçar. Quer que eu traga uma quentinha?

— Oh, pai. Quero sim. Vou terminar esse motor o quanto antes.

— *Tá certo*. Josival! Oh, Josival — Tapo um ouvido para aplacar o berreiro do meu pai.

— *Tô aqui*, seu Jaime. — O menino volta, esbaforido.

— Vamos comer.

— Opa! *Simbora*.

Rio da felicidade do garoto quando escuta a palavra comida. Nunca vi igual, mas ele come e só pensa em comer. É magro de ruindade mesmo.

Eles saem conversando pela porta e eu os acompanho, rindo das piadas que meu pai conta para o menino. Mesmo não tendo graça, Josival sempre arranja algo para se apegar e rir, não sei se de medo ou de *tapadice*.

Encosto na entrada e observo o movimento da rua. A essa altura, o sol já bate a pino no asfalto e o calor começa a incomodar qualquer um. As ruas são largas, ainda de paralelepípedos, e comportam o trânsito dos veículos, carroças e bicicletas que passam de um lado para o outro.

A cidade não tem tantas ruas e essa, onde a oficina se localiza, é uma das principais da cidade. Todo e qualquer movimento para qualquer lugar passa por aqui. Por isso, também é conhecida como a rua onde tudo acontece, principalmente, as fofocas.

Olho para o final dela e vejo uma caminhonete branca, grande e muito bonita se locomovendo devagar. Dá uma ligeira parada quando passa por um grupo de meninas que caminham na calçada, escuto a buzina e logo ela se movimenta de novo.

Atento minha visão para o motorista e, claro, tinha que ser o tal Queiroz no volante.

Parece que não está sozinho, vejo a sombra de outro homem ao seu lado, mas o reflexo do sol não permite que eu o veja com clareza.

Balanço a cabeça, constatando que tudo que eu ouvi e imaginei sobre os homens dessa família, são a mais pura verdade. Meu pai, provavelmente, repreenderia meus pensamentos, alegando que eu não posso julgar todos pela atitude de um, mas ele não sabe tudo que já ouvi.

No bar da tia Dulce, depois que a mulherada bebe suas doses, acabam cantando igualzinho os canários da árvore no quintal de casa e eu fico chocada com as coisas que escuto.

Faço o sinal da cruz novamente, na tentativa de livrar meus pensamentos das impurezas que já ouvi sobre esses irmãos.

— Rezando, Rita Maria? — Dou um pulo, me assustando novamente, quando percebo a voz da tentação pronunciar meu nome.

Olho em sua direção e vejo que parou a caminhonete do outro lado da rua e sua atenção está totalmente voltada para a oficina. O homem ao seu lado é muito parecido com ele, só que um pouco mais velho. Talvez, um dos irmãos.

— Não é da sua conta — respondo, grosseira, e marcho para dentro da oficina e, mesmo longe, posso ouvir sua gargalhada sacana, em um timbre grosso, que arre pia toda a minha pele.

Faço o sinal da cruz mais três vezes e começo a pensar que seria uma ótima ideia acompanhar minha mãe e minha irmã mais velha na missa da igreja.



Capítulo 3

“Apressado come cru e quente.”

Ritinha

Depois de um dia exaustivo, confuso e muito intrigante, finalmente estou em casa, tomando meu banho e tirando todo o suor de um dia quente. O calor nesta época do ano é tanto, que o chuveiro fica desligado e a água fria é mais que bem-vinda para aplacar a temperatura do corpo.

Enxugo meu corpo rapidamente quando a porta começa a ser espancada pela minha irmã carola, que precisa tomar banho para ir à igreja. De novo.

— Calma, Toninha!

— Anda logo, Ritinha. Parece que morreu aí.

— Se eu tivesse morrido, não estava respondendo, besta.

— Olha essa boca. Mãe! Ritinha *tá* enrolando no banheiro!

Enrolo a toalha no meu corpo rapidamente e destranco a porta, irritada com minha irmã cheia de graça.

— *Tá* achando que vou tomar um *safanão*, Toninha? Não sou mais criança e, mesmo sendo a mais velha, te dou uns tapas.

— Nada de briga, as duas. — Minha mãe surge não sei de onde.

— Ela que começou — dizemos as duas em uníssono e minha mãe balança a cabeça, indo para a cozinha.

— Anda logo, Toninha. Preciso ir para o bar — Paulinha para no corredor para alertá-la.

— Já vai *pro* antro de perdição? — A reprimenda em sua voz é evidente.

— Não, irmã. Perdição são os peões gostosos que passam por lá — Paulinha responde

baixo, em tom conspiratório, e se abana.

— Nisso, eu tenho que concordar — falo, circulando as duas e indo para o meu quarto.

— Valha-me Deus... — Toninha resmunga e eu ainda escuto a gargalhada da Paulinha, antes de ela me seguir e fechar a porta do quarto.

Temos um quarto em conjunto, já que são muitas filhas e a casa não é tão grande. Então, minha mãe dividiu as filhas em dois quartos, não muito grandes, mas com espaço suficiente para cada uma ter seus pertences.

E dona Lélia, como desde sempre foi muito perspicaz, acertou em cheio colocando Paulinha e eu juntas e deixando a Clarinha, que é a mais nova, e Toninha no quarto ao lado.

Nós sempre fomos mais ativas, molecas e cheias de energia. Brincávamos na rua até tarde, Paulinha arrumava briga com as meninas e eu intervinha e, toda vez que algum garoto roubava minha pipa, ela usava do seu tamanho e os intimidava.

Já Toninha e Clarinha sempre foram as meninas do quintal. Montavam casinhas, brincavam de bonecas ou de comidinha, sempre dentro de casa e sem muitos amigos à sua volta.

— *Tá recuperada?* — ela fala, se jogando na cama.

— *Tô só o pó.* Nunca mais fico *pra* só mais uma cerveja. Paulinha, você não tem limites.

— Claro que tenho. A diferença é que meu limite é maior que o seu. — Ela gargalha e eu jogo nela a blusa que eu ia vestir.

— O pai tentou chamar minha atenção, mas, por sorte, chegou cliente e teve que parar. Ele ainda vai aparecer lá atrás de você. Então, não abusa.

— Já tenho vinte e cinco anos, Ritinha. O pai não tem que ficar atrás de mim. No máximo, atrás da Clarinha, que fez dezoito.

— Você sabe que não é bem assim e, além de tudo, tem os vizinhos. Josival veio me falar que viu a gente no bar.

— Esta cidade é um ovo, claro que ele viu, mas e daí?! Ninguém tem nada a ver com isso.

— Você é maluca e eu sou mais maluca de te dar ouvidos.

— Nós somos iguais, irmã. Indomadas e muito à frente desta cidade cheia de preconceitos.

Balanço a cabeça, negando, mas no fundo, sou obrigada a concordar com ela. Tudo é motivo de escândalos por aqui e qualquer deslize é motivo de ser colocado nas rodas de bochicho e só te esquecem quando um novo escândalo acontece.

— Hoje eu conheci pessoalmente um dos irmãos Queiroz. — Paulinha levanta em um pulo, atenta ao meu comentário.

— Qual? Quem? Ele é bonito?

— Ah, sei lá. Achei *ele* tão arrogante.

— Sério? E qual deles é?

— O Vinicius.

— O filho do meio. Acho que acima dele é só o Rômulo, o mais velho. Ele é o filho mais afastado da fazenda. Lembro dele na adolescência, sempre foi o mais brincalhão e meio safadinho. Mas eu nunca tive chance, era duas do que sou hoje, nunca nenhum deles olharia para mim.

— Ah, para. Você sempre foi linda.

— Mas era gorda demais para qualquer garoto querer me beijar. Eu sei o que passei, mana.

— Mas não passa mais. Agora é um mulherão lindo, de parar a rua.

— Deixa de bobeira e me conta. Como ele é? Lindo, irresistível e um devorador de calcinhas, como dizem por aí?

— E como eu vou saber, Paula? O homem esteve lá para deixar a moto do pai no conserto. — Omito tudo que senti e vi dele.

Paula é meio maluca e um tanto delirante, se eu mencionar o quanto o feiticeiro Queiroz mexeu comigo, provavelmente, vai criar mil expectativas, situações e é bem capaz de querer armar algum encontro para nós.

— Impossível não saber. Me lembro bem deles mais jovens e sempre foram lindos de morrer. Duvido que não estejam ainda melhor agora.

— Não importa. Eu nunca vou sair com ele.

— Senti uma ponta de lamentação, aí? — Ela aproxima seu rosto do meu, fingindo me analisar.

— Para de maluquice. Não tem lamentação nenhuma. Só falei a verdade.

— Esqueci que você é a prometida do Lúcio.

Busco o travesseiro atrás de mim e o arremesso na sua cabeça, fazendo-a deitar para trás com o impacto.

— Para com isso! — falo, irritada.

— Quem vive dando esperanças para o pobre coitado é você.

— Não dou nada.

— Ah, dá sim, mana. Mas é outra coisa.

Quando ameaço partir para cima dela e calar sua boca, que só sabe me provocar, a porta é aberta e Toninha fica nos encarando.

— O que *tá* acontecendo aqui?

— Nada — falamos em uníssono.

— O banheiro *tá* livre, Paulinha.

— Maravilha! Fui!

Paulinha levanta em um pulo, buscando pela sua toalha que já estava separada em cima da cama e, antes de sair do quarto, ela olha para trás e joga um beijo no ar para mim e eu rio da sua expressão sapeca.

Solto meu corpo na cama e fecho meus olhos, jogando um braço sobre eles. Paulinha é a irmã que mais confio, não que não confie nas outras, mas como já falei, não estamos na mesma sintonia. A única que sempre teve grande parcela do meu verdadeiro eu foi ela e é com quem eu mais divido as coisas que me acontecem.

Até sobre Lucio e como foi nossa primeira vez eu contei, não tive vergonha e nem receios, ela soube me compreender sem julgar e ainda me ajudou a tirar as dúvidas que eu precisava sobre as questões de saúde e prevenção.

Sinto meu peito comprimir novamente, tentando entender como não fui capaz de falar tudo sobre o tal Vinicius. Concorde que não tinha muito o que dizer, afinal, não aconteceu nada de mais, mas ele mexeu comigo.

Incomodou de uma forma que nunca senti com ninguém, e essa irritação sem fim cada vez que eu lembro do seu sorriso fácil, não tem me deixado um minuto em paz.

Talvez ela conseguisse me ajudar a entender alguma coisa, ou simplesmente colocar para fora pudesse esclarecer as dúvidas, mas tive medo. Logo eu, que raramente tenho medo de alguma coisa, tive medo de falar o quanto a voz daquele estranho me arrepiou, ou a sua presença me deixou incomodada e afoita.

Solto uma lufada de ar e tento limpar novamente minha mente desses pensamentos

confusos, sento na cama e busco meu par de tênis vermelho no pé da cama e o calço.

Tiro o prendedor do cabelo e encaro meu reflexo no espelho, passando a mão pelo meu cabelo bagunçado, na tentativa de trazer alguma ordem para ele.

Dou-me por satisfeita e saio do quarto, vou dar uma volta na praça, ver o pessoal e, quem sabe, ir até o bar, mas desta vez, sem beber. Só olhar o movimento.

Como diz minha mãe: “cabeça vazia, oficina do diabo”, no meu caso, o diabo é alto, olhos verdes, lindo e provavelmente com tudo no lugar e bem definido.

— Mãe, tô saindo.

— E vai aonde? — ela fala da porta da cozinha.

— Dar uma volta na praça. Nada de mais.

— Não demora. A janta tá quase pronta.

— Pode deixar.

Dou um beijo estalado na bochecha do meu pai, que está acomodado na habitual poltrona no canto da sala, assistindo ao jornal na televisão.

Nossa casa não é tão grande, então, da porta da sala você facilmente vê a rua, já que o portão é pequeno e meio baixo, assim como o muro que cobre toda a frente.

Em poucos passos estou na rua, sinto a brisa suave batendo nas minhas pernas. Escolhi vestir um short de pano leve e uma regata branca, bem confortável e cômodo para caminhar e aplacar o calor que faz em Palomino.

A rua está bem movimentada, ainda é cedo, o fim de tarde fica lindo quando o sol está baixo assim. Crianças correm na rua em suas brincadeiras, algumas senhoras e senhores sentados em bancos na frente das suas casas e o burburinho das conversas faz o som ambiente.

Aceno para dona Mirtes, a mais fofqueira do bairro e, provavelmente, da cidade. A

mulher vê maldade em tudo e sempre acha que alguém está escondendo alguma coisa. É quase a investigadora por aqui e Deus nos proteja de cair na língua dela.

Continuo caminhando, gosto desse tempo sozinha, posso colocar meus pensamentos em ordem e andar me acalma. Olho para o outro lado da rua e vejo Lucio entrando em sua casa.

Desvio a cabeça, olhando para frente antes que ele perceba que eu o vi e aperto meus passos. Tem uns meses que tenho evitado falar com ele, não atendo suas chamadas, evito contato em qualquer lugar e sempre fujo quando ele aparece em casa com a sua mãe.

Depois que a dona Mirtes, a fofoqueira que comentei, o viu pegando na minha mão, praticamente montou nosso *casório* no bairro e eu tive que aguentar as pessoas me parabenizando por um noivado que nunca existiu.

Minha mãe ficou feliz, achando que pudesse ser verdade, mas eu tratei de desmentir na frente de Lucio e o fiz afirmar para ela que somos bons amigos. Vi a mágoa em seus olhos, ele achou que finalmente eu assumiria algo e quando neguei irrefutavelmente para minha mãe, isso o chateou.

Ficamos algumas semanas sem nos comunicar e eu aproveitei a deixa para seguir com a minha vida. Se eu não tenho sentimentos por ele, também não é certo usá-lo para sexo e alimentar falsas esperanças.

As semanas se tornaram meses e eu tenho mantido desta forma. Ainda noto ele me olhando quando passo, vez ou outra chega uma mensagem perguntando se estou bem, mas eu mantenho o silêncio.

Está na hora de colocar fim em alguns hábitos, principalmente, àqueles que não são tão saudáveis.

Caminho tão apressada para não ser vista por ele, que atravesso um cruzamento de ruas sem olhar para os dois lados.

Escuto pneus cantando no asfalto, fecho os olhos por reflexo e sinto um suave toque no meu quadril, indicando que algo ia bater em mim.

Olho assustada para o lado e fico chocada ao ver meu corpo colado ao para-choque da caminhonete branca, brilhosa e, provavelmente, muito cara que vi Vinicius Queiroz mais cedo.

Meu coração que já tamborilava pelo susto e medo de ser atropelada, agora entra em descompasso vendo o homem de sorriso fácil atrás do volante, encarando-me divertido.

Seu corpo sai quase pela metade da janela do motorista e com uma mão no volante e a outra na lataria da caminhonete, ele acena com a cabeça e diz:

— Distraída com algo, moça bonita?



Capítulo 4

“Quem com ferro fere, com ferro será ferido.”

Ritinha

Continuei parada no mesmo lugar, ainda tentando entender se o tremor que percorria por todo meu corpo se deu ao susto, ao quase atropelamento ou aquele homem com metade do corpo para fora do carro me encarando com um sorriso sacana e de cair calcinha.

A minha com certeza queria cair.

Minha quietude parece tê-lo incentivado e voltando o corpo para dentro do carro, observo-o abrir a porta e descer em toda a sua imponência e tamanho. O homem é realmente notável, do tipo que faz qualquer um parar e observar. Sua beleza destoava da paisagem simples daqui e, mesmo que não fosse um membro importante da família mais influente da cidade, chamaria a atenção de todos à sua volta.

Caminhando em passos confiantes e com o rosto agora um pouco confuso, ele encurta a distância entre nós e só saio do meu segundo transe patético pelo mesmo motivo no dia quando suas mãos grandes envolvem meu braço com cuidado.

— Me solta! Você é o quê? Um idiota? Não me viu atravessando?

Ele pisca algumas vezes e por segurança se afasta um passo para trás, tornando sua postura mais dura e a feição mais carregada do que momentos atrás.

— Você apareceu do nada e bem distraída. Não tenho culpa da sua falta de cuidado, Rita Maria — ele se defende e eu aperto meus olhos em sua direção.

— E eu agora sou invisível, *uai*. Parece besta. Pensa que é dono da rua, Vinicius Queiroz?

— Não penso não. Mas se faz tanta questão, te levo ao posto médico para garantir que não tem um arranhão em você. Talvez deem algum remédio *pra* sua cabeça avoada — ele se

altera e eu perco a estribeira.

— Avoada vai ser minha mão na tua fuça se falar comigo assim de novo.

— Ei! Ei! Ei! O que está acontecendo aqui, Viny? — Escuto uma voz potente chamando a atenção do desaforado.

Olho em sua direção e reconheço o mesmo rapaz que o acompanhava no carro esta tarde.

— Nada, irmão. Só uma maluca distraída.

— Maluca é a senhora sua mãe.

— Eu? — Uma voz baixa e doce soa atrás da muralha ignorante à minha frente e eu fecho meus olhos em reflexo.

— *Eita, lasquei-me...* — lamento em voz baixa.

Abro os olhos e vejo a senhora Queiroz surgir de trás do seu filho, seu olhar não parece ofendido, mas um tanto curioso. Arrisco olhar na direção de Vinicius e o paspalho ostenta o sorriso mais debochado na cara. Sabendo da vergonha que estou passando, aproveita para se divertir com isso.

— Quem é você, minha jovem? — a senhora pergunta e encolho de vergonha.

— Sou... a Ritinha. Filha da Lélia e do Jaime.

— A doceira, mãe — o outro homem complementa.

— Ah, sim. Você está bem? Se machucou?

— Tô bem sim. Não foi nada — respondo, sem graça.

— Até agora há pouco queria arrancar minha cabeça por quase te atropelar. — Não preciso mencionar quem disse esse disparate, não é?

— Arrancar sua cabeça é quase uma necessidade — respondo sarcástica e logo encaro dona Rute, dando de ombros como lamento.

— Ela que está arrumando a moto do papai, mãe — Vinicius comenta com a mãe.

— Ah, é mesmo? Que interessante. Uma mecânica.

— Sim, senhora. Garanto que o serviço vai ficar de primeira.

— Não tenho dúvidas.

— Assim espero.

Os dois respondem ao mesmo tempo e, apesar do olhar repreensivo da mãe para o filho sem noção, resolvo ignorar seu comentário e continuo olhando para a senhora gentil à minha frente.

— Estávamos indo à sorveteria da cidade. Quer nos acompanhar, Ritinha? — ela oferece, cordial.

— Ah... eu não...

— Por favor. É o mínimo que podemos fazer depois desse incidente.

— Preciso ir para casa. Jantar com a família.

— Claro. Isso é importante. Bom, então prometa uma visita na fazenda para um almoço, quem sabe? — Ela olha de mim para Vinicius e ele só dá de ombros, não se importando muito.
— O que me diz?

— Pode ser. A gente combina.

— Avise para o Vinicius. Tenho certeza de que ele vai lhe atormentar muito para saber como anda o conserto da moto.

— Disso eu não duvido — respondo, meio sarcástica, e ele percebe.

— Mãe, vamos. Ainda tenho compromisso mais tarde. Ritinha, não é? — Aceno com a cabeça para o irmão que estava ao lado de Vinicius. — Mande lembranças à Toninha, diga que foi Rômulo que mandou. — Ele pisca um olho, um jeito bem parecido com o arrogante do irmão e vai em direção ao carro, teclando algo no celular.

— Ritinha. Mesmo nessas condições, foi um prazer. Não esqueça do nosso encontro.

— Claro que não. Obrigada e desculpe qualquer coisa, dona Rute.

— A mim que você deveria se desculpar. Não parou de me ofender um minuto. — Vinicius toma à frente e recebe uma pequena cotovelada da mãe.

— Não ligue para meu filho. Ele tem uma sinceridade incomum e não sabe se portar muito bem perto de moças bonitas feito você.

Enrubesco na mesma hora e não consigo mais olhar na direção do paspalho. Sorrio, sem graça, e viro nos meus pés voltando direto para casa. Minha tentativa de espairecer hoje saiu totalmente fora do controle e acho que consegui piorar ainda mais a minha situação.

— Te vejo amanhã, Rita Maria! — Escuto o grito um pouco distante, mas evidenciando todo o gracejo no seu tom de voz.

Fecho os olhos por um momento, balançando a cabeça em negação, sei que isso foi mais que um aviso. Na verdade, a promessa estava implícita e a tentativa de atormentar meu juízo estava lançada e ele aproveitaria de cada momento só para me irritar ainda mais.

Entro em casa feito foguete e vou direto para meu quarto. Escuto meu pai chamando do mesmo lugar que o vi quando saí, a poltrona no canto da sala. Ignoro e continuo caminhando, minha cabeça doendo e a vontade de bater e beijar um certo alguém toma conta de todos os meus pensamentos.



Já era bem mais tarde quando finalmente parei de revirar na minha cama, ora com raiva,

ora com desejo, ora com raiva do meu desejo e resolvi buscar algo para comer na cozinha. Pulei a janta, aleguei estar com muita dor de cabeça e resolvi dormir um pouco e comer algo mais tarde.

Paulinha ainda não chegou do serviço, provavelmente, o movimento está bom e isso acaba prendendo-a ainda mais no bar, o que obviamente desagrada meus pais, mas é seu trabalho e eles não podem reclamar todas as vezes que isso acontece.

Entro na cozinha e abro a geladeira buscando por alguma sobra que seja fácil de comer e não demande muita bagunça na cozinha, já arrumada, da minha mãe. Ela provavelmente ficaria louca da vida se eu começasse uma escola de samba a essas horas buscando fazer uma boquinha.

— O que você está fazendo?

Pulo de susto e levo a mão ao peito, encarando uma Toninha séria no meio da cozinha.

— Assistindo a TV que não é.

— Grossa.

— Tô com fome.

— Não jantou?

— Não. *Tava* com dor de cabeça.

— Sei...

— Ah, quase me esqueci. Vi uma pessoa que te mandou lembranças hoje.

Enquanto eu falo, Toninha finge me ignorar com maestria, entrando na minha frente na geladeira e pegando uma garrafa de água da porta.

— Quem?

— Rômulo Queiroz.

A garrafa escapa das suas mãos, caindo perto do seu pé, por sorte, é de plástico e não espatifou em mil pedaços pelo chão. Ela parece não ter notado o acontecido, já que continua me olhando com cara de assustada e não move um músculo sequer.

— O... o que... o que ele disse? — ela finalmente consegue manifestar e eu estranho sua atitude.

— Nada de mais. Na verdade, foi só isso. — Dou de ombros e abaixo, pegando a garrafa de água e devolvendo na sua mão.

Ela finalmente parece sair do seu estado de torpor e dá um sorriso amarelo para mim, firmando a garrafa nas mãos e saindo em seguida da cozinha, me deixando sozinha e confusa com seu comportamento.

Resolvo não me preocupar como algo que, talvez, não seja nada que valha a pena. Toninha é estranha, sempre foi. Talvez isso só foi reflexo comum dos seus pensamentos puritanos e o quanto um Queiroz mandar lembranças pode ser algo errado.

Se bem que é no mínimo curioso o tal Rômulo conhecer minha irmã. A vida dela sempre foi da igreja para casa e depois de formada em Enfermagem, ela alterna entre a igreja e o posto médico.

Claro, ela deve conhecê-lo do posto médico. Todo mundo já foi em algum momento atendido pelas mãos da minha irmã. É só ela e mais uma enfermeira na cidade, provavelmente, já o atendeu em alguma emergência.

Ocupei minha mente com o que iria comer e alimentei minha barriga que já protestava de fome. Depois de saciada, vou até a sala e abro a porta e, sem acender a luz para não causar alardes, fico observando a rua. Pelo horário, já não há mais nenhum fluxo de pessoas, outra característica para quem mora em cidade pequena, o povo levanta com as galinhas e dorme com os pássaros.

Passava das onze da noite e você já não via mais ninguém caminhando, tirando uma prosa ou até passeando de carro. Salvo os costumeiros farristas que bebiam no bar da tia Dulce, nada fugia da normalidade.

Estou distraída, sentindo a brisa suave batendo no meu rosto e refrescando um pouco do calor que está dentro de casa, quando ouço uma risada conhecida não muito longe de onde estou. Estico o pescoço na direção do som e vejo Tetê, não muito longe dali, acompanhada de um homem.

Ele está de costas para mim, por isso, não identifico de começo, mas obviamente as investidas das suas mãos no corpo da nossa vizinha é o que está causando tanto riso.

O homem é ousado e a Tetê, sendo a Tetê, não se fez de rogada e estava se amontoando para cima dele. Um verdadeiro escândalo para qualquer vizinho e um show para os curiosos, como eu.

Eles tropeçam em seus próprios pés a caminho da casa dela. Passaram do outro lado da rua e nem notaram a minha presença. Pudera, já que estou na penumbra e, pelo comportamento dos dois, o álcool já dominou os sentidos e a postura ficou em algum lugar entre os copos bebidos.

Tetê é conhecida por essas coisas. A vizinha fácil que dá bola para todo mundo. Já foi casada, é nova e muito bonita, o ex-marido é caminhoneiro e em uma de suas viagens, acabou fazendo casa, família e ficando por lá. Mandou uma carta comunicando e, desde então, ela é assim, dada.

Eu não a julgo, eu estaria aproveitando ao máximo minha vida se algo do tipo acontecesse comigo, mas ela precisa entender os reais motivos de agir assim e não ferir sua autoestima numa busca sem fundamentos.

Estico um pouco o pescoço, tentando reconhecer o homem da vez, mas não consigo sucesso.

— É Rômulo Queiroz.

Pulo e tapo a boca para não deixar o grito preso em minha garganta com o susto que tomo. Olho espantada para trás e vejo Toninha parada logo atrás de mim, olhando na mesma direção que eu estava observando.

— Que susto! — sussurro, feroz.

— Está aí cuidando da sem-vergonhice dos outros. Eu só quis te ajudar.

— Eu não estou cuidando de nada. Só parei aqui para aproveitar a brisa e eles passaram. E como você sabe que é o Rômulo?

Ela dá de ombros e não responde, voltando sua atenção para o casal que já entrava na casa.

— Vou dormir. Fecha essa porta, Ritinha. Já é tarde.

Não respondo nada, mas faço exatamente o que ela diz. Já está tarde e amanhã eu preciso estar de pé bem cedo na oficina.

Quando deito a cabeça no meu travesseiro, recordo do tal Rômulo comentar com a mãe que tinha pressa porque ainda tinha um encontro hoje. Será que Tetê era seu encontro? Não que isso me importe, mas como nunca ouvi dizer sobre um romance de qualquer Queiroz, não imagino que um deles começaria isso com a desfrutável da rua.

Faço o sinal da cruz e começo minhas orações do dia, pedindo perdão a Deus pelos meus pensamentos julgadores. Afinal de contas, eu nada tenho a ver com quem os dois saem, eles são solteiros e fazem o que lhes convier. Termino pedindo encarecidamente para que amanhã eu tenha uma trégua do feiticeiro irritante e que consiga consertar sua moto o quanto antes, para me ver livre logo desta confusão que ele representa.



Capítulo 5

“Caiu na rede, é peixe.”

Ritinha

Olho a mesa farta e sinto meu estômago aticar para beliscar alguma coisa. Minha mãe é doceira na cidade e sempre tem alguma encomenda para uma festa de aniversário, casamento ou qualquer comemoração.

Seus doces são de lambar os beijos e, por conta disso, acabou pegando pedido de alguns estabelecimentos para fornecer doces.

Vejo uma panela de brigadeiro praticamente vazia em cima da mesa e corro para pegar uma colher e raspar o fundo. Tento ser rápida, o brigadeiro da dona Lélia é o mais disputado entre minhas irmãs e eu, sei que se elas perceberem que tem sobra dele aqui, virão feito abutres.

— Saia já da minha cozinha, Ritinha.

— Bom dia, mãe. — Sorrio o mais inocente possível.

— Te conheço. Larga essa panela e vai trabalhar.

— Já estou indo. Só quero sentir um gostinho. — Cutuco a panela, que logo é tirada das minhas mãos por ela.

— Vai trabalhar, menina — ela ralha, mas eu vejo a sombra do sorriso em seu rosto.

Contorno a mesa, dando-lhe um beijo estalado, e saio da cozinha, saltitando, para um dia promissor. Claro que tento a todo custo ignorar a promessa do irritante de que passaria hoje na oficina. Essa birra já está saindo de controle e não tem cabimento eu viver acerca de suas provocações.

— Olá, mana. — Encontro com Paulinha saindo de casa.

— Oie. Bom dia. Chegou tarde ontem.

— Ai, por Deus. Sim. Tinha uns viajantes no bar e ficaram de prosa até ficarem

bicudos^[1]. Fiquei com pena da tia Dulce e resolvi esperar com ela até que partissem.

Concordo com um aceno, enquanto saímos pela calçada caminhando a passos lentos. A manhã é tranquila na rua e o sol aquece fracamente nossa pele.

— Ontem eu vi a Tetê — comento, me lembrando do ocorrido na madrugada.

— E? — Paulinha deu de ombros, não entendendo aonde eu queria chegar.

— Ela estava acompanhada de um dos irmãos Queiroz.

— O seu? — Ela segura meu braço com força, parando nossos passos.

— Que meu? *Tá doida?* — praticamente grito e solto seu aperto de mim.

— Foi maneira de falar. Mas foi ele? — Ela sorri, conspiratória.

— Não. Foi o mais velho. O tal Rômulo.

A expressão no rosto da minha irmã se torna claramente desgostosa. Ela solta um “ah” e continua caminhando, não dando mais tanta importância.

— De onde esse Rômulo conhece a Toninha?

Minha curiosidade volta, achando estranha a atitude dela e lembrando automaticamente de como Toninha reagiu quando dei o recado desse homem.

— Não sei. Como eu saberia?

— Vocês tem quase a mesma idade e frequentaram o colégio juntas. Ele deve ter a idade de vocês, ou um ano mais velho, no máximo. Provavelmente, foi de lá, certo? Depois que eles foram para faculdade, nunca mais foram vistos tempo demais por aqui e a Toninha mais vivia dentro da igreja do que fora.

— Eu não sei — ela responde calmamente, ainda caminhando.

E de novo eu estranho sua atitude. Paulinha sempre foi a mais questionadora,

investigativa e atormentadora de nós. Não há muita coisa que conseguimos esconder dela e uma situação dessas normalmente despertaria seu interesse. Mas, ao contrário, ela parecia querer fugir de algo.

— Você tá escondendo alguma coisa.

Ela para seus passos e vira em minha direção, encarando meus olhos, quando cruza os braços em frente ao corpo.

— E você? Seus olhinhos brilharam quando falou do Vinicius Queiroz e, pelo que soube no bar ontem, você ficou de conversa com ele e a mãe no fim da tarde. O que tanto conversaram e por que isso não foi a primeira coisa que me contou hoje?

Engulo em seco. Meus olhos arregalados possivelmente entregam a apreensão que eu estava sentindo desde ontem, quando tive um medo danado de falar para ela tudo que eu guardava, desde que coloquei meus olhos naquele feiticeiro.

— Eu quase fui atropelada por aquele riquinho e ele e a mãe estavam se desculpando. Nada de mais. — Tento soar o mais tranquila possível.

Paulinha estreita seus olhos para mim, não muito convencida do que estava ouvindo, mas eu mantenho minha postura firme, tentando persuadi-la o quão insignificante foi toda aquela cena.

— Sei...

— Bom dia, meninas. — Salva pela fofoqueira do bairro.

— Dia, dona Mirtes — respondemos juntas.

— Fiquei sabendo que sofreu um acidente, Ritinha. — Não disse que era exagerada?

— Foi quase um atropelamento, mas não aconteceu nada de mais.

— Esses meninos Queiroz são uns imprudentes, isso sim.

Sorrio, sem graça, e não dando muita margem para assunto, continuo caminhando rumo à oficina junto da minha irmã. Quando chegamos à rua da oficina, nos despedidos, eu seguindo para o trabalho e ela rumando ao mercado para comprar algumas coisas que minha mãe pediu.

— Dia, pai. *Bença*.

— Bom dia, Rita Maria.

Entrei tão distraída em meus pensamentos que não vi o feiticeiro parado na bancada, onde eu costumo trabalhar. Olhei em volta não encontrando meu pai e nem o enxerido do Josival, constatando que estamos sozinhos. Engulo em seco e respiro fundo, tentando disfarçar o nervosismo que começa a se alojar nas minhas entranhas.

— O que faz aqui? — pergunto, sem rodeios.

— Nossa! Quanta receptividade. Eu vim ver minha Harley. Te avisei ontem. — Seu corpo que estava apoiado no balcão se endireita e enfia as mãos no bolso da sua calça jeans surrada.

— Já disse que ainda não tô trabalhando nela. Quem sabe, amanhã. — Vou para a bancada enquanto falo. Olhá-lo não é um bom negócio, então resolvo usar a tática da ocupação.

— Ok. Minha mãe quer saber se vai almoçar lá em casa no fim de semana — responde, ainda próximo de mim e isso continua me incomodando muito.

— E por que eu faria isso? — questiono, surpresa, encarando seu rosto.

— Não me lembro de você ter batido essa linda cabeça ontem. Esqueceu que ela te convidou? — Estreito meus olhos para seu comentário zombeteiro.

— Não esqueci, não. Mas isso é besteira. Não tem por que ela se incomodar. Nada aconteceu, no fim das contas, *uai* — repito meus argumentos, tentando mostrar meu ponto e seu riso baixo me incomoda.

— Diga tudo isso você mesma à dona Rute. Espera, eu vou ligar *pra* ela agora.

Ele se vira tirando o celular do bolso de trás da calça e começa a mexer nele. Começo a pensar na desfeita com que respondi e o medo de parecer ainda mais grosseira com aquela senhora tão gentil, salto na direção dele, contornando seu corpo e tento tirar o celular de sua mão.

Vinicius, que é mais alto e mais forte do que eu, obviamente, ergue a mão deixando o celular no alto e com a outra ele barra meus braços, que tentam alcançar o aparelho.

— Para com isso, seu idiota! — Tento pular e alcançar o aparelho.

— Se você conseguir tirá-lo de mim, eu paro. Baixinha!

Não me dou por vencida, salto irritada e nossos corpos acabam se chocando. Na tentativa de me parar ou se aproveitar do meu desespero, com o braço livre Vinicius enlaça minha cintura e me mantém cativa em seu aperto.

Minhas mãos param por instinto em seu peitoral, firme, duro. A camiseta branca que está vestindo evidencia sua força e dá uma boa amostra de tudo que ela esconde.

Nossas respirações se tornam pesadas, seu pescoço inclina em direção ao meu rosto, permitindo que nossos narizes quase se toquem. Nossos objetivos já estão praticamente esquecidos em um momento qualquer, minhas mãos movem-se ligeiramente sentindo seu tórax, seu braço se ajusta um pouco mais e isso aumenta a pressão entre nossos corpos. Arfo sentindo que minha boca está seca e, por instinto, umedeço meus lábios ressecados e isso foi o meu terrível erro.

Vinicius entende como um convite e, tão rápido quanto um raio, seus lábios se chocam com os meus, suas mãos sustentam minha cintura e sinto meus pés quase saírem do chão à medida que sua língua atrevida invade minha boca e eu não consigo ter qualquer reação que não seja acompanhar toda esta loucura.

Minha Nossa Senhora das Garotas Taradas e Enlouquecidas!

Que gosto bom. Muito bom. Mais do que bom. Na verdade, é um gosto que eu nunca senti na vida, mas só sei querer sentir mais e mais. É viciante seu sabor, o melhor dos doces, o mais luxurioso toque que me jogou rapidamente à beira do irracional.

Seu beijo é exatamente como ele. Atrevido, imponente e invasivo. Sua língua busca a minha e a circunda com vontade, fazendo meu ar se tornar escasso nos pulmões e minha cabeça girar feito um chapéu mexicano do parque de diversões.

Um gemido contido vindo da sua garganta é o gatilho para me trazer à realidade e, espalmando as duas mãos em seu peitoral firme, empurro-o com toda a força que consigo reunir e isso o faz cambalear alguns passos, encarando meus olhos.

Nossas respirações claramente irregulares e em sua boca as marcas evidenciais da nossa loucura, o que o deixa ainda mais irresistível, eu me apego no seu olhar para manter o mínimo da sanidade. Eu identifico o traço vitorioso e predador neles. Não precisa falar nada para eu saber o quanto ele quer tripudiar por ter me beijado tão facilmente.

— Te pego amanhã às onze, aqui. — Sua voz rouca faz meu corpo arrepiar.

— Eu não vou! — respondo com a voz fraca e quase me soco por isso.

— Então, avise você mesma para minha mãe — ele responde, antes de passar por mim e esbarrar levemente no meu ombro.

Bato os braços na lateral do meu corpo e solto um gemido frustrado por não conseguir intimidar esse homem. Ele parece determinado em querer me enlouquecer e, infelizmente, está tendo sucesso a cada tentativa.

Quando seus passos firmes estão alcançando a porta de saída, eu viro em sua direção, não acreditando que estava facilmente concordando com toda essa loucura.

— Eu vou — respondo, estafada.

Vinicius para no lugar e vira seu peitoral avantajado para mim, seu rosto ostenta o

mesmo sorriso fácil e debochado de sempre, como se ele tivesse a certeza de que eu sempre farei tudo exatamente como ele quer.

— Então, ficamos acertados. — Ele dá alguns passos e olha para trás novamente. — E prepare-se, Rita Maria. Eu vou te beijar de novo.

Sua voz grossa pronuncia minha sentença, seus olhos divertidos lançam uma piscada para mim e logo ele está fora das minhas vistas.

Continuo ali, parada em minha miséria, os olhos saltados em desespero, minha boca formigando ainda pelo efeito daquele beijo enlouquecedor e meu corpo inteiro amortecido, temendo o que está por vir.

Uno minhas mãos em oração e começo a pedir, em um sussurro, que Deus tenha pena da minha miséria e possa livrar minha alma da tentação da carne. Quase prometi me tornar freira, mas lembrei o quanto é bom sentir os braços de um homem me tocando e acabei desistindo.

— Que Deus me proteja — sussurro, antes de retomar o meu dia, que provavelmente será bem difícil de entrar nos trilhos.



Capítulo 6

“Quem ri por último, ri melhor.”

Vinicius

Uma marrenta, grosseira, de sotaque caipira e linda pra porra.

Foi exatamente tudo isso que pensei assim que coloquei meus olhos sobre aquele corpo escultural, suado do calor e sujo de graxa pelo trabalho que fazia na oficina.

Não lembrava de quase ninguém da cidade de Palomino, já que só aproveitei parte da minha juventude aqui e, dar de cara com essa garota arisca mexeu com todo o meu sistema.

Passei o último ano sem colocar meus pés na cidade, ainda não consigo aceitar bem a morte prematura do meu pai e preferi curar minha dor distante daqui, já que tudo por aqui lembrava ele. Não precisei me preocupar com a minha mãe, já que meus outros irmãos fariam isso.

Então, resolvi tirar umas férias prolongadas e viajar para alguns lugares que gostaria de passar um tempo e espairecer. De todos, eu sempre fui o mais livre e com maior necessidade de sentir a liberdade em viver.

Passeei, conheci muitos lugares interessantes, vivi experiências incríveis e perdi as contas da quantidade de mulheres que tive deitadas e prontas para me satisfazer e, claro, terem um bom momento garantido para si próprias.

E mesmo que eu busque na memória pela minha melhor foda, nenhuma em absoluto conseguiu me tirar do eixo da mesma forma que o beijo que dei naquela briguenta o fez.

Ainda sinto meu coração batendo forte no peito a ponto de incomodar, só lembrando a sensação dos seus lábios nos meus. Aquela boca macia, sua língua adocicada e o desejo que emanava de cada célula do seu corpo, foi o estopim para ligar meu modo predador e querê-la de qualquer jeito.

Quando procurei seu Jaime, o único mecânico mais próximo da fazenda, e dissera para voltar na manhã seguinte e falar com sua filha, fiquei bastante apreensivo. Imaginei encontrar uma mulher estranha e duvidava seriamente que ela conseguisse apertar algum parafuso da minha Harley.

Eu sei, parece machismo, mas convenhamos que para uma cidade como Palomino, eu nunca imaginaria que uma mulher saberia consertar o defeito de uma moto como aquela. Essa parte ainda está em análise, já que a marrenta ainda não olhou a moto.

Eu nunca estaria pronto para encontrar uma mulher tão gostosa em traje totalmente sexy — uma mulher suja de graxa, com camiseta e calça apertada, atíça qualquer homem — num ambiente totalmente masculinizado e com um temperamento infernal.

Ela é irritante em seu comportamento, principalmente, quando quer se impor em qualquer coisa e usa do seu dialeto interiorano, aí ela se torna irritante e fofa. Uma grande merda para um cara descomplicado como eu.

Ter mulheres para viver um bom momento sempre foi fácil. Nunca precisei de jogos ou de correr demais por um rabo de saia. Mas essa garota consegue despertar um instinto quase primitivo em mim e foi isso que me levou à devorar aquela boca briguenta.

Inferno!

Se ela não tivesse me empurrado e colocado alguma barreira para o meu comportamento, certamente, ela estaria escorada em algum lugar daquela oficina, exposta e recebendo uma boa dose de castigo com as estocadas que eu ainda pretendo dar a ela.

— Podemos ir? — Acordo dos meus pensamentos luxuriosos e olho para meu irmão mais novo.

— Vamos!

— Já peguei a papelada na prefeitura. Só falta a assinatura da mãe e podemos começar a

construir o novo estábulo.

— Grande... — falo rindo, debochado.

— Mesmo que isso tudo não te interesse, irmão, você precisa saber o que acontece. Também é dono.

— Tô há muito tempo afastado de tudo, Marcelo. E, sinceramente, não me vejo aqui por muito mais tempo.

— Pode trabalhar da capital, assim como Rômulo e Guilherme. Nós nos revezamos nas vindas para cá. Bom, eu sempre acabo vindo mais, mas enfim... Pode funcionar.

Aperto o ombro do meu irmão mais certinho e bagunço seu cabelo arrumado e alinhado de todos os dias. Ele é o mais novo dos irmãos e, por muitas vezes, faz o papel de mais sério e comprometido.

— Vou pensar.

— O que foi fazer na oficina? — ele questiona, olhando em direção ao estabelecimento.

— Ver se começaram a mexer na moto, mas ainda não. Uma pena.

— Papai amava aquela moto.

— Por isso, quero arrumá-la.

— Amanhã você poderia cuidar do Haras. Assim se ambienta novamente e eu tenho uma folga.

— Vamos ver sobre isso? — brinco e Marcelo bufa para meu descaso.

Entramos na caminhonete e eu dou partida, rumando de volta à fazenda. Continuamos conversando, nada muito profundo, até porque Marcelo e eu nunca chegamos a essa intimidade de dividir questões pessoais demais.

No geral, eu fiquei zoando todas as suas manias e maneira de achar isso ou aquilo e ele

tentando chamar minha atenção para a seriedade da vida. Uma total perda de tempo e, se ele me conhecesse bem, saberia disso.



— Mãe! Chegamos. — anuncio, assim que passamos pelas portas do casarão.

— Estou aqui! — ela anuncia e, pelo som de sua voz, é da cozinha.

— Tudo resolvido, dona Rute — falo, dando um beijo no seu rosto.

— A menina vem amanhã?

— Que menina? — Marcelo pergunta, parando ao meu lado.

— Sim. Rita Maria vem — falo, fazendo cara de tédio.

— Comporte-se, Vinicius. Ela é a moça que seu irmão quase atropelou ontem, meu filho — ela esclarece para Marcelo.

— Ela estava distraída. Eu não tive culpa — defendo-me.

— E o que ela vem fazer aqui?

— Almoçar. É um pedido de desculpas pelo acontecido.

— Ah. Entendi — responde, fazendo uma cara de poucos amigos.

Marcelo sempre foi o mais fechado da família em relação à liberdade que tínhamos com as pessoas comuns, empregados e de poder aquisitivo bem diferente do nosso, mas nunca foi desrespeitoso.

— Eu vou passar a ordem para a construção do estábulo. Passa por lá mais tarde, Vinicius. Vai ser bom você interagir um pouco.

Concordo com a cabeça e pego uma maçã da imensa fruteira no centro da mesa.

— Viny, meu filho. Seja gentil amanhã com essa menina e, por favor, não a desonre.

Engasgo com o pedaço de fruta que estava mastigando. Eu nunca falo sobre mulheres com a minha mãe, isso é, no mínimo, nojento. Nem na minha adolescência precisei receber uma advertência dessas, imagine agora, já barbado.

— Mãe. Por favor. A menina é uma briguenta sem noção. — Tento mostrar desinteresse e ela encara meus olhos.

— Mas eu vi a maneira que a olhava. Então, comporte-se.

— Fique tranquila, dona Rute. Não encostarei em um fio de cabelo dela. — Faço minha cara mais inocente e saio da cozinha com dois dedos cruzados disfarçadamente.

Provavelmente, sou o maior pecador por mentir para a mulher que me colocou no mundo, mas eu não posso admitir para ela que eu não só já provei uma dose, como pretendo ainda me fartar e muito do corpo daquela geniosa.

Subo as escadas que liga a sala de jantar e vou direto para o meu quarto. São sete cômodos no andar de cima, onde cada um tem seu espaço e ainda sobra para alguma visita utilizar, quando necessário.

Meu quarto é o último do corredor e, quando passo pela porta, ouço um gritinho feminino assustado. Olho em volta e logo avisto a nova arrumadeira da casa.

Não sei onde minha mãe estava com a cabeça quando deixou uma menina jovem e bonita trabalhar na limpeza do casarão e convivendo tão de perto com seus quatro filhos putos.

Marcelo é o menos puto de nós, Rômulo é o mais sem vergonha, assim equilibra a equação. Guilherme e eu ficamos no meio termo, nem de mais, nem de menos. Fato é que minha mãe só fez servir um banquete aos coiotes da casa.

— Oi, gracinha. — Sorrio fácil e a menina parece mais assustada.

— Oi... Eu já vou...

Ela tenta passar por mim, mas eu dou um passo rápido para o lado, barrando sua tentativa.

— Pra que a pressa? Podemos conversar. Qual o seu nome? — Me aproximo dela, colocando uma pequena mecha do seu cabelo escuro atrás da orelha.

— Graça — responde, tímida.

— Então, acertei no apelido. — Sorrio e ela me acompanha. Tá quase no papo.

— Sim. Acertou.

— E o que uma moça tão bonita está fazendo aqui, limpando quartos?

— Eu ajudo minha mãe, que trabalha aqui. As férias da escola me deixam com muito tempo livre — ela fala, sorrindo. A timidez já saiu da sua atitude, a tornando bem mais receptiva.

Um alerta soa na minha cabeça e resolvo tirar a prova antes que seja tarde.

— Férias? Faz faculdade?

Ela sorri. Um sorriso grande, lindo e bastante ingênuo.

— Não. Eu estou no último ano do ensino médio.

— Merda... — falo baixo.

Volto alguns passos, andando de costas, alcanço a maçaneta da porta, abrindo-a totalmente. A menina ainda me encara com curiosidade e, acredito que, com um pouco de expectativa.

— Pode deixar que eu termino tudo por aqui, Graça. Obrigado pela ajuda. Pode sair. — Faço uma referência para a saída.

— Mas eu fiz algo errado... Eu...

— Nada errado e tudo fora do certo. Vai brincar com suas bonecas e deixa o serviço da casa para gente grande.

Ela parece não gostar muito do que falei e sai do quarto sem dizer mais nada, batendo os pés pelo seu caminho.

Fecho a porta e caminho para a cama, jogando meu corpo sobre o colchão. Agora entendi por que minha mãe deixou uma moça tão bonita solta aqui dentro. É a merda de uma criança e eu estava praticamente cometendo um crime ao flertar com ela.

Isso, provavelmente, é culpa da frustração do caralho que aquela mecânica bocuda está me deixando.

Minha mãe que me perdoe, mas eu não serei capaz de manter minhas mãos por muito tempo longe daquela garota. Eu vou não só fodê-la, como também, fazê-la implorar por mais e gritar aos quatro ventos o quanto meu pau é bom.

— Amanhã, moça bonita. Amanhã...



Capítulo 7

“Deus ajuda quem cedo madruga”

Ritinha

Acordo às cinco da manhã em pleno sábado. Hoje é meu dia de folga e eu poderia me dar ao luxo de acordar mais tarde e aproveitar o dia como bem entendesse, mas um certo alguém conseguiu estragar minha tranquilidade.

Depois que aquele feiticeiro saiu da oficina, levou consigo minha paz. Passei o resto do dia aérea, tentando entender tudo que havia acontecido e, principalmente, como eu cedi tão fácil ao ataque dele.

Sim, porque no fim das contas foi exatamente isso que aconteceu, fui atacada e não tive nenhuma chance de barrar aquele beijo antes que acontecesse. Provavelmente, culpa do feitiço que ele jogou em cima de mim.

No entanto, estou até agora sob seus efeitos sombrios e não consigo dormir novamente. Sua promessa antes de sair da oficina está ecoando na minha mente e fazendo minha ansiedade subir a níveis alarmantes.

Fiquei tentando achar uma desculpa para não ter que ir neste almoço, mas é fato que se eu me negasse por qualquer motivo, ele pintaria uma imagem terrível para sua mãe e ela não merecia isso.

Continuo rodando de um lado para o outro na cama, buscando alternativas ou simplesmente lamentando minha miséria. Às seis horas não consigo mais manter a quietude e levanto de uma vez.

Faço minha higiene, coloco uma roupa qualquer e resolvo dar uma faxina na casa. Nada como o trabalho braçal para ajudar a limpar minha mente e a descarregar todo o nervoso que tenho acumulado.

Começo pela sala, minhas irmãs ainda dormem e eu não quero jogá-las para fora da

cama ainda tão cedo. Meu pai já saiu para visitar a feira do mercado e minha mãe deve estar na cozinha, preparando alguma encomenda.

Com o andar da carruagem, logo ela precisará de alguém para ajudá-la. A festa de aniversário de Palomino está se aproximando e este período faz as encomendas subirem muito, fora o fato de aprontar tudo para a barraca de doces que montamos todo ano na festa.

Este evento é o mais esperado todo ano, a cidade inteira se volta para as festividades e comemorações. Fica tudo muito lindo e o comércio aproveita para ganhar algum dinheiro, já que a cada ano a festa ganha mais fama e os turistas visitam a cidade para conhecer as comidas típicas e, claro, ver o famoso desfile dos cavalos Palomino da fazenda Queiroz.

Acho que é a única vez no ano que vemos os quatro irmãos juntos e todos *traíados*^[2] liderando o desfile. Um tremor passa pelo meu corpo, arrepiando cada fio ao me lembrar da visão maravilhosa de vê-los, todos vestidos de peão e andando imponentes em seus cavalos.

Realmente, para as mulheres daqui e para as de fora, é o momento mais esperado da festa e não tem como sair arrependida de gastar seu tempo só absorvendo o desfile desses homens lindos.

Claro que a comitiva é grande, todos os peões da fazenda e da região vem para a festança e participam do desfile, já que são muitos cavalos para serem exibidos. Mas, inegavelmente, o ponto alto é ver os irmãos riquinhos vestidos nesses trajes e interagindo com a população.

— Caiu da cama, Rita Maria? — Pulo no lugar com o susto que tomo.

— *Eita*, mãe. Dia. Caí sim e resolvi te ajudar um pouco.

— Sei. E essa disposição toda tem nome? — Ela cruza os braços, me olhando desconfiada.

Paulinha, com certeza, aprendeu com ela a ter esse olhar questionador no semblante.

Elas ficam iguaizinhas quando estão investigando alguma coisa.

— *Uai*, ninguém. Só *tô* adiantando as coisas *pra* senhora. Mais tarde vou sair, dar um pulo na prainha.

— Sozinha? Gosto disso não, menina. Tem muito rapaz à toa por lá.

— Ah, mãe. Me deixa aproveitar um pouco. Eu levo uma das minhas irmãs.

— *Tá* certo. Leva a Clarinha. Ela só fica enfurnada dentro de casa costurando naquela máquina velha. Também precisa de um bocado de diversão.

Minha mãe volta para seus afazeres na cozinha e eu festejo internamente pela ideia — sem pretensão — que ela acabou de me dar.

Eu nunca poderia dizer à minha mãe que estou indo à casa dos irmãos forasteiros, mesmo que a convite de dona Rute. Ela faria o maior carnaval e me proibiria.

Para quem não quer ir, isso seria uma ótima opção, mas eu não posso correr o risco de fazer mais uma desfeita para aquela senhora, então, resolvo juntar a coragem, que não é muita, e enfrentar meus demônios.

A ideia da minha mãe de levar Clarinha é excelente, a irmã mais nova e a mais séria. Terei um pouco de trabalho para convencê-la a não falar para nossos pais para aonde realmente estamos indo, mas com jeitinho, eu a dobro.

Não demora muito para que toda a casa esteja acordada. Toninha levantou e logo saiu para a missa matinal. Aquela só sabe rezar, até parece que tem tantos pecados assim para acertar com Deus.

Paulinha levantou animada, como sempre, e foi para a cozinha ajudar minha mãe com as encomendas do dia. Aproveito a chance e vou falar com Clarinha, que já está se ocupando de suas costuras no quartinho no fundo de casa.

— Oi, maninha. — Entro sem bater e vejo Clarinha colocando a linha na agulha.

— Dia, Ritinha.

— Vamos a prainha comigo? Quero aproveitar esse sol bonito lá de fora.

— Ah, não. Eu tenho algumas coisas para fazer...

— Ordens da mãe. Ela disse que você está tempo demais enfiada aqui — argumento, não a deixando terminar suas desculpas.

— Mas...

— Nada disso. Arruma suas coisas, vamos sair daqui às onze.

— Antes do almoço? — Ela estranha o horário.

— Sim. Não vamos demorar nada. — Sorrio, inocente, e saio do quatinho.

Primeira parte do plano concluída, vou para o meu quarto separar uma roupa apresentável e aproveito para separar algo para minha irmã. Achando que nós vamos à prainha, ela não vai se preocupar com roupas mais formais, então, monto duas mudas e coloco numa bolsa. Na hora que eu contar aonde realmente iremos, ela troca junto comigo na oficina.

Como planejado, um pouco antes do horário, saio praticamente arrastando Clarinha pela rua, protestando a quentura do sol e alegando que seria muito melhor se fôssemos mais tarde.

— Não vamos à prainha — falo, conspiratória, e Clarinha estaca no lugar.

— Aonde estamos indo, então? E por que você mentiu para a mãe?

— Virou uma curiosa igual a Paulinha, é? — Tento puxar seu braço, mas ela reluta.

— Ritinha! O que está acontecendo?

— Ah, tá bom. Outro dia, eu quase fui atropelada pelo Vinicius Queiroz, um dos filhos da dona Rute. E como desculpa por isso, ela quer que eu vá almoçar na fazenda.

— O quê? E por que você *tá* escondendo isso?

— Porque a mãe ia achar ruim e, provavelmente, não ia me querer lá.

— Então, diz que não pode ir, *uai*. — Ela cruza os braços.

— *Num dá*. Já fui meio grosseira com aquela senhora e preciso me redimir. Imagina se começam a falar da nossa educação pela cidade.

Clarinha parece pensar um pouco sobre o que falei e, por fim, acaba concordando comigo.

— *Tá certo*. A gente vai, mas eu *tô* assim, vestida de qualquer jeito.

— Calma. Coloquei umas roupas nesta bolsa. Trocamos na oficina.

— Ah, *tá*. E vamos como *pra* lá?

— O tal Vinicius vem buscar a gente.

— Hum. *Tá bom*.

Dando de ombros, voltamos a caminhar e eu começo a me sentir ainda mais incomodada. Estou mentindo para toda a minha família, só para não admitir que aquele feiticeiro irritante mexeu com minhas emoções e eu não sei como lidar com tudo isso.

Chegamos à oficina e entramos rapidamente. Hoje ela não funciona e ficar dando sopa na porta pode despertar a curiosidade de muita gente. Pego a bolsa e entrego sua muda de roupa. Rapidamente nos trocamos e saímos. Pelo horário, nossa carona deve estar chegando.

Mal tranco a porta da oficina e a caminhonete branca de Vinicius para bem ao nosso lado, no meio fio. Ele está sozinho no carro e eu agradeço internamente à minha mãe que, mesmo sem saber, me ajudou muito colocando Clarinha para sair comigo.

— Dia, meninas.

Engulo em seco, olhando para o motorista. Usando óculos de sol tipo aviador, uma

camisa preta ajustada ao corpo, o braço apoiado na porta e outro segurando o volante e o sorriso debochado, enfeitando sua face, faz vários arrepios percorrerem meu corpo.

— Dia, moço. Sou Clarinha, irmã da Ritinha. — Notando meu estado de torpor, Clarinha toma à frente.

— Subam. Vamos para a fazenda.

Clarinha sai na frente e abre a porta traseira do carro, me soco internamente por não ter tido essa ideia antes dela e acabo ficando com o lugar ao lado do diabo. Estou usando um vestido azulado, com pequenas florzinhas coloridas, um modelo de ombros caídos que cobre, quase completamente, minhas coxas.

É comportado e não revela muito, mas principalmente, não mostra a ideia errada para esse desaforado sem limites ao meu lado.

— Muito prazer, Clarinha. Sou Vinicius Queiroz, filho da dona Rute, da fazenda.

— Ah, eu sei quem o senhor é. Todo mundo sabe. — Ela sorri, tímida.

— Por favor. Senhor não. Me sinto um velho e não sou tão mais velho que sua irmã. Pode me chamar de Viny.

— Tudo bem, Viny. — Ela ri, achando graça da forma exagerada que ele usou com ela.

— Rita Maria. Como vai? — Mesmo não vendo seus olhos, eu sei que o deboche está neles. Assim como em toda sua face.

— Estou ótima. Vamos? — respondo, meio ríspida, e ele gargalha.

— Medrosa... — ele menciona entredentes, dando partida na caminhonete.

Mordo minha língua para não responder nada. De qualquer maneira, eu não teria como responder a isso, já que ele estava coberto de razão.

Eu trouxe minha irmã pelo único motivo de estar morrendo de medo em ficar tão perto

dele, mesmo por um caminho não muito longo até a fazenda, seria tempo suficiente para ele me virar até do avesso.

Vinicius aciona um botão no painel e logo o som do carro é preenchido por um *modão* de viola. Não nego meu espanto, nunca imaginei que ele fosse do tipo que ouvisse sertanejo. Quando olho em sua direção, ele dá de ombros como resposta.

Logo Clarinha e ele emendam em um assunto sobre os cavalos da cidade e o quão importante a fazenda é para todos que moram por ali. Parecem velhos amigos que há muito não se viam e estão colocando a prosa em dia.

Eu permaneço ali, mas não interajo com ninguém. Fico admirando a paisagem, olhando através da janela do carro e tentando, a todo custo, vincular o Vinicius simpático ao meu lado com o arrogante provocador de todas as outras vezes que o vi.

Ele tem problema, só pode. E eu começo a pensar que o problema dele é comigo e, mais uma vez, desde que o conheci pessoalmente, eu rezo.



Capítulo 8

“Galinha que acompanha pato morre afogada”

Ritinha

Não demora muito para que logo cheguemos à porteira que separa a fazenda Queiroz do resto do mundo. Não me lembro de já ter entrado aqui alguma vez, já passei pela estrada diversas vezes e a admiração sempre foi a mesma.

Se a porteira já não fosse imponente o bastante, todo o caminho até o casarão é coberto por palmeiras imperiais que trazem uma beleza marcante e evidencia o quão ostentoso todo o lugar é.

Vinicius estaciona a caminhonete na lateral da casa gigantesca e eu ouço um assovio baixo vindo da minha irmã.

— Que lindo. — Olho para trás e vejo o mesmo encantamento que eu estava sentindo.

— Lindo mesmo — concordo, abrindo a porta para descer.

— Espere até conhecer a casa. — Vinicius sorri, nos acompanhando.

Caminhamos lado a lado por uma escadaria até a entrada da casa. Pelo que posso notar, todo o entorno da construção é decorado com vasos, bancos e adereços.

— Por favor, entrem. — Ele abre a porta principal e passamos, tímidas.

— Aí está você. — Dona Rute vem ao nosso encontro. — Rita Maria, que prazer revê-la. — Ela me abraça, afetuosa, e eu me pego sorrindo e devolvendo o abraço com vontade. — E você é? — Ela olha para uma Clarinha bem tímida.

— Sou Clara Maria. Irmã da Ritinha.

— Ah, sim. Nossa, tão linda quanto sua irmã — dona Rute elogia e Clarinha sorri, sem graça.

Realmente, minha irmã tem uma beleza incomparável. Sua pela é mais morena que a

minha, os lábios mais cheios e os olhos, diferentes de mim, são escuros e profundos. A docilidade dos seus trejeitos também são evidentes e acentuam sua beleza, o que a torna quase angelical.

— Acho que é o dom do seu Jaime. Fazer filhas bonitas — Vinicius solta, como se não fosse nada de mais.

— Parece mesmo, filho. Bom, fiquem à vontade, logo estarei servindo o almoço. Vinicius, mostre a elas os estábulos.

— Pode deixar.

Nos despedimos e seguimos por alguns cômodos bem grandes e cheios de móveis caros, presumo eu. Saímos em uma das laterais da casa e descemos rumo ao que deve ser o haras, onde ficam os cavalos.

— Vou mostrar o haras onde ficam os cavalos da família.

— E você dorme ali? — Não resisto em fazer a piada.

Clarinha me acerta com o cotovelo e lança um olhar repreensivo. Mordo minha língua, esquecendo que ela não sabe da nossa interação hostil.

— Muito engraçado. Mas, se quer tanto assim conhecer meu quarto, eu te mostro mais tarde — Viny responde, com um sorriso maroto, e pisca para mim.

O maldito consegue atingir meu humor em cheio e as minhas entranhas se apertam, despertando para a curiosidade de saber como é seu quarto, de fato.

— Muito engraçado — desdenho e ele só sorri.

Logo entramos pela porta do estábulo e várias baias estão ocupadas com cavalos. Se ele diz ser da família, provavelmente, cada um é dono de um cavalo.

— Marcelo — ele cumprimenta um rapaz, mais jovem, porém, igualmente bonito.

Será que dona Rute só soube fazer filhos bonitos? É óbvio que são irmãos.

— Olá, moças. Prazer, sou Marcelo, o filho mais novo. — Ele estende a mão formalmente, nos cumprimentando.

Seu aperto é firme e direto, sua beleza, mesmo que parecida com o irmão, diferencia no tom do seu semblante. Enquanto Vinicius tem uma aparência mais leve, fácil e meio arrogante, Marcelo é mais fechado, sério e um pouco metido, não sei dizer ao certo.

— Prazer, sou Ritinha e essa é Clarinha, minha irmã.

Os olhos dele se demoram um pouco mais na minha irmã, assim como sua mão fica tempo demais na dela quando eles se cumprimentam. Arrisco olhar na direção dela e vejo uma Clarinha totalmente ruborizada e acho que hipnotizada pelo rapaz à sua frente, já que não desvia o olhar dele por nada.

— Chega de babar na garota, Marcelo. Que tal mostrar o estábulo para elas? — Viny corta a cena e Marcelo bufa.

— Não seja ridículo, Vinicius. Venham, meninas. Vou mostrar os cavalos da família.

— Esses são de vocês?

— Sim. Cada um tem o seu.

Passamos pelas baias e, tanto eu quanto Clarinha, ficamos impressionadas com a beleza daqueles animais enormes à nossa frente. Acho que todos têm o mesmo tom de pelagem, um tom dourado e a crina ainda mais clara e brilhosa.

— Essa é a Estrela. Minha égua. — O bicho parece entender que Marcelo está falando dela e se aproxima da portinhola.

Marcelo estende a mão e acaricia seu nariz, em resposta, ela bate uma pata no chão e ele sorri.

— Oi, garota. — Sua voz mansa e suave mostra todo o carinho que ele sente pelo animal.

— Eu posso? — Escuto a voz contida da minha irmã.

Com um acenar de cabeça do Marcelo, Clarinha se aproxima e, com delicadeza, ela estende a mão, mas ainda com muito medo de tocar o animal. Marcelo segura sua mão delicadamente e deposita-a sobre o lugar onde ele estava acariciando anteriormente.

Clarinha o olha e volta a olhar para o cavalo, ainda admirada. Marcelo só tem olhos para minha irmãzinha e eu começo a pensar que não foi tão boa a ideia de trazê-la comigo.

— Vem, vou te mostrar meu garanhão — a voz rouca de Vinicius ecoa bem próxima da minha orelha e o famoso arrepio começa a se espalhar pelo meu corpo.

Sua mão encontra a minha e nos afastamos um pouco, procurando a baia onde está o seu cavalo. Estranho seu contato íntimo comigo, mas, dadas às circunstâncias de tudo que vem acontecendo desde que o conheci, resolvo não dar importância demais a isso. Diferente dos demais, o cavalo de Vinicius é o mais escuro deles, de um marrom meio café com leite ou até mais escuro.

— É lindo e diferente. Qual o nome?

— Eu sou diferente, naturalmente, meu animal também seria. Ninguém o quis quando nasceu, pois, era o mais escuro e, isso foge da característica da raça, então eu o peguei para mim. Seu nome é Thor.

— Thor — chamo pelo seu nome e o cavalo se aproxima de nós.

Estico minha mão, tentando alcançar sua crina para fazer um carinho, assim como vi Estrela aceitando de Marcelo e Clarinha, mas Vinicius rapidamente puxa meu braço, me olhando com advertência.

— Eu não faria isso se fosse você. — Eu franzo a testa para seu comentário e ele

esclarece: — Ele morde.

— Igualzinho ao dono — respondo com deboche e rindo da situação.

Só o cavalo desse irritante ao meu lado seria capaz de morder alguém que lhe quer dar um pouco de carinho. Concorro que entre mim e seu dono nunca aconteceu esse momento carinhoso, mas se tratando da sua língua afiada, seria praticamente impossível.

— Me lembro de ter beijado seus lábios, sentido sua língua afoita na minha, mas mordida... Acho que morder eu ainda não fiz.

Mesmo sua voz sendo baixa, eu olho para trás, verificando se os outros dois não ouviram o que ele acabou de dizer e, para minha surpresa, vejo que estamos sozinhos.

Isso não é nada bom.

Quando volto meus olhos em sua direção, Vinicius enreda seus braços à minha volta, sua boca busca a minha com pressa e sou girada e prensada contra a portinhola da baia de Thor.

Enquanto uma mão mantém meu corpo colado ao seu e prensado contra a porta, a outra desce pela lateral do meu corpo e suspende meu traseiro, em um aperto firme.

Arfo e isso o incentiva a investir mais com sua língua macia na minha boca e o pouco raciocínio que eu tinha vai para o espaço. Meus braços capturam seu pescoço e, por instinto, eu o puxo ainda mais para mim, como se fosse possível unificar ainda mais nosso contato.

Sem interromper nosso beijo, Viny ajeita sua perna, deixando-a encaixada no vão da minha e a prensa que ele forma é prazerosa demais. Provavelmente, minha calcinha, já molhada, vai manchar sua calça e, se ele não parar esse atrito delicioso, eu passe a vergonha de ver estrelas a seco.

Meu quadril sente a firmeza do volume da sua calça e, mesmo que não fossem os sons que saem do fundo da sua garganta, eu saberia que este amasso está sendo tão bom para mim quanto para ele.

Suas mãos movem-se para o meu quadril e, apertando firmemente minha anca, ele começa a mexê-la em um vai e vem, aumentando a pressão e fazendo um gemido estrangulado sair da minha garganta.

O movimento se intensifica, meu desejo começa a tornar tudo ainda mais dolorido e estou por um fio de implorar que ele baixe minha calcinha e acabe de uma vez com essa agonia que me toma.

Cedo demais para eu realizar esse desejo, Vinicius se afasta totalmente, descolando nossos lábios e buscando pelo mesmo fôlego que eu. Suas mãos param de cada lado da minha cabeça, apoiadas na portinhola, com os olhos fechados, ele aperta sua testa contra a minha.

Apoio minhas mãos na minha lateral e continuo buscando algum raciocínio no misto de frustração e arrependimento que começa a tomar conta de mim. Negar a atração está deixando de ser uma opção.

— Preciso de... um minuto — ele fala, com a voz falha, buscando seu equilíbrio.

Quando seus olhos abrem, ainda posso ver o reflexo da luxúria que habita neles, engulo com dificuldade. Apesar de um gênio bastante provocador, no olhar, Vinicius demonstra muita coisa e me dizem o quão determinado ele está.

— Não vamos fazer isso aqui. A próxima vez que eu encostar em você, iremos até o fim e, pode ter certeza, Rita Maria, meu nome será a única coisa que sairá dessa boca esperta quando gozar.

Suas palavras soam como uma declaração, não um desafio. Ele não está me colocando à prova, ou testando meus limites. Simplesmente, faz a contestação de algo que é inevitável e, o pior de tudo, sou obrigada a concordar com ele.

Vinicius pega minha mão e saímos dali a passos determinados. Não tenho coragem de revidar e nem negar. Meu corpo ainda está em chamas com o que acabou de acontecer e, muito

provavelmente, não o teria barrado caso ele quisesse ir até o fim com nosso arroubo.

Lembro-me da minha irmã que, do nada, tomou chá de sumiço com o irmão reservado de Vinicius, e quando penso em questionar onde eles poderiam estar, vejo Clarinha passar feito um furacão por nós.

Ela está tão absorta em seus pensamentos que mal notou Vinicius e eu parados na entrada do estábulo. Logo atrás, vem Marcelo, com a expressão ainda mais séria e quando nos vê, diminui a passada e para.

— Vamos almoçar — ele anuncia, olhando para todos os lados, menos para nós.

Vejo-o caminhar por onde Clarinha passou, tentando entender o que pode ter acontecido. Eles acabaram de se conhecer. Será que ele foi estúpido com ela, assim como seu irmão foi comigo?

Busco o olhar de Vinicius e ele parece tão perdido com a cena quanto eu, resolvo guardar meus questionamentos para mais tarde, quando, com certeza, vou tirar a limpo o que aconteceu ali.

Por ora, vou me concentrar na minha miséria e tentar, de alguma forma, sair desta confusão que estou enfiando cada vez mais os meus pés, mãos, corpo, mente e provavelmente o coração.



Capítulo 9

“De grão em grão, a galinha enche o papo.”

Ritinha

Estou sentada à direita de dona Rute, que ocupa a cabeceira da mesa, afinal, é a matriarca da família. Ao meu lado está o irritante do Vinicius, à minha frente minha irmã e, ao seu lado, Marcelo.

Não tive oportunidade ainda de falar com Clarinha sobre o ocorrido no estábulo, logo que voltamos dona Rute estava conversando com ela sobre costuras e, em seguida, viemos almoçar.

Observo os dois à minha frente e nada denuncia o que vi ainda há pouco. Clarinha está cortando seu frango do prato tranquilamente e sorrindo para dona Rute, que fala algo sobre framboesas na sobremesa. Marcelo continua na mesma postura que eu o conheci, sério e compenetrado, nem um resquício da inquietação que vi lá embaixo.

Arrisco um olhar para o feiticeiro Queiroz ao meu lado e o flagro encarando meus olhos, um sorriso malicioso dançando nos seus lábios, como se estivesse tentando me mostrar que ele sabe dos meus segredos sujos.

E de fato sabe.

Acabei de protagonizar mais uma cena erótica com ele e, para minha decadência, eu estou com uma calcinha precisando ser trocada, tamanho o estrago que esse imoral causou.

— Então, Ritinha. Sua mãe vai montar aquela deliciosa barraca de doces na festa de Palomino?

— Com certeza. — Acordo dos meus pensamentos e dou atenção à dona Rute.

— No dia que nos encontramos de forma imprudente, não liguei o nome à pessoa. Depois, meu filho mais velho, Rômulo, me alertou sobre quem é sua mãe. Me desculpo por isso,

mas mal saio daqui e lembrar de todos é complicado para uma senhora idosa.

— Não por isso, dona Rute. E, de velha, a senhora não tem nada. Ainda dá um caldo *bão*.

Assim que as palavras deixam meus lábios, levo minha mão tapando minha boca, mas já é tarde demais. Escuto a gargalhada ao meu lado e acerto o cotovelo na sua costela, disfarçadamente.

Já não basta minha vergonha e ele ainda tem que tripudiar?

— Minha mãe não está aberta à relações, Rita Maria — Marcelo pronuncia e eu fico ainda mais envergonhada.

— Deixe disso, meu filho. Eu não estou procurando ninguém e, não se preocupe, Rita Maria, eu entendi o que quis dizer e agradeço o elogio.

— Mãe. Eu concordo com a Ritinha. A senhora é jovem e merece ser feliz de novo.

— Mas quem disse que sou infeliz? — Dona Rute ainda sorri e eu cada vez mais envergonhada de ser responsável pelo tema da conversa.

— Não foi isso que quis dizer. Levei um ano para superar a partida do papai e sei que para a senhora foi ainda pior.

— Meu filho. O que eu vivi com seu pai foi um privilégio de Deus. Meu maior presente, e sou grata todos os dias por ter a oportunidade de viver algo tão verdadeiro. Têm pessoas que passam uma vida inteira sem saber o que é isso.

— Nem todo mundo nasceu para isso — Marcelo resmunga do outro lado da mesa.

— Concordo, filho. Têm almas que não estão prontas para partilhar e entender o que é cumplicidade.

— E tem gente que se ocupa demais com aparência, dinheiro e posição social, esquece

que amor vem da alma, do sentimento. Ele não difere raça, opinião política, credo e nem posição social — Clarinha solta e eu engasgo com o pedaço de frango que acabei de colocar na boca.

Vinicius estende um copo de água em minha direção, enquanto dá batidinhas nas minhas costas, na tentativa de me desengasgar.

— Tudo bem, filha? — dona Rute pergunta.

— Tu... tudo... — Consigo, finalmente, respirar.

— A festa este ano promete. Estou doida para ver o desfile dos cavalos. — Volto ao assunto original, tentando esparecer a nuvem negra que se instalou sobre os dois à minha frente.

— Sim. Este ano terei meus quatro filhos desfilando comigo.

— Ah, mãe... — Vinicius lamenta.

— Nada de desculpas. Ano passado eu entendi que você estava no seu momento de busca, mas como sempre digo: voe, mas lembre-se de sua raiz para sempre ter para onde voltar.

— Tem razão. A senhora sempre tem.

Fico pasma, acredito que, pela primeira vez eu vejo Vinicius totalmente despido da arrogância natural que ele carrega. Suas palavras foram verdadeiras e admiradas para sua mãe e ela sorri em resposta.

— Se me derem licença, eu tenho algumas coisas para resolver. — Marcelo se levanta e sai em seguida.

Vejo dona Rute balançar a cabeça e nada menciona. Ela volta a falar sobre a festa e tudo que tem planejado para a apresentação da família responsável pelo início da cidade.

Passo a observar o comportamento de Vinicius e vejo que é muito raro o traço debochado, tão característico nele, se manifestar. Salvo as vezes que ele faz alguma piada comigo, o que rende risadas tanto de Clarinha quanto de dona Rute, e eu internamente jogo

alguma coisa em sua cabeça.

No geral, seu comportamento é mais normal, relaxado, como se ele realmente estivesse desarmado e desfrutando de um bom momento ao lado de pessoas que tem apreço.

Dona Rute parece ter gostado tanto de Clarinha que faz questão de mostrar a ela seu ateliê, onde trabalha com alguns enfeites de decoração, só por diversão.

As duas saem da sala, deixando-me sozinha com o feiticeiro Queiroz. Não acredito que seja uma boa ideia, mas não vejo meio de me convidar a segui-las, já que eu detesto panos, enfeites, purpurina ou seja o que for que elas vão fazer.

— Sua mãe é um doce — comento, a fim de puxar assunto.

— Sim. Ela é. — Vinicius caminha até mim.

Seu olhar que, até então, parecia tranquilo, porém, com a saída das duas, parece que algo foi acionado dentro dele e sua feição se torna pesada e o olhar luxurioso e o sorriso pecaminoso, demonstra totalmente tudo que se passa em sua mente.

A cada passo que ele avança, eu recuo um. Se minha intenção é freá-lo, parece que minha atitude só o incentiva ainda mais. Em três passos, eu caí sentada em uma poltrona que está no meu caminho, no susto, solto um gritinho e logo Vinicius está de joelhos na minha frente.

— O que está fazendo? — falo e minha voz falha miseravelmente.

— Nada — ele responde.

Hipnotizado.

Essa é a impressão que tenho, já que sua resposta não condiz com suas atitudes e suas mãos espertas sobem pelas minhas pernas. O caminho que elas fazem ardem como fogo em brasa na minha pele, quando alcançam o topo das minhas coxas, seu aperto firme me fez arfar.

Meu corpo arqueja para frente, fazendo meus seios empinarem em sua direção.

Vinicius solta um rosnado e volta suas mãos para meus joelhos, escancara minhas pernas, deixando minha calcinha totalmente exposta para sua visão.

Seu olhar vidrado em minha intimidade faz com que escorregue as mãos pelo interior da minha coxa, vários arrepios eriçaram meus pelos e uma sensação maravilhosa invade meu corpo.

Quando, finalmente, atinge seu objetivo e sinto seus dedos tocando minha calcinha vagarosamente, não suporto mais e fecho os olhos, absorvendo todo o calor que toma conta do meu corpo.

Vinicius acaricia minha extensão com delicadeza, usando só as pontas dos seus dedos, para causar em mim uma tortura prazerosa e desesperadora, ao mesmo tempo.

Quando abro meus olhos, os seus estão cravados na minha face. Seus dedos não param sua tortura, sinto um calor subir pelo meu pescoço, provavelmente, deixando todo meu rosto ruborizado de prazer.

Sua boca entreaberta libera sua respiração pesada, seus olhos analisam cada nuance do meu semblante, escaneando todas as minhas reações ao seu toque. Sua língua passeia pelos seus lábios e ele prende o inferior entre os dentes, se aproximando de mim.

Fecho meus olhos, antecipando seu beijo, que possivelmente será invasivo e arrebatador, como das outras vezes. Engulo com dificuldade, sentido sua respiração tão próxima de mim que chega a doer a vontade de sentir logo o contato de sua língua na minha.

— Viny! — Ouvimos dona Rute chamando distante.

Como um balde de água fria, o que fervilha em nós se desfaz. As mãos dele se afastam rapidamente da minha intimidade, eu arregalo os olhos, assustada, e Vinicius se levanta em velocidade recorde.

Mal fecho minhas pernas e dona Rute aparece na sala, acompanhada de Clarinha, ambas sorrindo de algo que conversavam.

— Ritinha, você está bem? — minha irmã pergunta, encarando meu rosto com estranheza.

— Tô! Quer dizer... não. Eu acho que algo que comi não caiu bem. Acho melhor irmos embora.

— Eu levo vocês — Vinicius, que está de costas para nós, se prontifica de primeira.

— Calma, filho. O que houve, criança? Quer que levemos você ao médico? — Dona Rute se aproxima de mim, preocupada.

— Não. Não precisa. Provavelmente, é só um mal-estar. Já que passa. Vamos, Clarinha?

— Vamos — Clarinha responde, desconfiada.

Tenho certeza de que ela não comprou minha cena e, provavelmente, vou sofrer um questionamento sem fim, assim que tiver oportunidade.

— Obrigada pelo almoço, dona Rute.

— Nada de agradecer, meninas. Eu amei a visita e fiquem à vontade para voltarem quando quiserem.

Nos despedimos da senhora simpática que nos tratou como suas filhas. Antes que pudéssemos sair, Marcelo aparece na sala.

— Foi um prazer conhecê-las, garotas.

— O prazer foi nosso, Marcelo — respondo por educação, já que ele falou olhando diretamente para Clarinha e ela não se deu ao trabalho de dizer nada, ignorando totalmente o cumprimento do rapaz.

— Vamos? — Viny intervém no clima pesado que se formou.



Voltamos calados por, praticamente, todo o caminho na volta. Salvo uma vez ou outra que Clarinha falava sobre algo que via na curta estrada, Vinicius e eu nos mantivemos calados.

Cada um imerso em seus pensamentos, eu avaliando a loucura que cedi hoje e tenho cedido a cada dia que o destino me coloca sozinha com esse homem. Se continuar dessa forma, muito antes de eu perceber, estarei esparramada em sua cama e gritando seu nome, assim como prometera.

Ainda não consegui entender nada do que tem acontecido entre nós, mas é óbvio que a atração sexual é gritante e esperar que nada mais aconteça é quase como pedir que o tempo pare.

Inevitável.

Chegamos em frente à oficina e minha irmã se despede, descendo mais rápido do que eu da caminhonete. Quando abro minha porta e tento descer, a mão de Vinicius segura meu punho, parando meu movimento.

— Podemos nos ver mais tarde?

— Eu... não. É melhor não.

— Por quê? — Ele franze as sobrancelhas, questionador.

— Não é óbvio? Isso é só uma pirraça entre nós. É melhor não dar continuidade. Agora, me deixa ir. — Tento soltar, mas ele mantém o aperto.

— Besteira. Você quer isso tanto ou até mais do que eu. *Pra* que negar?

— Me solta — falo entredentes, preocupada com Clarinha, que me espera do lado de fora do carro.

— Mais tarde... — ele diz isso e solta meu braço.

Saio da caminhonete o mais rápido que posso, batendo a porta. Pego no braço da minha

irmã e rumamos para casa.

Não sei se o que ele disse foi uma promessa ou uma ameaça, de qualquer forma, ela trouxe o peso do nervosismo para dentro de mim. Nada faz muito sentido se tratando dele, mas suas palavras só me provam o que eu já imaginava: ele não vai desistir. Pelo menos, não até ter o que quer.

— O que aconteceu, Ritinha?

— Nada.

— Não mente *pra* mim. — Clarinha para na calçada e cruza os braços, me encarando.

— *Tá!* Ele e eu... a gente... se beijou. Ontem. E hoje. — Omito a cena da sala.

— Ah, eu sabia. Ele te olha como se fosse pular em você. E aquelas provocaçõeszinhas entre vocês. *Cê tá apaixonada, mana!*

— *Tá doida!* — praticamente grito na rua com ela.

— *Tô não.* Eu sou nova, mas não sou boba.

— Esquece isso, Clarinha. Ele é só um idiota que quer conquistar todas as mulheres que vê. Quanto mais eu nego mais ele quer.

— O problema é que você não está negando tão bem assim, *né*, irmã? Já o beijou dois dias — ela fala, em tom conspiratório, e ri no final.

Se não fosse minha irmã, provavelmente, eu daria um soco nela.

— É meio complicado. Agora, me diz você: o que aconteceu no estábulo com o Marcelo? Você passou correndo por mim e, logo em seguida, ele veio todo sem graça. E não pense que não notei a resposta que você deu para ele na mesa.

— Aquele sim é um idiota. Fútil, soberbo, que adora ostentar sua posição e dinheiro. Não gostei dele, Ritinha. Não gostei.

— Também notei o *jeitão* meio esnobe dele, mas não é para tanto. Ele te ofendeu lá nas baías?

— Ah, esquece isso, mana. Acho bom você se resolver logo com esse tal Vinicius. A mãe e o pai não vão gostar nada de saber que você *tá* de namorico com um Queiroz.

— Valha-me Deus, eles não podem saber de nada. E eu não estou de namorico nenhum.

— Não é o que parece — ela responde, sorrindo, e eu lhe mostro a língua.

— Vem, vamos voltar na oficina trocar de roupa. Se chegarmos em casa assim, todos vão estranhar.

Fazemos exatamente como eu disse e minha mente entra em modo automático e só consigo pensar sobre o que minha irmã falou sobre estar apaixonada.

Eu estou apaixonada?

Não é possível. Eu não o conheço, nós não nos entendemos de jeito nenhum e vivemos em mundos completamente diferentes.

Vinicius é claramente uma alma livre. Arrogante, confesso. Mas livre.

E eu estou enclausurada nesta cidade. Vivendo como Deus permite e esperando não sei pelo quê.

Espero que minhas incertezas sobre a vida não me leve direto para um caminho fadado ao fracasso.

Ele não é para mim e eu preciso ter isso claro na minha mente, caso meu coração queira me trair.



Capítulo 10

“Antes só do que mal acompanhado”

Vinicius

Arranco com a caminhonete da frente da oficina, totalmente *emputecido* com a negativa dela. Sabendo tão bem quanto eu que esse tesão entre a gente não tem outro caminho, não vejo motivos para negar essa entrega.

É inacreditável minha falta de bom senso cada vez que eu toco nessa mulher. Ela consegue reunir todo meu lado irracional e eu simplesmente quero que se dane tudo e só penso em tê-la, o mais breve possível, embaixo de mim e gemendo o mais alto que eu possa fazê-la gemer.

Estaciono a caminhonete na minha vaga no prédio onde mantenho um pequeno apartamento. Ele fica longe da movimentação da parte principal da cidade e quando eu o comprei foi para ter um pouco de sossego e, claro, trazer minhas companhias para cá quando estivesse na cidade.

Entro no *apê* deixando as chaves no pequeno aparador ao lado da porta. Gosto do silêncio deste lugar. Apesar de a fazenda ter um casarão com cômodos suficientes para abrigar muitas famílias, eu, ainda sim, quis ter meu espaço para curtir minha quietude.

Acabou se tornando bem conveniente, já que em minhas rápidas visitas na cidade, sempre peguei uma ou outra mulher para um encontro ocasional e eu não poderia levá-las para dentro da casa da minha mãe e, motel nunca foi uma opção.

A ideia foi tão boa que meus irmãos também compraram um apartamento cada um, salvo Marcelo, que é certinho demais para manter um apartamento de *foda* na cidade, como ele costuma dizer.

Vou até a cozinha que é anexa à sala e pego uma garrafa de água na geladeira, com essa baboseira de festa da cidade, sei que não vou embora tão cedo daqui, então, pedi para um

empregado abastecer o lugar. Fiquei um ano fora sem dar às caras para nada, minha mãe não vai me deixar partir tão cedo, mesmo que eu prometa voltar em breve.

Agora tenho um incentivo maior em ficar. Rita Maria.

Eu sei o quanto a irrita eu chamá-la pelo seu nome, mas é tão característico, que usar um diminutivo torna-a pequena, frágil. Coisa que ela literalmente não é.

— Ah, marrenta... — lamento passando as mãos pelo cabelo, frustrado.

Odeio ser negado, odeio adiar aquilo que anseio e odeio mais ainda não conseguir controlar todo meu desejo quando penso nela.

Não consigo entender o porquê de negar me ver. Nós quase fizemos sexo no sofá da minha mãe, o que ainda me deixa assustado com a falta de senso, mas ela sentiu o mesmo ou até mais do que eu. E agora me vem com essa de que não daria certo.

Caralho. Não estou a pedindo em casamento.

Balanço a cabeça, inconformado, e resolvo sair daqui. O lugar que era para ser meu sossego, está se tornando uma tortura, já que para cada canto que olho só consigo nos ver fodendo feito loucos.



— Uma cerveja, bonitão? — a mulher simpática oferece, assim que sento no balcão do bar.

Já estive aqui algumas vezes antes. Um lugar bom para espair e nos finais de semana rola um movimento com música, dança e mulheres dispostas. Algumas coisas mudaram desde a última vez que visitei este lugar, está mais arrumado e, pelo que vejo, aumentou o número de atendentes.

— Sim. Por favor.

Logo ela volta com uma *long neck*, abrindo-a na minha frente e deslizando no balcão. Para por algum tempo ali, me olhando, começo a ficar incomodado.

— Dia difícil, rapaz?

— Frustrante, eu diria — mexo a cabeça, respondendo.

— Só duas coisas frustram um homem: falta de dinheiro e mulher. No seu caso, eu não acho que o problema seja falta de dinheiro, então, arrisco a segunda opção. — Sorrio com a perspicácia da mulher.

— Pois é, tem razão. Gostei do que fez com o lugar.

— Obrigada. — Ela sorri, admirando sua volta. — Investi um pouco para tirar aquele ar de boteco. Agora temos bailes nos fins de semana, também.

— Baile?

— Um bailão sertanejo. Você não tem cara de peão, mas quase todos que frequentam aqui são. Sigo a preferência local. — Ela sorri, piscando um olho para mim.

— Tá certo. E eu sou eclético. Gosto de tudo um pouco.

— Tia. Vou fazer uma pausa rápida e esperar a Ritinha na frente do bar. Ela tá perturbada, querendo falar comigo. Eu já volto — uma mulher linda fala para a outra que conversa comigo e eu acho que a conheço de algum lugar.

— Vai lá.

Acompanho seu caminho com o olhar. Ela vai encontrar com a marrenta mecânica e eu vou aproveitar isso.

— Bonita, mas não é para seu bico — a mulher fala e volto minha atenção para ela.

— E por quê? Sou tão feio assim? — Sorrio, fazendo graça.

— Não, pelo contrário. Você tem a beleza exata que deixa qualquer garota de joelhos,

mas não tem cara de que fica muito tempo depois da conquista.

Abaixo a cabeça, rindo baixo, e penso quando me tornei tão transparente ou, se essa mulher é algum tipo de vidente desvendando meus mistérios.

— Não vou responder a isso — falo, sorrindo, e ela gargalha.

— Nem precisa, rapaz — ela responde e dá atenção a um homem do outro lado do balcão que a chama.

Viro meu pescoço olhando em direção à porta de entrada, buscando pelas duas. A ansiedade começa a tomar conta do meu humor e os pés batendo no chão denunciam minha pressa. Pesco minha cerveja do balcão e saio em direção a saída, não conseguindo parar meus movimentos.

Talvez elas precisem de ajuda com algum espertinho.

Formulo desculpas altruístas para desejos nada honrados que circulam minha cabeça. A verdade é que eu preciso vê-la, tocá-la, ter qualquer chance que seja de terminar o que mal começamos.

Passo pela porta no estilo *bang bang* em madeira e um corpo miúdo tromba com o meu. Não preciso atentar-me para saber de quem se trata, já que o cheiro do seu perfume invade minhas narinas e consegue deixar meu amigo de baixo animado.

— Cuidado, moça bonita. — Engancho meu braço livre em sua cintura e encaro seus olhos assustados.

— O que... vo... o que — Ela não consegue falar e eu rio do seu desconcerto.

— Pode soltar *ela*, bonitão. — A moça que vi ainda há pouco se estica, falando alto.

— Não se preocupe. Eu a conheço, é a mecânica da minha moto. Não é, Rita Maria? — falo, olhando nos olhos da garota em meus braços.

Ao ouvir a forma como a chamei, Ritinha parece despertar da sua inércia e, com as mãos espalmadas no meu peito, ela me empurra, fechando o semblante para mim.

— Sou sim. Vem Paulinha, vamos entrar — ela responde ríspida e parte para dentro do bar com a tal Paulinha em seu encalço.

Coloco a mão no bolso e tomo um gole generoso da minha cerveja, sorrindo feito bobo. Uma noite que parecia ser fadada ao marasmo e irritação acabou se tornando uma noite promissora. E não tenho dúvidas que em muito pouco tempo eu estarei arrastando essa marrenta para fora deste bar direto para meu apartamento.



Quando volto para dentro do bar não avisto nenhuma das duas ao redor do balcão de atendimento. Me sento novamente, no mesmo lugar. Ainda é cedo e o lugar está vazio, sorte a minha.

Aceno para um garçom, peço mais uma cerveja e fico observando ao redor. Algumas pessoas conversam nas mesas em volta, outras arriscam uns passos na pista de dança e a dona do lugar conversa com alguém na outra ponta do balcão.

Onde essas garotas se meteram?

— Não acredito! — Escuto a voz conhecida e uma mão pesada acerta um tapa nas minhas costas. — Quando você voltou? — Guilherme, meu outro irmão mais novo.

— Fala, cara. Quanto tempo? — Viro meu corpo dando um abraço no meu irmão.

— Sei lá. Um ano, pelo menos.

— Eu cheguei dias depois de você viajar para a capital, mas sabia que logo estaria de volta. A mãe te avisou que eu estava aqui?

— Ela comentou quando me ligou, mas eu estava enrolado com as finanças do Haras.
— Ele solta o ar cansado. — Sabe como é, *né*?

— Não, não sei — falo sério para, em seguida, soltarmos uma gargalhada da minha piada.

De fato, eu nunca soube o que era administrar aquela fazenda. Enquanto Marcelo focava no operacional do Haras, Rômulo cuidava das relações públicas de eventos e exposições na capital e Guilherme da parte financeira, eu acabei ficando com o que sobrava e que não tinha tanta relevância.

— De fato, você não sabe, irmão.

— Fazenda não é minha praia, você sabe.

— Eu sei. Mas, no fim das contas, você descobriu sua praia? — ele questiona, de forma singela, sem cobranças.

Eu não tenho uma resposta para essa pergunta. Sempre busquei fora o que faltava dentro, nunca me sentindo realmente parte de algo, mesmo que fosse tratado e responsabilizado com o quinhão que me cabia.

Minha mãe entendia isso bem, mesmo que nunca falássemos sobre e, quando meu pai morreu, resolvi partir para viver, respirar e desabafar tudo o que me oprimia.

Viver na fazenda era bom, mas monótono demais. Na capital, eu foquei em estudar o que meu pai queria, formado em Administração, eu só estudava e trabalhava, até que decidi desafogar, tirar o pé do acelerador.

— Estou em busca. — Tomo um gole de cerveja, percorrendo os olhos em volta.

A marrenta retorna aos meus pensamentos com força total, uma ânsia em encontrá-la e questionar sobre o que disse mais cedo, trouxe a ansiedade de volta e começo a tamborilar meu pé no chão.

Preciso ter um momento com ela, um que não possa fugir, que o sentir fale mais alto que as palavras e possamos entender o que está acontecendo entre nós. Nunca, em minhas buscas para acalmar meu peito, algo tirou tanto meu equilíbrio como a vontade de entender essa garota faz.

— Terra chamando Vinicius. — Desperto com dois dedos sendo estalados na frente dos meus olhos.

— Oi?

— Estava em que planeta, cara?

— Nenhum. O que dizia?

— Oi, meninos. O que posso fazer por vocês hoje? — A tal Paulinha para à nossa frente no balcão, esfregando um pano nele.

— Provavelmente, muita coisa. — Guilherme toma à frente, flertando com a moça.

— Que bom. Pena que você tem cara de que, provavelmente, não aguentaria — ela responde, se apoiando no balcão, deixando sua comissão de frente em destaque e sorri com desdém ao falar.

— Ai... — comento, rindo baixo.

— Merecido. Quero uma cerveja.

— Ok! E você? — Ela olha em minha direção.

— Quero a Ritinha. Onde ela está? — Me pego questionando a moça, que franze as sobrancelhas, igualzinha a ela.

— Não está no cardápio, amigo. Sinto muito.

— Vocês são irmãs?

— É da sua conta? — ela reponde com outra pergunta e eu me calo.

Paulinha encara meu rosto, mandando uma ameaça velada antes de virar e partir dali.

— Eu perdi alguma coisa? — Lembro-me de Guilherme ao meu lado e balanço a cabeça, em negação.

— Não é nada. Eu vou nessa, Gui. Nos vemos na fazenda?

— Se eu não arrumar ninguém para hoje... — ele sorri, faceiro.

— E sua namorada?

— Cara, aquilo já é notícia velha. Preciso te atualizar — ele responde, dando um tapa camarada no meu braço.

Rio da sua maneira fácil de lidar com as situações e pessoas. Acho que de nós quatro, Guilherme sempre foi o mais amigo de todos. Sempre com uma palavra certa e tentando entender a todos.

Deixo algumas notas no balcão e parto dali. Se Ritinha quer ficar longe de mim, então que fique. Eu não vou bancar o louco perseguidor e forçá-la a algo que ela tenta resistir a qualquer custo.

Uma coisa eu já aprendi com a vida. Ela sempre devolve em nosso caminho aquilo que precisa ser resolvido e, Rita Maria, é praticamente um caso sem solução na minha cabeça.



Capítulo 11

“Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura.”

Ritinha

Ao topar com o irritante Queiroz na entrada do bar, eu sei que devo fugir para bem longe daqui. Chamei Paulinha mais cedo para contar tudo sobre ele, já não consigo mais segurar para mim todos os sentimentos que me dominam e preciso de uma voz racional, mesmo ela não sendo a mais sensata das irmãs.

Combinamos de nos encontrar no bar para conversarmos e eu poder espairecer um pouco, estou me sentindo sufocada com tanta coisa na minha cabeça. Ainda tive que lidar com Lucio, que me cercou na área de estacionamento do bar.

Ele queria conversar e eu não tinha cabeça e nem paciência para ser gentil, acabei sendo meio ríspida e, mesmo notando a mágoa em seus olhos, não me importei. Continuei meu caminho, encontrei com Paulinha na entrada e, quando passei pelas portas, trombei no corpo firme de Vinicius. Seu perfume invade minhas narinas e eu sinto meu coração disparar, minhas pernas fraquejam e minha voz simplesmente não sai.

Passo por ele assim que recupero o raciocínio, grudo na mão da minha irmã e vamos direto aos vestiários, que ficam no fundo do bar, próximo ao estoque. Fecho a porta com tanta força que Paulinha solta um grito de susto.

— Agora você pode me explicar o que está acontecendo, Rita Maria?

— *Acode* eu, Paulinha! — falo, desesperada, segurando suas duas mãos.

— *Uai*, calma. Até parece que viu fantasma.

— Foi o diabo mesmo. — Solto suas mãos, frustrada, e Paulinha me observa, curiosa.

— É o bonitão, *né?! O tal Vinicius Queiroz* — fala, cruzando os braços.

— Sim. Vou te resumir, até porque, nem eu lembro de todos os detalhes. Ele tem me

infernizado, provocado, instigado e, infelizmente, tentado minha libido.

— Eu sabia! — ela grita, dando um pulinho no lugar.

— Não se anima, não. Isso nunca vai dar certo, mana. Ele só quer provar que tem qualquer mulher e eu não quero dar esse gostinho *pra* ele. Mas quando ele toca em mim, por Deus, eu perco o chão.

— Isso é paixão, lindeza.

— Quê? — Arregalo os olhos, mais apavorada ainda.

— Meu conselho é que se jogue de uma vez e esqueça um pouco seus limites. Até hoje só saiu com o coitado do Lucio, que carrega um vagão de merda por você. Chega, Ritinha! Viva, irmã, viva! — Paulinha joga tudo isso para mim, segurando meus braços no final e dando um beijo no meu rosto.

Ela ri, provavelmente da minha face catatônica, saindo do vestiário e deixando minha miséria e desespero ainda maiores.

Não sei onde eu estava com a cabeça para falar com ela. Apesar de que, entre minhas irmãs, as opções são bem restritas. Paulinha é doida, Toninha é crítica e Clarinha é ingênua demais.

Confusa, um pouco frustrada e com medo inacreditável de encarar aqueles olhos provocadores, saio de mansinho do vestiário e lembro da entrada dos fundos, por onde minha tia descarrega as mercadorias. Passo por ali mesmo, sem que ninguém perceba, fazendo meu caminho de volta para casa. Lá, ao menos, estarei segura.

Envio uma mensagem para Paulinha avisando que saí pelos fundos e conversaremos em casa quando ela chegar. É pouco provável que eu pregue os olhos esta noite.

Alcanço a rua lateral ao bar, próximo da área dos carros, caminho a passos largos, tentando ganhar tempo e garantindo que não serei seguida pelo ser irritante, caso ele esteja ainda

fora do bar.

Preciso de um tempo para encará-lo novamente e, quem sabe, estar menos ligada à sua presença. Ou quem sabe, ele pegue a dica de hoje e entenda que eu não quero nada com ele. Nem uma noite de prazer insano.

Minha casa não fica tão longe do bar, então, volto como fui, caminhando mesmo. A rua está movimentada por ser fim de semana e as pessoas querem aproveitar um pouco da noite calorosa.

Noto um farol alto vindo das minhas costas, algum relapso que não percebeu o incômodo disso. O ronco de um motor se aproxima de mim e, dando duas aceleradas intensas, consegue chamar minha atenção e olho para trás.

Tento fazer sombra para luz com a mão cobrindo a testa e tudo o que eu mais temia acontece. Com um ar debochado, assim que diminui o farol, vejo Vinicius no volante da sua caminhonete, me seguindo vagarosamente, já que não parei de andar.

— Que diabo de homem — esbravejo baixo, mesmo sabendo que ele não pode me ouvir.

Volto a caminhar normalmente, como se não o tivesse notado e logo sua caminhonete encosta ao meu lado, acompanhando meus passos.

— Fugindo? — ele fala, assim que abaixa o vidro do carro.

— Pelo visto, eu deveria, já que estou sendo perseguida — respondo, sem olhar em sua direção.

— Entra no carro, Rita Maria. Te deixo na sua casa.

— Não, obrigada.

— Vamos, Ritinha. Eu estou travando o trânsito.

Arrisco um olhar sobre meu ombro e vejo o pequeno engarrafamento que sua caminhonete causa na rua.

— Então, siga seu caminho. — respondo, ainda sem olhar em sua direção.

Continuamos assim e não demora para os carros congestionados — por culpa do idiota ao meu lado — comecem a buzinar e, quando possível, cortar a caminhonete, gritando algumas ofensas para ele.

— Olha o transtorno que você está causando.

Freio meus passos e o encaro, totalmente enraivecida. Como ele consegue ser tão impertinente dessa forma?

— Vai embora, Vinicius! — esbravejo.

Como resposta, ele se inclina, abrindo a porta do carona da caminhonete.

— Entra e partimos — fala, dando dois tapas no estofado do banco do carona.

Solto um rugido de raiva e, desistindo da minha determinação, acabo dando-me por vencida e entro no bendito carro.

— Satisfeito? — Cruzo os braços, encarando seu rosto sorridente.

— Você não sabe o quanto — ele responde, acelerando o carro.



— Eu não vou entrar aí — falo, pela quinta vez, ainda dentro do carro.

Vinicius não escutou meus protestos quando notei que ele tomou um caminho diferente que o da minha casa. Seu corpo está apoiado na porta aberta do carro e esperando que eu, finalmente, desça.

— Rita Maria, pela última vez, nós só vamos conversar. Vem? — Ele estica a mão na

minha direção.

— Se é só conversar, não preciso entrar em um apartamento. Fazemos isso aqui mesmo.

— Estou com sede e fome. Vem, vamos pedir algo para comer e conversar. Eu juro que não farei nada...

Observo sua expressão *pidona*, sabendo que, provavelmente, ele não irá insistir até que eu ceda. Resolvo acabar com o impasse. Pego sua mão e desço do carro, passando por ele e escuto quando completa sua frase em um sussurro “... que você não queira.”.

Um leve arrepio percorre todo meu corpo com esse comentário. A dificuldade em entender o que eu quero ou não é o que nos trouxe até aqui. Claro que se não estivesse interessada, nunca cederia tão fácil, mas entender o quão isso pode ser perigoso é que me incomoda.

Subimos dois lances de escada e Vinicius saca uma chave do bolso, abrindo a porta à nossa frente. Preparo meus olhos para ver um apartamento enorme e cheio de coisas de rico e, qual não é minha surpresa, ao me deparar com um lugar pequeno, compacto.

Ele abre espaço para que eu passe e minha curiosidade me leva, observando tudo à minha volta. Uma pequena sala estilo americana, poucos móveis, porém, tudo muito sofisticado, mostrando seu bom gosto. Alguns quadros enfeitam as paredes e dão ar jovial ao lugar.

Vejo uma escada e olho para cima, vendo um mezanino, estico um pouco meu corpo e noto que o espaço é ocupado por uma cama.

— Bonito lugar. Pequeno.

— Sim. É ideal para o que eu preciso.

— O que seria isso?

— Sossego. Meu canto. E claro, alguns encontros que tive.

Choco com sua sinceridade e, então, minha ficha cai. Aqui é seu apartamento para trazer mulheres. Claro, ele não pode fazer isso na fazenda.

— Seu abatedouro? — falo, irônica.

— Não precisa esculachar. Não tem nada de mais em eu ter meu espaço.

— Mas você não mora aqui. Só traz as garotas para ganhar suas calcinhas e pronto — esclareço.

— Nem sempre chegam aqui de calcinha — ele responde, dando de ombros e eu fecho a cara.

— Bom. Eu entrei com a minha calcinha e irei embora com ela. Me diga o que quer para eu dar o fora logo.

— Nossa, quanta pressa. Vou pedir uma pizza e nós vamos conversar, como dois adultos. Sem ameaças, cutucadas e nada dessa merda.

— Por que, Vinicius? *Pra* que tudo isso? — questiono, exasperada.

— Porque assim, como você, minha cara — ele se aproxima de mim —, também não sei o que é isso entre nós e eu preciso entender. Preciso destrinchar até ter tudo claro ou tirado do meu sistema.

Mesmo ele sendo claro, parece que tem muita coisa implícita no que diz e esse mistério me deixa ainda mais na defensiva.

Ele se afasta, sacando o celular para pedir a pizza e eu volto a olhar em volta. Fico curiosa com o mezanino, mas não arrisco nem olhar naquela direção. O medo de ele entender errado me mantém na zona segura.

— Tem TV aqui e lá em cima. Onde prefere assistir? — ele pergunta e um sorriso sacana brota nos seus lábios.

— Aqui! — respondo mais que depressa.

— Legal. — Ele pega o controle num aparador e liga a TV.

Ele solta seu peso no sofá, me encarando, e com o próprio pé tira seus sapatos, ficando bem à vontade.

— Não vai sentar? — ele pergunta, sem me olhar.

— Vou... claro... — respondo, incerta, sentando na outra extremidade do móvel.

Escuto seu riso baixo e ignoro com sucesso. Vinicius passa os canais, não parando em nenhum específico, até que o solta e vira seu corpo totalmente para o meu lado. Apoiando um cotovelo no sofá e a cabeça na mão, ele me observa.

Vejo tudo isso acontecer pela minha visão periférica, preferindo manter meus olhos em um programa sobre o reino animal na televisão.

— Psiu... — Escuto baixo e ignoro. — Psiu... — Escuto de novo e sinto sua mão tocar a minha no sofá.

— O que foi, Vinicius? — Tento parecer irritada, mas a verdade é que ele me faz querer sorrir.

— Vamos conversar, oras. — Ele parece uma criança entediada e eu acabo sorrindo da cena.

— E sobre o que quer falar?

— Não sei. Quem sabe, sobre minha moto. — Ele se aproxima de mim, chegando seu corpo mais para frente.

— Semana que vem vou olhar sua moto. Já te disse isso.

— Quando você começou a consertar motos?

— Eu não gostava de bonecas e nem de brincar com minhas amigas. Minha diversão era

ficar na oficina com meu pai. Acabei me apaixonando. — Dou de ombros.

— Interessante... — Ele se aproxima mais um pouco.

— O quê?

— Você. É como se eu pudesse te conhecer anos e você ainda teria algo guardado, só esperando para surpreender. — Sorrio, verdadeiramente encabulada.

Abaixo o olhar e sinto os dedos de Vinicius erguerem meu queixo

Seus olhos nos meus, sua boca tão próxima da minha e a razão se esvaindo com este momento. Sinto meu coração trovejar e a respiração já não é mais constante. Sua mão corre pelos meus cabelos, prendendo-os atrás da minha orelha.

— Desculpe, mas eu não consigo resistir. — Sua boca se une a minha e a explosão acontece.

Sua língua faz aquela dança maravilhosa, levando minha mente para bem longe e deixando somente o prazer crescente ditar as ações.

Já não posso mais lembrar os motivos que fazem isso ser errado, se é que havia algum motivo. Jogo tudo para o espaço e, segurando sua camiseta com as mãos, eu o puxo, fazendo a ambos gemer e seu corpo se sobrepor ao meu.

Como Paulinha me aconselhou, resolvo ceder aos meus desejos e deixar os conceitos desta cidade no fundo da minha cabeça.

É hora de viver, Rita Maria.



Capítulo 12

“De médico e de louco todo mundo tem um pouco.”

Ritinha

As mãos de Vinicius se movem para meus quadris e, com um puxão, ele me leva para seu colo, nossos lábios ainda unidos pelo beijo, consumindo nosso fôlego. Alcanço sua nuca e o puxo ainda mais para mim, seus dedos deslizam para minha bunda, apertando com força.

Gemo em sua boca e isso o incentiva a continuar. Movendo seu corpo, ele cria um atrito gostoso para nossa intimidade e noto o quão afetado ele também está. Seu membro volumoso e duro cutuca minha entrada e nem o jeans da calça consegue bloquear a sensação.

Vinicius segura a barra da minha blusa, puxando-a para cima, separando nossos lábios o suficiente para ela passar pela minha cabeça e volta a capturar minha boca novamente. Seus dedos habilidosos capturam o fecho do sutiã, soltando-o do meu corpo.

— Preciso ver isso. — Ele se afasta, enquanto desce as alças pelos meus braços.

Meus olhos no dele e os dele em meus seios, agora desnudos, sinto a timidez me tomar e tento tampá-los com as mãos, mas ele interrompe meus movimentos e um olhar de censura é lançado para mim.

— Nem pense nisso, moça bonita — sua voz, já rouca, me adverte.

Observo Vinicius aproximar sua boca do meu colo, ele não chega a tocar, mas a sensação de sentir sua respiração exalada faz essa região arrepiar e os bicos intumescerem automaticamente. Com um rosnado, ele abocanha um seio e gemo com a sensação, a pressão que ele causa enquanto o suga, eleva minha excitação deixando-me ainda mais necessitada.

Ele finaliza sua degustação do meu seio, fazendo ainda mais pressão nele, puxando-o para si e isso causa uma dor prazerosa em mim. Repetindo o mesmo no outro seio, eu me esforço, soltando minhas mãos do seu aperto e seguro sua cabeça contra meu colo, eu o aperto, precisando de mais.

— Ahhh... — Gemo alto quando ele maltrata o outro bico com uma leve mordida na ponta.

— Agora...

O barulho da campainha o interrompe e eu entro em estado de alerta.

— A pizza. Salva pelo gongo — ele fala, beijando minha boca.

Vinicius pega minha blusa que estava jogada no sofá e a veste na minha cabeça. Saio do seu colo, terminando de colocá-la e ele levanta, ajeitando seu jeans com as mãos e me olhando com cara de sofrido.

Sorrio para ele, dando de ombros e volto a sentar no sofá, fingindo tranquilidade.

Vejo-o receber a pizza, pagar e fechar a porta, jogando a caixa em qualquer lugar do balcão que fica entre a sala e a cozinha.

— Onde estávamos? — Ele se aproxima de mim lentamente.

Sou puxada de onde estou sentada por ele e logo somos novamente um emaranhado de mãos se tocando, bocas se consumindo e desejo transbordando de nossos poros.

Nos despimos com pressa, cada um tirando uma peça do outro e tentando a todo custo manter nossos lábios em contato. Logo ele está de cueca e eu de calcinha. Preciso respirar fundo quando visualizo todo aquele mais de 1,80 praticamente nu à minha frente. Usando uma cueca boxer vermelha, marcando toda a sua animação. O corpo do homem é totalmente convidativo ao pecado.

— Olhando demais, moça. Vem cá me dar esses peitos... — Vinicius puxa minha cintura e eu enrosco minhas pernas na dele.

Sua boca volta a torturar meus mamilos, fecho meus olhos, sentindo o prazer se apoderar de todo meu consciente. Quando os abro, vejo que estamos subindo a pequena escada

para o mezanino.

— O que está fazendo?

— Vou te comer na cama — ele responde, enquanto intercala seus beijos molhados pelo meu colo, subindo para o pescoço.

Não sei como ele consegue fazer isso e ainda andar comigo enganchada nele, mas o fato é que o homem é multitarefas e isso, de forma nenhuma, é uma reclamação.

Sou jogada na cama e rio da sua pressa. Vinicius tira a única peça que o ainda mantinha vestido e eu ofego, atenta a toda a protuberância que surge. Um pau digno do homem à minha frente, duro, firme, com veias saltadas e, para provar seu ponto, ele ainda o segura e balança.

Encaro seus olhos e seu sorriso debochado estampa sua face. Sorrio, travessa, sentindo minha boca salivar de vontade de prová-lo.

— Sua vez de tirar tudo — ele fala, subindo na cama.

Quando tento abaixar minha calcinha, Vinicius balança a cabeça em negação e ele mesmo alcança as laterais da minha lingerie e, com uma calma totalmente inapropriada, ele desce a peça pelas minhas pernas.

Segurando meus joelhos, ele os separa com brusquidão, deixando-me totalmente exposta para seu prazer.

— Pensei que seus peitos seriam a coisa mais bonita que veria hoje, mas essa *buceta*, Rita Maria, é esculpida para o pecado. — Não tenho tempo de rir da sua gracinha, já que ele mal termina de falar e se abaixa, abocanhando minha intimidade.

Jogo a cabeça para trás gemendo em êxtase, seus lábios me sugam, buscando tirar tudo de mim e meu corpo acaba cedendo ao pedido velado e cada vez mais se deixando ir.

Suas lambidas ora intercaladas com uma sucção precisa no meu ponto de prazer me faz

gritar por mais e quando sinto os primeiros tremores da libertação atingir meu ventre, tudo se acaba. Abro os olhos, frustrada, encarando um Vinicius com sorriso cafajeste na face.

— Vai gozar, mas vai ser no meu pau.

Nossa senhora das mocinhas perdidas e satisfeitas!

Eu tinha certeza de que isso aconteceria.

Ele afasta o suficiente para vestir a camisinha e cobre meu corpo com o seu, sinto o pincelar na minha entrada já encharcada.

— Molhada, do jeito que eu gosto. — Sua voz rouca no meu ouvido me faz cravar as unhas nos seus ombros.

Em resposta, ele arremete dentro de mim e eu grito, sentindo-o me preencher completamente. Seus movimentos são firmes e ritmados, o orgasmo que me foi negado ainda há pouco volta a dar sinais em meu ventre e só me importo em sentir.

Aquele vai e vem delicioso, sua respiração ofegante, intercalado com os beijos que ele distribui em meu pescoço e mandíbula. A pressão das estocadas aumenta e meus gemidos se tornam cada vez mais escandalosos, incentivando-o continuar mais e mais.

— Vai gozar gostoso no meu pau, Rita Maria.

Determinado a isso, Viny enfia sua mão entre nós, estimulando meu clitóris e, não muito tempo depois, eu me perco nas sensações. Fecho os olhos, sentindo todo meu corpo estremecer e a descarga de prazer se esvair do meu ser.

Suas estocadas diminuem quando sinto seu membro pulsar dentro de mim e, chamando meu nome, eu sei que ele também atingiu sua máxima de prazer.

— Acho... que estou viciado — ele fala, beijando meus lábios com certo carinho e cuidado.

Não digo nada. Simplesmente não consigo.

Eu já tive alguém na minha vida e não posso dizer que era ruim. Eu sentia prazer e dava prazer, mas parecia que algo sempre faltava nesse envolvimento. Achei que pudesse ser normal, até agora.

Vinicius sai de mim com todo o cuidado e avisa que vai ao banheiro tirar a camisinha. Deito de lado na cama e sinto minha cabeça girar, não mais de prazer, mas sim, com os tormentos do que acabei de sentir com ele.

Eita! Agora lasquei-me!



— Te trouxe pizza. Se quiser tomar um banho, tem toalhas limpas no banheiro. — Viny volta para o quarto só com uma toalha enrolada na cintura e um prato com pizza nas mãos.

Tentador demais esse homem de qualquer forma, mas assim, é de tirar o juízo de uma santa.

— Vou comer e depois tomo o banho. Você me leva? — pergunto ,me ajustando na cama.

— Claro. Pensei que ficaria o resto da noite. — Ele faz carinha de triste e eu sorrio.

— Preciso ir, meus pais pensam que estou com a Paulinha no bar.

— Entendo. Então, come sua pizza, ela já está meio fria — ele incentiva.

Comemos do mesmo prato revezando as mordidas em cada pedaço. Na verdade, ele abocanha minha pizza sem ser convidado e, quando tento morder a dele, sempre desvia de mim.

Pensei que ficaria um clima estranho depois do que rolou, nós mal nos conhecemos,

achei que ficaria me sentindo culpada ou mal, mas, ao contrário, Viny com seu jeito fácil, me fez sentir acolhida, bem-vinda.

Isso me remete aos meus medos de momentos atrás, pensamentos sobre o que estou fazendo e o quão perigoso isso pode ser. *Por que raios ele mexe tanto comigo?*

— Está pensando demais, Rita Maria.

— Eu?

— Sim. Você.

— Só estava pensando o que um cara como você quer com uma garota como eu.

— Que questionamento pesado para o momento. — Ele tenta soar brincalhão, mas não convence.

— Desculpe, eu... Não estou cobrando nada, não entenda mal... É só que...

— Quer entender por que de chegarmos a isso tão rápido, não é?

— Sim. — Encaro seus olhos com total sinceridade.

— Eu não tenho uma resposta para isso também, Rita. Mas vamos deixar as coisas fluírem, ok?! Deixar o barco correr e ver o que encaixa *pra* gente.

Vejo a verdade em suas palavras e ele não parece nada encabulado por não saber como tudo isso chegou a esse fim. Talvez, eu esteja vendo coisas demais onde não existam e deixar fluir seja o melhor caminho.

— Por que não me chama como as outras pessoas? — Mudo de assunto para algo mais leve.

— Gosto do seu nome. Por que não chamar?

— Só é estranho. Só meus pais me chamam assim.

— E agora eu. Assim, quando ouvir seu nome ser chamado como se deve, vai lembrar de mim — ele fala, limpando algo no meu queixo.

— Você vai ficar na cidade... por um tempo, eu digo.

— Sim. Pelo menos, até a festa de Palomino.

— Um mês.

— Sim, um mês. Eu ainda estou buscando meu lugar no mundo, Rita. Não me vejo cuidando da fazenda. Não sei, não parece o certo, entende?

— Sim. Entendo. — Ele não faz ideia do quanto eu entendo.

Apesar de sentir um leve aperto no meu coração, sabendo que isso entre nós tem um prazo para o fim, entendo seu ponto. A vida inteira só me senti completa quando estava fuçando algum motor e dando vida a uma máquina quebrada, nos outros momentos, sempre me questionei o que realmente queria.

Vejo nos olhos do Vinicius as dúvidas que sempre me assolaram, por isso, jogo as inseguranças de lado e resolvo aproveitar o momento. Pelo tempo que durar podemos aproveitar e depois é depois.

— Vem, vamos tomar um banho.

— Juntos? — Sorrio, travessa.

— Com certeza. Ainda vou abusar de você antes de te entregar, não tão intacta, na sua casa — ele fala, me puxando para seu colo e beijando minha boca com ardor.

Desta vez ele me possui de maneira mais calma, degustando o momento, sentindo o toque um do outro e selando uma entrega que nem, ao menos, fui informada. Eu estou me viciando, me deixando ir e será muito difícil resistir quando o momento chegar.



Capítulo 13

“Gato escaldado tem medo de água fria.”

Ritinha

Observo a copa das árvores no quintal do fundo de casa, nunca tinha visto o quão bonitas são, de um verde brilhante e algumas tem umas florezinhas tão charmosas, que enchem os olhos de quem vê.

Estou apoiada no batente da porta, observando o vai e vem dos galhos, sentindo a brisa leve bater em minha pele, refrescando um pouco do calor que tem feito.

— *Tá* sonhando acordada, Rita Maria? — minha mãe fala tão próximo do meu ouvido que, por reflexo, eu grito.

— Mãe! Não faz isso! Quer me matar do coração? — Coloco a mão no peito, tentando conter a bateadeira que ela causou.

— *Uai*, você que *tá* aí suspirando e olhando *pro* nada.

— Deve estar apaixonada, mãe — Paulinha fala ao fundo e eu a fuzilo com os olhos.

— Apaixonada, é? Não me diga que finalmente resolveu namorar o Lucio. *Ô* menino *bão* aquele — ela fala, sonhadora, voltando a mexer uma panela no fogo.

— *Eita!* Esquece isso, mãe. É conversa fiada da Paulinha.

Olho para Paulinha, que sorri da minha situação e mostro a língua, dizendo silenciosamente que ela me paga.

— *Uai*, mas bem que podia ser verdade. — Ela dá de ombros.

— O que *tá* fazendo aí, mãe? — Mudo de assunto rapidamente.

— Um doce de goiaba. Tenho umas encomendas.

— Ai, eu amo isso. — Paulinha se anima, indo para perto do fogão.

— Sai de cima, menina. *Tô* fazendo ainda e vai sobrar uma raspa *pra* vocês.

Minha mãe nos espanta da cozinha, alegando que ficamos sempre em cima só atrapalhando e comendo tudo antes de ficar pronto. Aproveito para puxar Paulinha para o quintal do fundo e contar tudo o que aconteceu.

Ainda não tivemos tempo de conversar, só mandei uma mensagem ontem quando Vinicius me deixou próximo daqui, já que não poderia ser no portão, caso algum vizinho estivesse de olho.

Sentamos nos balanços que meu pai fez no quintal para nós. Como nossa diferença de idade é pequena, ele foi obrigado a fazer quatro balanços, um para cada filha. E evitando uma briga de qual balanço era de quem, ele pintou cada um de uma cor.

O meu é um rosa mais forte e escuro e o da Paulinha ao meu lado é vermelho. A Toninha escolheu verde, vai entender, e a Clarinha, como a mais sonhadora, escolheu lilás.

— Você transou com ele — ela fala um pouco alto e eu acerto um tapa no seu braço.

— *Eita, lasqueira!* Fala baixo. Sim! Nós fizemos... e foi tão... bom. Ai, Paulinha, eu não sei o que fazer. Decidi deixar a vida me levar e olha no que deu.

— Deu mesmo. — Ela ri e eu enrugo a testa. — Relaxa, mana. Continue aproveitando, isso que importa.

— Ele disse que vai embora depois da festa da cidade. — Tento não demonstrar uma nota de preocupação.

— Ritinha, você sabe que ele não é daqui. Nem na juventude ele ficava muito por esses lados, o único que ficou por mais tempo foi o Rômulo. Estudou um período, acho que com a Toninha, não me lembro direito.

— É...

— Ah, ontem eu conheci o irmão dele, Guilherme. Bonito, menina. Um gato!

— Esse não conheço ainda. Pelo menos, pessoalmente. Já o vi passar algumas vezes na rua da oficina.

— De todos eles, o único que fala com todo mundo e sai com todas as mulheres é o Rômulo. O restante vive na capital e estão aqui só para verificar a fazenda, ver a mãe e pegar algumas mulheres — ela fala, como se não fosse nada de mais, pena que meu coração se aperta com isso.

— Vou deixar as coisas fluírem. Afinal, eu me envolvi com Lucio e, no fim, não deu em nada.

— *Tá* vendo. Você consegue. Acho que ele te intimida por ser um forasteiro Queiroz — ela fala, imitando nossa mãe e eu acabo rindo.

— Pois é. Mas que mal pode acontecer, não é?

Acabo de falar isso e escuto vozes atrás de nós. Nos viramos e quase caio do banco quando vejo Vinicius e Marcelo saindo pela porta da cozinha da minha casa.

— *Eita! Lasquei-me* — falo baixo, escutando uma risada alta ao meu lado.

— Bom dia, meninas. — Vinicius vem em nossa direção seguido do irmão e minha mãe.

— Esses moços querem falar com a Clara Maria. Onde ela se meteu?

Minha voz simplesmente não sai, tenho medo de arriscar e gaguejar miseravelmente. Paulinha percebe minha angústia e toma à frente.

— Ela *tá* na igreja com a Toninha, mãe. Já deve *tá* chegando.

— Muito prazer, sou Marcelo, irmão mais novo dele. — Ele estende a mão para Paulinha, que o cumprimenta sorridente.

— Prazer é meu. Conheci o Guilherme, irmão de vocês, ontem no bar.

— Ah, o Gui. Oi, Ritinha, como vai? — ele me cumprimenta.

— *Uai*, como você conhece minha filha? — minha mãe, que observa tudo feito uma águia, questiona.

— Da oficina, dona Lélia. Meu irmão esteve lá comigo para deixar a moto — Vinicius intervém e eu agradeço por isso.

— O que fazem aqui? — Paulinha pergunta o que está gritando em minha mente desde que os vi passando pela porta.

— Preciso de uma costureira para arrumar meu traje da festa. Me falaram que a Clarinha tem uma ótima mão para isso — Marcelo responde, fazendo minha mãe abrir o maior sorriso do mundo.

— Ah, minha *fia*, Clara Maria é boa mesmo. Ela dá jeito em qualquer coisa. Foi *bão vim* com antecedência. Perto das festividades fica uma loucura por aqui.

— Foi o que pensei, dona Lélia. Podemos esperá-la aqui? Sei que é domingo e o horário é ruim, mas estou indo para a capital mais tarde e só volto daqui uns dias.

— Deixe disso, rapaz. Pode se acomodar ali na mesa. Vou servir um bolo pra vocês.

— Não precisa se incomodar...

— Nós aceitamos! Ouvi dizer que suas mãos fazem o melhor doce da região e eu ainda não tive o prazer de experimentar.

Minha mãe sorri para Vinicius, que corta o irmão, tomando à frente da conversa. O espertinho atinge o ponto fraco dela elogiando seus doces e a face desconfiada que ostenta dá lugar à sua animação.

— Anda, menina, arruma a mesa ali *pros* meninos — minha mãe chama minha atenção

e eu saio mais que depressa para fazer o que pediu.

Meu pai construiu um pergolado no quintal de casa para colocar uma mesa grande e termos um lugar gostoso para comer ao ar livre. Nosso quintal tem muito verde e algumas árvores, o que deixa a vista aconchegante.

Ajeito a mesa enquanto eles se sentam, Paulinha vai para a cozinha ajudar minha mãe com as coisas para o café.

— Você está bem? Parece um pouco agitada. — Vinicius toca minha cintura e eu me afasto.

Meus olhos correm para a porta da cozinha e suspiro, aliviada, por ninguém ter visto nada.

— Eu estou bem — respondo, sucinta. — O que faz aqui?

— Vim com meu irmão — ele responde, dando de ombros.

— Olha o café — Paulinha anuncia, chegando à mesa com a garrafa e uma bandeja e xícaras.

Eu a deixo servindo os dois e vou para a cozinha ajudar minha mãe. Meu nervosismo é tão grande que fico com medo de servir o café e derramar tudo em volta.

— Rita, pega aqueles pratos bonitos que eu tenho. Vou levar a bandeja com o bolo lá para a mesa.

— Pode deixar que eu levo para a senhora — digo, pegando a bandeja da sua mão.

Pego os pratos que ela me entrega e volto para fora carregando tudo com o máximo de cuidado possível. Chego à mesa e percebo todos rindo, descontraídos.

Será que eu sou a única desesperada com a situação?

— O Guilherme é assim — escuto Marcelo falar descontraído na mesa e estranho.

A última vez que estivemos juntos, em sua casa, ele parecia um homem completamente fechado e até um pouco esnobe. Agora, aqui, sentado à mesa de uma casa simples, tomando café e conversando relaxado com minha irmã e Vinicius parece outra pessoa.

— Depois acabamos conversando um pouco e ele pareceu ser um cara legal — Paulinha comenta.

— O que houve?

— Guilherme tomou um *passa fora* lindo da sua irmã ontem no bar — Vinicius esclarece em meio à risadas.

— Pelo menos, ele entendeu o limite do não? — questiono Paulinha e Vinicius me encara, sabendo exatamente do que estou falando.

— Claro. Comigo é assim, tudo às claras. — ela responde, convicta.

— Quando a pessoa age de acordo com a sua vontade, é assim. — O ser irritante sinaliza com a mão em direção à minha irmã.

— Mas, às vezes, a pessoa pode estar confusa e querer um tempo para sua cabeça — rebato, sarcástica.

— Ou com medo — ele devolve na mesma moeda.

Sinto a famosa irritação que ele costuma me causar brotando dentro de mim e penso milhões de formas para xingá-lo.

— Estamos falando da mesma coisa? — Marcelo intervém.

— Sim! — respondemos juntos, sem tirarmos os olhos um do outro.

— Espero que o bolo esteja do agrado. — Minha mãe chega acalmando os ânimos.

— Está maravilhoso, dona Lélia — Vinicius responde.

— Incrível, de verdade — Marcelo complementa.

— Que bom. Se me derem licença, eu preciso continuar a montar minhas encomendas de amanhã.

— Eu te ajudo, mãe — ofereço.

— Não precisa, menina. Faz sala *pros* meninos junto com Paula Maria. Eu me viro.

Minha mãe destrói totalmente minha intenção de conseguir alguma distância do provocador ao meu lado.

— Bom dia. Minha mãe disse que estavam me procurando. — Clarinha aparece em seguida.

— Bom dia, Clara. Sim, na verdade, sou eu que a procuro. Preciso que veja alguns reparos na minha roupa do desfile. — Marcelo se levanta para lhe responder.

— Ah... e quer que eu faça? — ela responde, apontando o dedo indicador para si.

— Sim. Você é a melhor costureira da região — ele justifica.

— Tudo bem. Vamos até a sala de costura, vou ver o que posso fazer.

Os dois caminham para a sala, eu olho para Paulinha, que acena indicando que vai entrar e sobramos somente Vinicius e eu na mesa.

— Você não vai com seu irmão?

— Não. Ele se vira sozinho. Prefiro ficar aqui, comer bolo e te olhar — responde, com uma piscadela.

- Você não deveria ter vindo.

- Por que não? Qual o problema?

— Esse é o problema. Você fica me encarando, eu fico nervosa e minha mãe é um falcão de olho em cada movimento nosso.

— Relaxa, Rita Maria. Não acontecerá nada que você não queira — ele responde, sorrindo fácil e isso me deixa ainda mais irritada.

— Já ouvi isso antes.

— E aconteceu exatamente assim. — Seu sorriso debochado transborda minha raiva

— Escuta aqui...

— Olha quem está aqui. Como vai, menino?

Sou interrompida pelo meu pai e quando olho para trás penso que o dia não poderia ser pior. Lucio o acompanha.

Acabo parando alguns minutos para admirar o homem. Ele é bonito, muito bonito. Seus cabelos loiros estão escondidos embaixo do boné, uma camiseta branca marcando seu corpo musculoso e um jeans que marca tudo nos lugares certos.

Por que eu não quis namorar ele mesmo?

— Seu Jaime, como vai — Vinicius levanta, cumprimentando-o.

— Bem, muito bem.

— Como vai, Vinicius. Você por aqui? — Lucio o cumprimenta e lembro-me de que os dois já se conhecem da fazenda. Lucio é peão lá.

— Vim acompanhar o Marcelo. Ele veio fazer uns reparos na roupa do desfile.

— Oi, Ritinha. — Lucio vira sua atenção para mim e eu enrubesço.

Eu poderia estar em uma situação mais difícil que essa? De um lado o homem que eu transei ontem e do outro o homem que eu transava há um tempo.

Senhor, me tira dessa enrascada!

— Oi, Lucio, como vai?

— Bem. Faz um tempo que não nos falamos.

— Pois é — respondo, sem graça.

Arrisco um olhar para Vinicius e o vejo pairando sobre nós, prestando atenção a tudo.

— Tinha esperanças de te encontrar em casa. Vamos à prainha mais tarde? Já chamei a Paulinha e ela topou.

— Claro. Vamos sim — respondo, por impulso.

Meu nervoso é tanto que acabo esquecendo que tentava evitá-lo a todo custo. Concorde na esperança de que ele vá logo embora daqui.

— A prainha. Quanto tempo eu não vou lá.

— *Uai*, aproveita que eles vão e vai junto — meu pai sugere e eu quase choro.

— Ótima ideia. Vou chamar o Guilherme, quem sabe ele topa também.

Continuo parada como uma estátua enfeitando o lugar. Vinicius sustenta o sorriso mais cativo na face, o que consegue me manter irritada com ele. Arrisco um olhar para Lucio e vejo um incômodo por termos companhia.

Fico na dúvida se agradeço ou se lamento o que meu pai acabou de fazer.

Como de costume, começo minhas orações mentais e tento a todo custo lembrar o nome do santo das causas impossíveis para me acudir nesta hora.

Eita, que agora lasquei-me de vez.



Capítulo 14

“Mentira tem perna curta”

Ritinha

Chegamos à praia logo após o almoço, Paulinha, Toninha, Clarinha e eu. Por um milagre, as quatro irmãs vieram juntas, principalmente, Toninha, que nunca sai da rotina da igreja e do pronto-atendimento.

Vimos de carona com o Lucio e dei graças a Deus quando Paulinha se prontificou a vir na frente. Eu não quero qualquer contato, além do necessário, com ele e a forma como me olha mostra que sua intenção é totalmente contrária à minha vontade.

Olho adiante e vejo um trio pecaminoso parado embaixo de uma das árvores daqui. A paisagem já é linda e ter acrescentado a ela a beleza dos irmãos Queiroz, não tem preço.

Rômulo, Guilherme, ao qual ainda não fui apresentada oficialmente, e Vinicius estão sentados e fazendo sinal com a mão. Percebo que o ser infernal já nos localizou.

— Vamos sentar nas pedras? — Lucio pergunta, descarregando o carro.

— Acho que o Viny está nos chamando para baixo daquelas árvores — Paulinha comenta.

— Não sei se é uma boa ideia ficarmos ali. Eles são meus patrões — Lucio justifica, mas pela sua expressão, sei que tem muito mais do que está contando.

— Nunca é uma boa ideia ficar perto de um Queiroz — Toninha menciona, amarga.

— *Pra* mim tanto faz. — Clarinha dá de ombros.

— Já combinamos em casa, ficaria chato não ficarmos juntos — justifico com a verdade.

Paulinha lidera a marcha feliz e saltitante, enquanto uma Toninha emburrada segue ao

meu lado e de Clarinha. Escuto Lucio resmungar algo atrás de mim, mas resolvo ignorar.

— Oi, meninas — Rômulo é o primeiro a nos cumprimentar.

Ele beija o rosto de cada uma de nós e quando chega em Toninha, ela estende a mão, muito a contragosto, cumprimentando-o.

— Rita Maria, a água está maravilhosa. Quer dar um mergulho? — Vinicius, indiscreto, joga na roda e todo mundo me encara.

— Talvez depois.

Arrumo minha toalha no chão e sento ali, um pouco distante, mas ainda abrigada pela sombra das árvores. Hoje o dia está especialmente quente e, mesmo tendo passado protetor antes de sair, prefiro precaver.

Toninha e Clarinha saem para passear perto das pedras, que sempre foi o lugar favorito das duas, desde que éramos pequenas. Quase me ofereço para acompanhar, mas lembro que Paulinha está aqui e deixá-la sozinha com quatro homens não seria legal da minha parte.

— Quero sol *pra* queimar tudo em mim. — Ela estende sua canga e se deita à nossa frente.

Paulinha já foi gorda na adolescência, sofreu muito com a discriminação e chacota das pessoas. Quando estava para sair do colégio, resolveu mudar seus hábitos e rapidamente perdeu peso, ficando com um corpo voluptuoso, mas que a deixara incrível.

— Haja sol para queimar tudo isso. — Escuto baixo e olho para trás, vendo Rômulo e Guilherme a comendo com os olhos.

Balanço a cabeça em negação, sorrindo, arrisco olhar para Viny que está um tanto distante e seu foco está na água. Olho para onde sua cabeça está direcionada e relaxo.

Chamamos aqui de prainha, mas não é uma praia de verdade. A represa passa pela

cidade e há muito tempo os moradores de Palomino limpavam esta região para que usassem para diversão. As águas são calmas a se perder de vista, nossa volta é adornada de árvores e pedras, tornando o lugar um paraíso particular.

— Quer um suco ou água? — Lucio oferece, sentando ao meu lado.

— Não. Estou bem.

— Queria poder conversar com você... você sabe...

— Lucio... é melhor deixar como está. Não acha? — Só agora encaro seus olhos e vejo a tristeza que ali habita.

— Não, Ritinha. Eu não acho.

— Não é a hora, nem o lugar — respondo e tento soar calma, mas acabo falhando.

— Rita. Vem comigo? — Olho para frente e vejo a mão do Viny estendida para mim.

Resolvo aceitar para conseguir sair da saia justa que, mais uma vez, fui colocada. Eu sei que preciso conversar sinceramente com o Lucio e dar um ponto final na nossa história, mas eu não sei como falar sem parecer uma cadela sem coração.

Sei dos seus sentimentos por mim, mas nunca o enganei. E quando aceito a mão do homem à minha frente, não arrisco encarar Lucio, ainda mais ao escutá-lo resmungar para o acontecido.

— Aonde vamos? — Solto minha mão da dele, assim que seguimos alguns passos.

Viny olha para nossas mãos separadas e, por cima do ombro, volta a encarar nosso caminho. Ele não responde minha pergunta e, pela tensão que percebo vinda dele, prefiro me manter quieta.

Caminhamos para o fim da prainha, onde a mata se torna densa e dificulta nossa passagem. Viny abre caminho por algumas árvores, passamos por alguns rochedos e ele estende

a mão, me ajudando a subir neles.

Limpo minhas mãos sujas e quando ergo o olhar fico impressionada. Uma pequena queda d'água sai das rochas à minha frente, formando uma espécie de piscina. É simplesmente lindo e totalmente escondido.

— Uau — falo, impressionada.

— É meu lugar secreto.

— Eu nunca tinha visto. — Ele desce um pequeno barranco, estendendo os braços para mim.

— Acho que só meus irmãos e eu conhecemos isso aqui.

Apoio os braços em seus ombros e quando Viny pega minha cintura e aperta, sinto meu ventre fisgar. Ele não perde a oportunidade me pegando em seu colo, como eu estou de vestido, nossas intimidades ficam em contato, sendo barradas somente pela roupa de banho.

— Me... solt...

Não consigo terminar de falar já que Vinicius toma meus lábios, devorando-os com ardor. Seu beijo me consome e logo já não me lembro dos meus questionamentos ou o quão isso é errado, só sei sentir.

Suas mãos escorregam para minha bunda, me sustentando no lugar certo para que ele esfregue sua virilha na minha. Sua língua sincronizada com seus movimentos pélvicos aceleram meus batimentos e minha libido começa a gritar para ser transbordada.

Apoiando minhas costas em um dos rochedos, afasta o suficiente nosso corpo para puxar meu vestido e biquíni de lado e beijar meus seios necessitados. O prazer aumenta e gemo em resposta, fazendo-o se tornar mais afoito no seu toque.

— Segura minha mão!

Paralisamos nosso movimento quando uma voz masculina é ouvida muito próxima de nós. Viny me coloca no chão e eu rapidamente arrumo meu biquíni no lugar.

— Sabia que estaria aqui, cara — Rômulo fala, sorridente, em cima do barranco que estávamos há pouco.

— Por saber isso, não deveria ter vindo — Vinicius reclama, carrancudo, e rio baixo.

— O que está fazendo aqui, Ritinha? — Toninha esbraveja quando me vê ali.

— Vim conhecer... *uai* — falo, como se fosse óbvio e desvio do seu olhar questionador.

— Pronto, cabrita. Já viu que sua irmã está viva e meu irmão não a comeu... ainda — Rômulo provoca e, como resposta, ela acerta um tapa no seu abdômen, o fazendo curvar, gemendo de dor.

— Cabrita é a senhora sua avó! — ela grita furiosa com ele.

— Bem feito — respondo, rindo.

— Merecido, irmão. — Viny dá de ombros.

— Aqui é realmente lindo, mas acho melhor voltarmos para a prainha com as meninas, Ritinha — Toninha oferece e eu acabo aceitando.

Não sei qual é a implicância dela com esses irmãos, mas desde sempre, eu a escuto falar pelos cantos o quanto eles são degenerados, irresponsáveis e pecadores nas leis de Deus.

Rômulo, já recuperado da pancada, estende a mão, ajudando-me a subir e voltarmos para a prainha. Arrisco um olhar para Viny, que dá de ombros, fazendo um biquinho delicioso, demonstrando a tristeza pelo boicote.

Mesmo sabendo que foi o melhor, ainda sim, sinto-me como ele. Horrível ter sua libido desperta da forma mais deliciosa e, de uma hora para a outra, ser cortada dessa forma.

— E aí? — Paulinha é a primeira a perguntar quando chegamos.

— Achei *ela* — Toninha responde.

— Quero saber se pegou *eles* no rala e rola — Paulinha fala alto demais e todos começam a rir, até Vinicius.

Eu abaixo a cabeça, envergonhada, e finjo não entender do que elas estão falando. Olho adiante e vejo Lucio com o olhar perdido nas águas à nossa frente, mas sei que está disfarçando sobre o que acabou de ouvir.

Marco mentalmente para chamá-lo mais tarde e, finalmente, conversarmos para colocar tudo isso em ordem. Tenho grande carinho por ele e não quero que fiquemos dessa forma.

— Vamos jogar vôlei? — Guilherme oferece.

— *Bora!* — os irmãos respondem.

Paulinha levanta animada, Clarinha um pouco tímida, concorda, Toninha protesta e eu encaro Lucio.

— Vamos, Lucio?

— Melhor não — responde, ainda olhando para as águas.

Nos dividimos em garotas e garotos. Ganhamos vantagem por estarmos em maior número e ouvimos deboches sobre serem cavalheiros e mais fortes.

Coitados!

Começamos o jogo dando a vantagem para eles, mesmo sem rede, estabelecemos a marca da quadra e começamos. Logo na primeira rebatida, Paulinha corta a bola na risca da linha, fazendo Guilherme cair de cara na areia para não perder o lance.

— Eu acho que elas sabem jogar — Rômulo comenta, sério, e os vemos concordando.

Rimos, cúmplices. De fato, sabemos jogar e muito bem, sempre fazíamos isso, mesmo Toninha e Clarinha sendo as mais desligadas, sempre que vínhamos à prainha quando crianças,

era uma das nossas maiores diversões.

Continuamos o jogo e comemoramos com muitos gritos quando, ao final, fechamos com sete pontos de diferença deles.

— Que lavada — Viny comenta, enxugando o rosto na toalha.

— É bom para vocês aprenderem a não subestimar as mulheres. — Paulinha pisca um olho e vai para a água.

— Vamos nadar? — Escuto a voz do pecado ao meu lado.

— Vai lá... eu vou beber uma água — disfarço e saio de perto dele.

As meninas acompanham Paulinha e os irmãos Queiroz seguem Vinicius, que parecendo muito contrariado, me deixa sozinha com o Lucio.

— Está gostando? — puxo assunto.

— *Pra* ser sincero, não. Não estou, Ritinha. Você *tá* saindo com o dono da fazenda?

— Eu não *tô* saindo...

— *Diacho*, Ritinha! Não me enrola — ele protesta e resolvo ser honesta.

— Tudo bem. Nos saímos, sim. É algo bem recente.

— Por isso tem me evitado? — ele pergunta e sinto a mágoa emanando das suas palavras.

— Não, Lucio. O que tínhamos já havia acabado há um tempo, e ele só aconteceu agora.

— É por que ele tem dinheiro, Rita?

O encaro chocada e a mágoa que só vinha dele, agora me atinge.

— Como pode pensar isso? — falo, indignada.

— Eu... desculpe... Não sei o que pensar. É melhor eu ir embora. Eles estão em dois

carros e podem levar vocês.

Lucio se justifica apressadamente e sai dali feito um foguete.

Continuo parada no lugar, ainda o olhando fazer seu caminho e lamento. Esperava que as coisas pudessem se resolver de maneira tranquila e que ele entendesse, pelo visto, não.

— *Tá* tudo bem? — Escuto a voz de Vinicius atrás de mim.

— Sim. Só vamos precisar de carona para irmos embora. Lucio precisou ir.

— Sem problemas. Levamos vocês.

— Bom. Vamos para a água, então. — Sorrio, tentando descontraír.

Pelo olhar de Vinicius, sei que teria muito mais perguntas que ele gostaria de respostas, mas eu não quero e nem estou preparada para isso.

Afinal de contas, não temos nada.



Capítulo 15

“Quem pode, pode; quem não pode, se sacode.”

Ritinha

Chegamos em casa no fim da tarde, a vizinhança toda está na rua aproveitando o fim de tarde encalorado. Crianças correndo pela rua, fazendo com que o carro ande bem devagar.

Não preciso mencionar que todos param para olhar e gesticular em nossa direção. Eu estou sentada ao lado de Vinicius no banco da frente e minhas irmãs no banco de trás.

Na hora de virmos embora, houve uma pequena discussão sobre quem iria nos trazer e, Guilherme sugeriu dividir em dois carros. Vinicius interveio dizendo que era totalmente desnecessário e que nós quatro iríamos com ele.

Toninha tentou sentar na frente, acho que no intuito de me afastar de Viny, mas Paulinha foi mais esperta, puxando-a pelo braço e entrando no banco de trás, tomando o cuidado de deixá-la no meio, entre Clarinha e ela.

O carro encosta na frente de casa e vejo através do vidro meus pais parados na pequena varanda da entrada. Sinto meu corpo tencionar quando a feição da minha mãe muda completamente, vendo que somos nós dentro do carro.

Meu pai acena em nossa direção, caminhando ao nosso encontro. Vinicius destrava seu cinto e desce do carro, contornando-o rapidamente. Minhas irmãs se movimentam no banco de trás, pegando as bolsas e saindo do carro uma a uma e eu continuo ali. Parada.

— Não vai descer, moça? — Viny apoia o braço na janela do carro e sorri para mim.

— Vou. Claro. — Desperto da minha tensão e abro a porta do carro.

— Minhas meninas. Se divertiram? Onde está Lucio?

— Sim, pai, muito! O Lucio teve que voltar antes — respondo.

— *Uai*, mas o que houve com aquele menino?

— Dor de cotovelo — Paulinha fala e vejo Clarinha cutucando-a.

— *Num* entendi. — Meu pai coça a cabeça e Vinicius e eu nos encaramos.

— Nada, não, pai. Paulinha é doida — Toninha intervém e me espanto com isso.

Normalmente, ela seria a primeira a contar tudo que viu e achou sobre qualquer coisa relacionada a nós, somando a ira que ela tem dos Queiroz, seria o prato cheio para ela.

— Vamos, então. Vinicius, obrigada pela carona. — Estendo a mão, querendo ser educada.

— Nada a agradecer. A companhia foi ótima — ele responde, com um sorriso aberto, e se aproxima demais de mim.

Sem que eu espere, Vinicius segura minha cintura em um aperto significativo, porém, disfarçado, dando um beijo demorado na minha face.

Ele faz a mesma coisa com minhas irmãs, mas obviamente de forma mais singela e rápida. Meu pai se despede dele e quando entramos, minha mãe só nos encara, sem dizer uma palavra, isso acaba sendo um pouco preocupante.

— *Oia*, aqui. *Num* tô gostando nada desses forasteiros Queiroz atrás de vocês. É roupinha para desfile, visitinha de supetão, passeio na prainha. Isso *num tá* certo! — ela solta, assim que entramos na sala.

— Lélia, querida. Deixa as meninas se divertirem. O rapaz é boa pessoa e muito educado.

— Isso ele é mesmo. Mas a fama deles *num* é boa, Jaime.

— Nossas meninas já cresceram, Lélia — meu pai argumenta.

— Cresceram, mas eu ainda arranco o couro de algum aventureiro que quiser brincar com elas — ela responde, saindo da sala a passos apertados.

Nos encaramos e olhamos para nosso pai, que dá de ombros, não dando tanta atenção assim para minha mãe. Sem comentarmos nada, cada uma vai para seu quarto e eu fico por último, ainda pensando mais do que agindo.

— Filha? — minha mãe chama, assim que passo pelo corredor. — Vem aqui.

Respiro fundo, prevendo tudo que irá dizer. Sei do seu zelo e preocupação conosco durante toda a vida, entendo seu medo de ver uma filha envolvida com um homem mulherengo, mas nem eu sei o quão esse envolvimento é comprometedor.

— Sim, mãe.

— Senta. Vamos conversar.

— Mãe... — lamento.

— Senta, Rita Maria. — Sua voz imperativa me convence. — Eu não sou boba, filha. Tô vendo esse tal Vinicius te cercando feito urubu. Cuidado, Rita. Esses homens não são de confiança.

— Como você sabe, mãe? Você não o conhece. Não sabe nada dele ou da vida dele.

— Não preciso. Os vizinhos comentam. Esses dias ele saiu da casa da Tetê, a vizinha dada.

— Não era ele! Era o irmão. E, além disso, não é da nossa conta o que eles fazem.

— Olha a boca, Rita Maria!

— Mãe. Tô cansada de viver à mercê do que os vizinhos acham ou falam. Eu não tenho nada com o Vinicius. Ele é irritante, metido, adora me provocar, mas de alguma forma, ele desperta algo que eu não sei... é confuso, mas é bom.

— Filha... você tá *enrabichada* por ele? Ah... Eu conheço esse brilho nos olhos...

— Mãe... menos, por favor. Eu só disse que ele é interessante e que se algo acontecer,

eu gostaria do seu apoio.

— Só não quero te ver machucada, criança — ela fala, vindo em minha direção e abraça minha cabeça.

— Eu não vou. Fica tranquila.

— Bom, agora vou fazer a lista dos doces da barraca da festa. Vai me ajudar?

— Claro!

Tudo foi muito mais fácil do que imaginei. Já ouvi diversas vezes que a sinceridade é o melhor caminho, mesmo parecendo difícil de fazê-la, ainda é a melhor maneira de resolver qualquer problema e se sentir bem consigo mesma.

Passamos um bom tempo conversando sobre os doces que ela pretende colocar na barraca da festa. A expectativa, como sempre, é grande. Todos esperam para experimentar as delícias que a dona Lélia faz.

— Doce de goiaba. Esse tem que ter.

— O melhor da cidade — meu pai comenta, saudoso, entrando na cozinha.

— Esse vai para a lista. Quero fazer inveja para Mirtes.

— Mãe, só porque a pobre mulher fez doce de goiaba no ano passado?

— A barraca dela era de pastel, Rita Maria. Pastel. Ela queria me provocar, isso sim.

— Deixa disso, mulher. Aquela mulher não mexe com ninguém.

— Só fala da vida de todo mundo — comento baixo.

— *Tá defendendo ela* agora, Jaime? — Minha mãe eleva a voz.

— Claro que não! — ele se defende.

Já sei que vai começar uma pequena discussão que, normalmente, não dá em nada.

Esses dois vivem como cão e gato, mas no fundo, é só a maneira deles de mostrar o quão se importam e não vivem um sem o outro.

Normalmente, meu pai tenta ser racional, minha mãe esbraveja e ele aceita para não sair perdendo.

Saio de fininho da cozinha, os dois estão tão entretidos que não notam minha escapulida. Resolvo tomar um ar no quintal do fundo, a noite já tomou conta e o ar fresco começa a se fazer presente.

Sento no meu balanço e passo a refletir sobre o dia. Vou além, na verdade, pensando em como eu estava vivendo até aquele homem provocador entrar na oficina.

Tudo parecia tão certo, caminhando, de forma lenta e vagarosa, mas caminhando. Eu não tinha expectativas, não ansiava por nada, só esperava a cada dia passar.

Se isso era certo eu não sei, com certeza era bem menos complicado do que agora.

— Noite... — Ouço a voz de Lucio no pequeno portão no fundo do quintal.

— Oi. Entra.

Lucio passa pelo portão, cabisbaixo. Não encerramos nossa conversa muito bem e achei que por um longo tempo ele não iria querer me ver ou falar comigo.

— Posso sentar?

— Claro.

Ele se acomoda no balanço ao meu lado e ficamos assim por um tempo. Com ele sempre foi tudo tão fácil, crescemos juntos, nos tornamos amigos e quando eu decidi que era hora de crescer, ele foi meu primeiro.

Não me arrependo. Lucio me tratou como uma garota especial, eu já sabia que era apaixonado por mim, já tinha me pedido em namoro diversas vezes e, mesmo eu gostando dele,

nunca achei que daria certo.

— Desculpe por hoje. É mais complicado que imaginei.

— O quê?

— Seguir em frente.

— Ah...

— Eu gosto de você, mais do que deveria, Ritinha. Quero seu bem.

— Eu sei, Lucio. Deveríamos ter conversado antes, bem antes.

— *Tá* tudo bem. Sou peão, aguento o tranco. Mas eu vou avisar o patrão: se ele te magoar, vai se ver comigo.

Rio da maneira protetora que ele fala e confirmo, porque com ele sempre foi tudo tão fácil. Ele tem um coração de ouro e merece alguém que faça jus a isso.

— Eu desejo do fundo do coração, Lucio, que você arrume a mulher certa para cuidar de você. Você merece.

Ele leva sua mão até a minha e aperta com carinho. Seus olhos dizem tanta coisa, mas ele luta bravamente para se conter.

— Se preocupa não. Sou peão e minha vida é na sela do cavalo.

E, aproximando seu rosto do meu, ele beija minha bochecha carinhosamente e eu agradeço por isso.

— *Uai*, e eu achando que era com você que ela queria ficar. — Escuto a voz baixa da minha mãe, muito próxima de nós.

Lucio e eu levantamos em um pulo e olho para trás, vendo minha mãe e Vinicius parados, nos observando.

Eita! Lasquei-me!

Penso, porém, não digo.

Vinicius tem o semblante fechado, parece até um tanto entediado olhando de mim e para o Lucio. Minha mãe com o braço cruzado e uma mão cobrindo sua boca não ajuda em nada para o nervoso que sinto aplacar.

— O que faz aqui? — pergunto, confusa.

— Você esqueceu sua bolsa no carro. Só vi quando cheguei na fazenda. Então, trouxe de volta. — Ele estende a bolsa em minha direção.

— Ah, obrigada. Nem tinha dado falta — respondo, sem graça, pegando da sua mão.

— Deveria estar muito ocupada — ele responde secamente, olhando por cima de mim.

— Eu já vou indo — Lucio se manifesta.

— Não se incomode. Eu já estou de saída. Até mais, dona Lélia. — Viny nem sequer me olha e parte.

Olho para trás com os olhos aflitos em direção a Lucio.

— Vai lá... — ele responde, com fraco sorriso à minha pergunta não falada.

Acelero meus passos, já que Viny sumiu de vista e o alcanço quando está entrando em sua caminhonete. Sem pensar nas consequências, entro no seu carro do lado do carona e ele me encara, incomodado.

— O que faz aqui, Rita Maria?

— Quero falar com você.

— Acho que está meio ocupada com seu amiguinho.

— Vinicius, Lucio é, sim, meu amigo. Só estávamos conversando.

— Não pareceu só isso.

— Está com ciúme? — Ele bufa, com escárnio.

— Não seja ridícula. Só não gosto de fazer papel de idiota. Não curto essa coisa de compartilhar.

— Nem eu! Deus me livre!

— Então, por que fica dando trela *pra* esse peão? — Ele aproxima seu rosto do meu e, se não fosse pela sua cara de bravo, provavelmente eu o teria beijado.

— Só estávamos conversando — torno a falar.

— Beleza! Eu também quero conversar com você, mas do meu jeito.

Vinicius dá partida no carro e, mesmo ouvindo meus protestos e perguntando para aonde estamos indo ou o que ele está fazendo, continua dirigindo, como se nada de mais estivesse acontecendo.

Meu coração dá um galope no peito, pensando em como será seu jeito de conversar e confesso, vergonhosamente, que sinto meus países baixos pulsam em antecipação.

Reconheço o caminho que está fazendo, é o de seu apartamento. As borboletas discretas no meu estômago se transformam em bolas de fogo queimando-me de dentro para fora. Minha temperatura sobe automaticamente e um fraco suor brota em minhas mãos.

Eu já havia parado de protestar há um tempo, sabendo que nada adiantaria, se tratando do teimoso ao meu lado. Ele estaciona na sua vaga e desce do carro, sem nem me olhar, continuo ali parada e estremeço de susto quando uma batida forte no vidro me faz encará-lo.

— Desce.

Agora a vaca vai pro brejo.



Capítulo 16

“Em terra de cego quem tem olho é rei.”

Ritinha

Entramos no abatedouro de calcinhas em silêncio, acabei apelidando o apartamento dele dessa forma, não achei definição melhor para este lugar. Vinicius não disse uma palavra até agora e eu prefiro manter minha boca fechada para não o deixar mais irritado.

Fico parada no meio da sala pequena e ele vai até a cozinha, abre a geladeira para fechar em seguida, vai até os armários abre e fecha, volta para sala e anda de um lado a outro, sem fazer sentido algum.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — pergunto, colocando as mãos na cintura, cansada dessa cena.

— Ainda estou pensando sobre isso.

— Sério? — minha fala sai mais irônica do que eu pretendo e Vinicius finalmente me encara.

— Sério! Muito sério, Rita Maria. Você não tem ideia do quão sério — ele fala, jogando os braços para o alto e eu tenho vontade de rir.

-- Você sabe que *tá* parecendo meio maluco, *né*? — E acabo rindo.

Em dois tempos Vinicius me alcança, puxando meu corpo para si e calando minha risada em um beijo bruto. Seus lábios castigam os meus e a cada momento que sua língua circula a minha, ele faz questão de recuar e morder meus lábios.

Eu poderia protestar, dizer que ele está sendo estranho e ir embora, mas a verdade é que estou amando cada coisa maluca que ele faz e, sinceramente, esse beijo esquentou tudo em mim.

— Você me deixa maluco. — Ele ofega.

— Posso dizer o mesmo.

— Quero você! Agora! — Suas mãos começam a puxar minha blusa.

— Mas você disse que queria conversar — lembro-o de suas palavras e ele ri baixo.

— Nós vamos... do meu jeito.

No ímpeto, ele ergue meu corpo colocando-me sentada no balcão que divide a sala da cozinha, em resposta, puxo sua camisa até sair de seu corpo e logo estamos nos consumindo novamente.

Seu toque é urgente, preciso, tornando meus anseios ainda mais alvoroçados. A irritação já foi, nem me lembro de como chegamos a isso e nada realmente importa. Só a vontade de ser tocada, beijada e acariciada por ele ocupa minha mente e corpo.

Eu ainda estou usando biquíni, não tive tempo de mudar as roupas em casa e ele praticamente me sequestrou, não dando chance alguma para eu recuar.

— Viny, eu preciso de banho — falo, entre beijos.

— Banho? — Ele me beija de novo. — Ok — outro beijo —, vem comigo. — Ele finalmente se afasta.

Menos afoito, Viny me desce do balcão e me dando a mão, subimos para seu quarto no mezanino. Com cuidado, tiramos o restante das roupas um do outro, nos acariciando, sentindo e vivenciando a sensação de cada peça despida.

Sua urgência parece ter abrandado e sinto seu toque bem mais leve que antes. Parece que ele está mais calmo, apesar de eu não entender muito bem o que o deixou tão irritado.

Entramos embaixo do chuveiro e Viny cuidadosamente passa o sabonete por todo meu corpo. Seus olhos estão concentrados totalmente no que está fazendo, parecendo querer decorar cada parte de mim. Meu coração acelera, não só pelo seu toque, como também pela forma que ele faz isso.

Sinto-me querida.

Sensações que eu desconheço, ou, na verdade, não quero reconhecer, fincam em cheio dentro do meu peito e o medo vem como uma avalanche me acompanhando.

Ele termina de me lavar e entrega o sabonete na minha mão, insinuando que espera o mesmo. Eu esfrego seu corpo com o mesmo cuidado que fez comigo, aproveito para observá-lo, admirá-lo e começo a entender o porquê de ele me atrair tanto.

É a perfeição.

Seu corpo é convidativo de todas as formas, músculos firmes, trabalhados, pernas grossas, peitoral largo sem exageros, a barriga malhada e o bendito “v”, indicando sua virilha, o torna totalmente irresistível.

Levanto meu olhar e vejo seus olhos transbordando sua confiança, um leve sorriso no canto da boca indica o quanto está se segurando para soltar alguma gracinha, sendo o bom impertinente que é.

Ele se enxágua e saímos do banho sem trocar qualquer palavra. Cada um fechado em seus pensamentos e deixando que o instinto e nossos atos mostrem o que realmente queremos um do outro.

Termino de me enxugar e sinto meus pés saírem do chão quando ele me pega no colo e nos leva dali. Sou depositada na cama com cuidado, sentindo seu corpo cobrindo o meu, devagar.

Tudo está acontecendo muito devagar e isso está me deixando um tanto ansiosa.

— Viny...

— Xiu... — ele fala, colocando um dedo sobre a minha boca.

Ele beija minha testa, beija meu nariz e cada lado da minha bochecha. Desce seu corpo

beijando meu pescoço, o colo e meu estômago. Sua boca escorrega pela minha barriga, raspando seus lábios pelo caminho até alcançar meu ventre e ali ele deposita um beijo molhado.

Ajeitando o corpo entre as minhas pernas, suas mãos circulam minhas coxas, me firmando no lugar. Sua respiração está aquecendo ainda mais minha intimidade e olhar essa cena aqui de cima atíça a devassa em mim.

Tento elevar meu quadril para terminar a tortura e ele cumprir logo o que pretende fazer, mas seus planos são outros. Suas mãos me firmam no lugar e, com um sorriso sacana nos lábios, ele balança a cabeça em negação.

Hoje eu morro!

Fecho os olhos em antecipação e logo sinto sua língua percorrendo minha virilha. A fisgada em meu canal vem em cheio e um gemido baixo escapa dos meus lábios. Repetindo o mesmo do outro lado, percebo que a tortura está só começando.

Ele contorna meu íntimo com sua língua algumas vezes, fazendo meu desejo explodir dentro de mim e, quando estou prestes a implorar para que acabe logo com isso, sua língua finalmente encontra meu centro.

Gemo alto e peço por mais, sem vergonha alguma nisso. Ele atende meu pedido e continua a lambar e chupar. Criando um ritmo prazeroso, ele circunda sua língua em mim para, logo em seguida, sugar com força meu clitóris.

Não sei dizer quantas vezes ele fez isso até que eu atinja o clímax, clamando pelo seu nome e puxando seu cabelo fortemente para mim.

Ele não para de lambar, nem quando meus tremores se tornam intensos, parece querer provar todo prazer e os gemidos que eu ouço sair da sua boca mantêm minha excitação sempre no limite.

— Já conversei com a língua... Agora, está na hora de conversar com meu pau — ele

fala, escalando meu corpo.

Tenho vontade de bater nele pela sua arrogância, mas eu sei que o melhor está por vir e não posso parar isso, para o bem da minha sanidade.



Estamos deitados na cama, eu sobre ele e sentindo suas carícias nas minhas costas, vagorosamente. Com os olhos fechados, quase durmo ao som das batidas do seu coração.

— Não gostei do que vi hoje.

Levanto minha cabeça e apoio as mãos no meu queixo.

— Do que, exatamente?

— Aquele peão estava de mãos dadas com você.

— Aquele peão é o Lucio, meu vizinho que cresceu comigo.

— E também te comeu.

— Olha a boca! — ralho com ele.

— Tenho certeza de que ele te ama.

— Sim, Vinicius, ele ama. E estávamos justamente conversando sobre isso e colocando um ponto final em tudo que vivemos. Nós já não estávamos juntos há muito tempo, se é que podemos chamar o que tivemos de *estar junto*.

— Seus pais sabiam?

— Não. Ah, sei lá. Todo mundo sabe que o Lucio gosta de mim, então... devem saber disso.

— E eles querem que vocês namorem? — Sinto um incômodo na sua voz, mas resolvo manter a sinceridade.

— Sim. Querem.

— *Humm...* — ele resmunga e não fala mais nada.

Deito em seu peito novamente, as batidas do seu coração, que antes eram calmas e ritmadas, agora parecem um estouro de boiada no peito.

Eu não sei exatamente o que ele quer, nem o que quis saber com as perguntas. Não temos nada, não somos nada.

Já ficou claro que, em breve, vai embora novamente e só Deus sabe quando volta.

— Preciso ir embora.

— Fica comigo. Só hoje — ele pede, abraçando meu corpo.

— Não dá. Minha mãe provavelmente está surtando em casa. Não peguei nem minha bolsa para sair.

Ele solta o ar incomodado e se movimenta para que eu saia de cima dele.

— Então, vamos embora, Rita Maria.

Sua voz gélida e o clima tenso que se forma me deixam ainda mais confusa. Esse homem literalmente não sabe se expressar, ou eu que sou besta demais para entender.

Que Deus me acuda, porque eu já não estou entendendo mais nada!



Não trocamos uma palavra pelo caminho e quando chegamos em frente de casa, eu,

mais que depressa, abro a porta saltando para fora do carro. Pelo horário, a rua já não tem mais movimentação, o que me faz agradecer internamente por não cair na rádio peão daqui.

— Espera! — Vinicius me alcança quando estou no portão de casa.

— O que foi?

— Por que está fugindo?

— Fugindo? Você está agindo feito um maluco desde que me levou daqui. Eu simplesmente não sei como agir — falo, exasperada.

Como resposta, ele abraça meu corpo com força, sua cabeça se encaixa no meu pescoço e eu só posso retribuir. Sinto que ele quer dizer muita coisa, mas as palavras travam e ele simplesmente age.

— Desculpa. Eu estou sendo idiota.

— Isso eu sempre disse que você era — falo, fazendo graça e recebo sua risada sincera como resposta.

— Ponto para você, moça bonita. — Ele beija meu nariz. — Até amanhã! Quero ver você trabalhando na minha moto.

— Não venha me atormentar! Detesto urubu do meu lado.

— Preciso garantir que vai fazer o serviço direito. É uma Harley, bebê.

— Escuta aqui — falo, empurrando seu corpo —, eu não sou bebê e eu sei consertar qualquer moto. Não preciso do seu selo de aprovação!

Sua risada escrachada me deixa ainda mais irritada.

Esse homem vai me matar!

— Até amanhã, Rita Maria — ele fala, se afastando.

Em resposta, mostro a língua para ele e entro para casa, sorrindo.

Ele realmente consegue tirar o melhor e o pior de mim ao mesmo tempo e, o pior de tudo, é que estou adorando tudo isso.



Capítulo 17

“É dando que se recebe.”

Vinicius

Uma tremenda merda. É isso que está acontecendo comigo neste exato momento.

Acabei de deixar Ritinha na casa dos pais e, por mais que a minha vontade fosse mantê-la no apartamento comigo, sei que não posso. Apesar de ser uma marrenta por natureza, seu estilo de vida é completamente diferente do meu.

O que eu vi hoje me deixa em alerta. Aquele peão sentado ao seu lado, segurando sua mão, ouvir um suspiro de satisfação da mãe dela e sua confirmação sobre a família fazer gosto deste envolvimento, só me mostra que estou sobrando nessa história.

O que me surpreendeu foi a irritação que me tomou, uma vontade gigantesca de socar a cara dele e cobrá-la na frente de todos o que temos.

Mas na realidade, o que temos?

Apesar de a resposta me incomodar como o inferno, nós não temos nada. Eu a conheci não tem uma semana e ela conseguiu tirar muito mais de mim do que qualquer outro tipo de relacionamento que já tive.

Tenho vontade de mostrá-la ao mundo, visitar cada lugar que estive e observar seus olhos curiosos brilharem com cada paisagem. Quero que ela sinta tudo que senti, a liberdade de estar em todos os lugares e aproveitar ao máximo de cada um.

Isso é estranho demais, até para mim.

Eu já tenho data de partida. Logo após a festa da cidade irei viajar para o sul e não sei quanto tempo demorarei por lá. Minha mãe é contra, acha que eu já estou na idade de sossegar em minhas raízes e pensar na família.

Bom, meu irmão mais velho é mais presente aqui, mas isso não o tornou um homem de

família, ainda.

Estaciono o carro ao lado do casarão na fazenda e desço, ainda mais confuso do que quando cheguei na casa de Ritinha. Isso é só um caso, nada de mais, como sempre foi com as outras, mas de alguma forma, estou me sentindo muito errado.

Entro a passos apertados, querendo o sossego do meu quarto para tentar esquecer toda essa merda, só quero poder esquecer.

— Filho? — Escuto minha mãe chamar quando estou no topo da escada.

— Oi, mãe.

— Aconteceu algo?

— Não... eu... só preciso descansar.

— Tudo bem. Já mandei sua roupa para ajustar.

— Roupa?

- Sim. A roupa do desfile. A Dorinha, filha da cozinheira, está mexendo na roupa de todos. Só Marcelo que diz preferir mandar arrumar na capital, sabe como ele é, né?!

— Mas eu pensei... — Interrompo o que eu ia dizer.

— O quê?

— Nada, não. Tudo bem, mãe. Faça como preferir.

Vou para meu quarto e um alerta infernal bombeia minha cabeça. Por que o Marcelo mentiu para minha mãe sobre quem está arrumando a sua roupa do desfile?

Quando o filho da mãe avisou que iria à cidade procurar a Clarinha, ele alegou que ela era a melhor e ele queria algo bem feito. Acabei indo junto, seria uma oportunidade de ver Rita Maria e provocá-la um pouco mais.

Pego meu celular, discando o número dele, eu preciso tirar essa dúvida.

— Oi, Vinicius — ele atende, sério como sempre.

— Fala, Marcelo. Seguinte, pode me explicar por que mentiu para a mãe dizendo que ia arrumar sua roupa na capital?

Alguns segundos de silêncio se passam até ele responder.

— Eu só não queria fazer na mesma costureira dela e, para não a chatear, resolvi ocultar essa parte.

— Você mentiu, não ocultou. E corta essa merda, pois a mãe nunca ficaria chateada com isso.

— Vinicius, você está com falta do que fazer? Tempo ocioso? Tenho certeza de que se olhar melhor para a fazenda, vai achar uma boa ocupação para sua mente.

— Você *tá* interessado nela? — jogo na cara, perdendo a paciência.

— Cuide da sua vida, irmão! Não lhe devo qualquer satisfação.

A linha fica muda e pelo seu comportamento não tenho dúvidas, o filho da mãe está interessado na irmã da Ritinha.

Rio feito idiota da ironia disso, imagine, os irmãos Queiroz babando pelas irmãs. Daria um belo livro se a realidade não fosse completamente diferente.

Eu sou um nômade. E não quero abrir mão disso.

Já Marcelo é conceitual demais, sério demais, frio demais e o pouco que vi daquela menina, ela é totalmente o oposto. Água e óleo. Nunca dariam certo.

Tomo uma ducha e tento aplacar meus pensamentos que voltaram totalmente para a mecânica marrenta. Enrolo meu corpo na toalha e desço em busca de algo para comer.

Já é bem tarde e a casa está deserta, não preciso me preocupar com alguém entrando a

essa hora.

Abro a geladeira, pegando uma jarra de suco e uma travessa de carne com batatas que, provavelmente, é sobra do almoço. Fecho a geladeira com o pé e pulo para traz quando vejo Graça, a filha da empregada, na minha frente.

— Boa noite, senhor Vinicius.

A menina é realmente linda, mas é a *porra* de uma menina.

— O que faz aqui? — pergunto, contornando o balcão e parando bem longe dela.

A garota parece hipnotizada com algo em mim e então me toco de que estou só de toalha. Alcanço um pano sobre a bancada e cubro meu tórax.

Posso parecer ridículo, mas nunca vou assumir o papel de sedutor de menores.

— Eu vim fechar a despensa que esqueci aberta. O senhor precisa de alguma coisa?

— Não. Pode ir embora.

— Mas...

— Vai embora, garota!

— *Eita!* Que *tá* pegando? — Rômulo chega na cozinha, usando uma samba canção e sem camisa.

— Nada! Vai embora, Graça! — esbravejo com ela.

A menina parece que vai pular no meu irmão, quando o vê quase pelado à sua frente. Pego outro pano na gaveta e jogo em cima do Rômulo.

— Que merda é essa, Vinicius?

— Se cobre. A menina é menor! Menor! — eu quase grito, histérico.

— Problema dela. Eu não chamei ninguém aqui. Quer olhar, fique à vontade, docinho.

Só não pode tocar — ele fala, jogando um charme barato e a menina sorri, feito boba.

— Eu mereço... — lamento e resolvo sair dali.

Se a minha mãe resolve aparecer aqui, neste exato momento, estamos ferrados.

— Tô subindo — anuncio, saindo dali o mais rápido que posso.

— Espera aí!

Rômulo me segue e eu só paro de andar quando já estou na segurança do meu quarto.

— Como foi lá?

— O quê?

— Para de ser idiota. Como foi com a mecânica? É gostosa do jeito que parece? — ele fala, se jogando na minha cama e eu quase chuto sua bunda.

— Cuida da sua vida. E para de chamar *ela* de gostosa.

— Wow. Temos um homem apaixonado?

— Cala a boca, Rômulo.

— Cuidado, mano. Ali, se pegar, tem que casar. — Ele gargalha da própria piada e eu só faço uma careta em resposta.

— Cuida da sua vida e da sua saúde sexual, ok?! Do jeito que varre a cidade, vai acabar com uma doença ou fazendo um filho.

— Vira essa boca *pra* lá. Eu sou um homem precavido. Só entro em bocetas devidamente encapado.

— Assim espero. Agora, eu vou dormir. Então vaza!

— Ok, minha deixa — ele fala, se levantando. — Mas é sério, mano, cuidado ali, aquelas irmãs são perigosas.

— Por que diz isso? — Fico intrigado.

— Nada de mais. Só avisando.

Rômulo sai do meu quarto e, pela segunda vez no dia, um irmão me surpreende. Só falta o mais sem-vergonha da família também ter uma queda por uma daquelas irmãs.

Isso já seria demais!



Chego à oficina quando seu Jaime está abrindo as portas. Fico ansioso para ver Ritinha trabalhando na moto do meu pai e não consigo me conter e apareço logo cedo.

— Bom dia, seu Jaime.

— Bom dia, garoto.

— Ritinha já chegou?

— Tá vindo. Aquela lá gosta de uma cama.

— Entendi. Eu vim vê-la trabalhar na minha moto — comento, sem graça, colocando as mãos no bolso.

— *Uai*. Sério isso? Ela nunca deixa ninguém xeretar as coisas que está fazendo.

— Pois é... — respondo qualquer coisa, sentindo o olhar analítico dele para mim.

— O que você está fazendo aqui? — E sou salvo pela marrenta.

— Vim ver você trabalhar.

— Não gosto disso, já disse.

— Vamos lá, Rita Maria. Só estou curioso. — Eu a desafio no olhar e, pela forma como

fecha a cara, ela entende.

Não há nada nessa mulher que me excite mais do que irritá-la. Parece contraditório, mas é estimulante demais vê-la se render às minhas provocações e ainda mais prazeroso quando essa raiva se transforma em tesão.

— Senta e aprende, moço da cidade. — Em sua voz escorre afronta e eu gargalho.

— Estou aqui para isso. — Pisco um olho e nem isso muda sua postura.

Encantador!

Sigo Ritinha até onde está a moto e a observo puxar e colocá-la na rampa. Fico encostado na bancada, enquanto ela manuseia minha Harley. Seu foco está totalmente na moto, tentando dar partida, olhando o painel, se curvando para verificar os fios.

Oh! oh!

Estou ficando muito duro com tudo isso e não será legal seu pai ver essa cena. Pigarreio, movendo meu corpo para mais perto e foco na moto. Somente na moto.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Verificando os cabos de vela.

— Isso eu já fiz. — Ela me olha como se eu fosse um idiota.

— Posso trabalhar? Se você é tão bom assim, por que não arrumou sozinho?

Levanto as mãos em sinal de rendição e me afasto sutilmente.

Ela começa a explicar sobre os cabos, olha toda a fiação e chega ao seu veredito.

— A parte elétrica está comida. Provavelmente algum roedor.

— Sêrio?

— Sim.

— Quanto tempo para arrumar?

— Vou ter que pedir duas peças e a parte dos fios na capital. Deve chegar em uma semana.

— Muito tempo!

— Pois é. Cidade pequena. — Ela dá de ombros.

— Tá! Beleza, pode pedir. Só vou usá-la depois da festa da cidade mesmo.

— Você vai pegar a estrada com ela? — Seu tom de voz chama minha atenção.

Ela mudou de mulher irritada para mocinha curiosa rápido demais.

— Sim. Vou para o sul e ela vai me levar.

— Entendo. Bom, até lá estará tudo resolvido. Fique tranquilo.

— Vem comigo? — pergunto no ímpeto.

— Aonde? — Seus olhos espantados me encaram.

— Para o sul. Vem? Tem um encontro de motos lá que você iria amar conhecer.

— Eu... não... é loucura. — Ela parece desconcertada com a minha proposta.

— Você quem sabe. Eu sei tão bem quanto você que esta cidade é pequena demais para sua mente — respondo, seguro.

Não sei de onde tirei tudo isso e por que raios fiz esse convite para ela, mas só de imaginar nós dois na estrada, a sensação de estar tudo encaixado preenche meu peito.

Eu vejo em seus olhos o mesmo anseio da vida que percorre minhas veias, acho que, por isso, ela me cativou desde sempre. No fim das contas, somos iguais.

— Esquece isso, Viny. Meu lugar é aqui e o seu é pelo mundo — responde, tentando desconversar.

— Se quer se enganar, fique à vontade, moça bonita.

— Eu não estou...

— Resolveram o problema? — Seu Jaime aparece, cortando nossa conversa.

— Achei o problema, pai. Mas tem que esperar vir material da capital.

— Sua filha é realmente muito boa com isso.

— Eu te falei, garoto.

— Seu Jaime, o seu Ernesto mandou avisar que a Kombi pifou de novo.

— *Eita! Lasqueira* que nunca fica boa.

— Dia! *Uai*, você é o homem que quase atropelou a Ritinha, *num* é? Eu vi aquele dia — um menino engraçado me pergunta.

— Atropelou? Que história é essa, Josival? — seu Jaime questiona.

— Ai! — o menino reclama, quando Ritinha acerta um tapa em sua nuca.

— Não foi nada, pai. A dona Rute, mãe dele, estava junto e eu fui distraída *pra* atravessar a rua e não olhar para os lados.

— Pois é, seu Jaime. Foi quase um acidente — respondo, sorrindo sem graça.

— Agora que o senhor não sai ali da rua, tem que ficar mais atento mesmo — o menino torna a falar comigo. — Ai — ele reclama, quando Ritinha acerta outro tapa nele.

— Ficarei mais atento.

— Mas ele nunca esteve por ali, só o vi ontem com o irmão.

— Que nada, seu Jaime. Ele teve ali no dia do atropelamento, trouxe as meninas ontem, depois voltou e levou a Ritinha não sei *pra* onde. — Arregalo os olhos, sem saber o que dizer.

— *Tá* cuidando demais da vida dos outros, Josival. Some daqui! — Ritinha ralha,

ameaçando outro tapa e ele sai em disparada para os fundos da oficina.

— Tua irmã disse que você foi na praça da cidade, Rita Maria! — Seu Jaime olha dela para mim e eu continuo feito um idiota, sem saber o que fazer.

— E fui. Vinicius foi comigo até lá e ficamos conversando.

— Sei... — ele responde, carrancudo.

— Seu Jaime, por favor. Eu tenho a maior admiração pelo senhor e sua família, jamais faria nada para prejudicar uma de suas filhas.

— *Tá certo.* — O homem abrandando e se acalma.

Ritinha e eu nos encaramos e tenho certeza de que a cena de eu chupando-a ontem também passou pela sua mente.

Se Deus existe, tenho certeza de que acabei de ganhar um passe direto para o inferno.



Capítulo 18

“As aparências enganam.”

Ritinha

Um dia eu ainda darei uma surra no Josival, que ele vai ficar sem levantar por um mês. Foi um parto *disgramado* conseguir convencer meus pais de que eu tinha ido até a praça da cidade espairer um pouco e esse moleque idiota quase põe tudo a perder com a maldita boca grande.

Vinicius rapidamente se despede e eu agradeço por isso. A mentira deslavada dele para o meu pai me deixa incomodada. Não que eu estivesse fazendo algo de errado, mas eu sei que para o conceito dele é, e muito.

Trabalho o restante do dia, sossegada, ora ou outra me pego pensando nas palavras daquele irritante e seu convite para eu viajar com ele. Isso desperta algo dentro de mim, acho que esperança de que depois da festa, talvez, as coisas entre nós possam funcionar.

Será que estou me iludindo?

Não consigo evitar minha imaginação de divagar pelas estradas que nunca conheci, só por vídeos e televisão. Eu ocupando sua garupa e ele me mostrando todos os lugares bacanas que já conheceu.

Forço minha mente a voltar para a realidade, isso são coisas que acontecem com ele que é rico e pode se dar a esse luxo, não eu. Vivo a realidade da vida e sei que não é fácil colocar uma mochila nas costas, virar o pé para a família e partir sem um *puto* no bolso.

Encerro meu dia mais cansada do que o normal. Minha mente pensa em milhões de possibilidades para, logo em seguida, a razão chegar com uma foice e cortar tudo que idealizei.

Faço um caminho diferente, querendo prolongar minha chegada em casa e tentar tirar um pouco aquela proposta da minha cabeça.

Passo em frente à igreja e resolvo entrar. Quem sabe um lugar sagrado ilumine meus

pensamentos e esclareça os sentimentos no meu coração.

Sento no último banco no canto, não quero que ninguém me veja. Se o padre Alberto aparecer por aqui, provavelmente, irá me questionar sobre a missa que perdi ontem.

Fecho meus olhos e respiro fundo. Uno minhas mãos em uma silenciosa oração, clamando para que eu tenha um sinal, qualquer um, de que estou fazendo o certo para minha vida.

— Volta aqui, cabrita! — Me assusto, abrindo os olhos.

Perto da sacristia, eu vejo Toninha saindo a passos apertados e Rômulo, irmão de Vinicius, caminhando atrás dela.

O que tá acontecendo? Rômulo e Toninha? Impossível!

Minha mente começa a dar voltas e voltas, lembro que pedi um sinal e fico ainda mais confusa.

— Deus, que raio de sinal é esse? — pergunto em voz alta.

Levanto, saindo da igreja e volto para casa. Rezar acabou me deixando ainda mais confusa e particularmente curiosa.

Cabrita?

Balanço a cabeça, limpando meus pensamentos. Nunca na vida a minha irmã mais beata daria trela para o mais sem vergonha dos irmãos Queiroz. Ela praticamente se benze cada vez que encontra com eles na rua.

Chego em casa e não vejo ninguém por ali. Entro chamando pela minha mãe e escuto um burburinho no quintal do fundo. Alcanço as portas e vejo uma mesa farta posta e toda minha família reunida. Lucio e sua mãe, tia Marta, estão ali também.

— Boa noite!

— Noite, filha — minha mãe me cumprimenta, animada.

— Estamos comemorando algo? — falo, indo abraçar tia Marta. — Oi, tia. Oi, Lucio.
— O abraço também.

— Nada de mais. A mãe que se inspirou na cozinha hoje — Paulinha responde.

— Entendi — falo, indo me sentar entre ela e Lucio.

Esse costume existe desde sempre em casa. A cada oportunidade estamos reunidos comendo aqui fora e a presença da tia Marta e de Lucio é comum. Somos uma grande família e meu coração fica em paz quando estamos assim.

Desde que o Lucio e eu terminamos sem nos comunicar, ele se afastou e fazia um bom tempo que não vinham aqui. Acho que depois da conversa de ontem ele, finalmente, entendeu que não é possível que fiquemos juntos.

Jantamos ao meio de risadas, conversas, fofocas do bairro e muita harmonia. Lucio brinca contando sobre todas as vezes que ele tentou me ensinar a montar, mas eu sempre fui um zero à esquerda para isso.

Eu jogo uma batata frita nele como resposta e ele revida pegando a outra que está na minha mão e comendo.

— Ah, vocês deveriam namorar de uma vez — minha mãe solta alto demais na mesa.

Olho para ela, fuzilando seu olhar. Não acredito que mesmo depois do que conversamos, ela ainda vai ficar insistindo com tudo isso.

— Tia. Deixa isso *pra* lá. Ritinha e eu somos amigos. Bons amigos — Lucio fala, passando a mão pelo meu ombro e beijando o topo da minha cabeça.

Escutamos o motor de um carro acelerar e sair cantando pneu. Levanto por curiosidade e vou até ao portãozinho no fundo de casa e olho por cima dele, mas não vejo nada.

Posso estar parecendo paranoica, mas o barulho se parecia muito com de uma caminhonete e não evito ao lembrar do Vinicius.

Volto para a mesa e aproveito o resto da noite animada ao lado das pessoas que mais amo. Lucio cortou educadamente os pensamentos equivocados da minha mãe e conseguimos aproveitar normalmente o momento.



Entro no bar da tia Dulce, cabisbaixa. Não consigo mais ficar em casa pensando e pensando. É a única coisa que tenho feito nas últimas semanas e ainda mais nos últimos três dias.

Não vejo Vinicius em lugar nenhum. Ele não voltou depois da manhã que passou pela oficina. Eu não peguei seu telefone, então, não teria como ligar, perguntei para o Lucio se o viu, já que trabalha na fazenda, mas ele disse que tem dias que não o vê.

Cada vez que ouço o ronco do motor de alguma caminhonete, corro para ver se é a dele, mas sempre me frustro. Meu pai já me perguntou o que tanto espero chegar pela porta da oficina, já que meus olhos estão sempre ali, procurando por ele.

— Oi — cumprimento minha irmã no balcão.

— Olá, distraída. Quer uma cerveja?

— Sim. Do que me chamou?

— Do que você tem sido nos últimos dias. Avoada, distraída, lesada e por aí vai.

— Valeu, Paulinha.

— Garota! Se tu quer tanto ver o homem, vai atrás dele no abatedouro.

— Eu não sei se é uma boa ideia...

— Então, fica aí, se lamentando pelos cantos.

Delicada feito coice de mula, minha amada irmã se afasta para atender um cliente do outro lado do balcão.

Claro que já cogitei ir ao abatedouro atrás dele, mas eu chegaria lá para falar exatamente o quê? “Senti sua falta”? “Você sumiu e eu quero saber por que”? Todas as alternativas me soam patéticas demais e me levam a mesma resposta: “Não temos nada, Rita Maria”.

No fim das contas, essa que é a verdade. Nós não temos nada e nunca houve uma conversa sobre como seria um futuro, mal chegamos a falar de presente.

— Oi, Gui! Como vai? — Vejo minha irmã cumprimentar animadamente o irmão de Vinicius e eu entro em estado de alerta.

Ele a cumprimenta dando um beijo na sua mão e fazendo algum gracejo que a faz gargalhar. Logo seus passos o direcionam para mim e meu coração começa o galopar impertinentemente.

— Oi, Ritinha. Como vai? — Ele beija meu rosto e eu ainda estou nervosa demais para responder. — Estava te procurando, mesmo. O Viny viajou e pediu para te entregar esta carta.

Ele estende um papel dobrado para mim, eu olho para ele e para a carta novamente, sem saber como reagir.

— Aonde ele foi? — pergunto, quando encontro minha voz.

— Esse é o Vinicius. Jogou algumas roupas em uma mochila e disse que precisava resolver umas coisas, mas que volta para a festa de Palomino.

Minha boca provavelmente está no chão. Chocada.

Aquele imbecil me deixou. Ele simplesmente partiu, sem dizer nada e nem para se dar ao trabalho de falar nos meus olhos que estamos encerrando por aqui e que vai seguir sua vida.

Patife de uma figa!

— Eu não preciso de uma carta para entender o recado. Obrigada, Guilherme, mas eu dispenso o bilhete do seu irmão.

Ele sorri, sem graça, guardando a carta no bolso se afastando de mim.

Bebo minha cerveja praticamente de uma vez e bato a garrafa no balcão. Minha indignação dá lugar à raiva facilmente e a vontade de gritar começa a me sufocar.

— Covarde, idiota — xingo baixo.

— O que aconteceu? — Paulinha se aproxima.

— Nada! Me dá outra. — Balanço a garrafa para ela entender.

Começo a beber uma atrás da outra e, a cada gole, eu solto um xingamento diferente para aquele descarado sem vergonha. Como ele ousa me tratar dessa forma? Um dia me convida para viajar com ele e no outro me dispensa por bilhete.

Vou até a *jukebox* que minha tia comprou há pouco tempo para o bar e escolho uma música. Acho a perfeita e coloco para tocar. *Só pra castigar, Wesley Safadão*, começa a tocar e eu movimento meu corpo como posso para acompanhar.

Acho que passei da medida na bebida ou está ventando demais por aqui, pois minhas pernas não conseguem ficar firmes no chão. Canto a letra, penso em várias maneiras de como eu poderia castigar aquele covarde por me fazer de idiota.

Danço mais duas músicas, cantando-as de forma arrastada, meu tato e agora minha fala já foram dominados pelo álcool, mas não me importo, me sinto até feliz.

— Opa! — Sinto braços fortes circularem minha cintura.

Viro meu corpo, vendo Guilherme me segurando.

— Me solta! — Tento empurrá-lo e acabo me desequilibrando.

— Cuidado! — ele alerta, me segurando novamente.

— Não preciso de vocês! Irmãos Queiroz... *puffff*... idiotas! — falo mais alto.

— Concorde, mas você passou do ponto e vou te levar para casa. Vinicius me mataria se eu te largasse neste bar sozinha.

— Quero que ele se dane... — Tento me soltar de novo e minha cabeça gira.

— Você vai cair. Ritinha, vem comigo. Sua irmã está preocupada.

Arrisco olhar para o balcão e vejo Paulinha atendendo uma meia dúzia de pessoas, mas seus olhos não saem de mim. Mesmo bêbada, a culpa me toca e resolvo acabar com a minha miséria e a preocupação de quem não tem culpa.

— *Tá*. Vamos — concordo e saio dali, sendo escorada pelo Guilherme.

Com todo cuidado, Guilherme me coloca sentada no banco do carro e passa o cinto, prendendo-o. Fecho os olhos e a imagem daquele sem noção aparece na minha frente, suas mãos me prendendo em seu agarre e a vontade enorme de beijá-lo me invade.

Merda de bebedeira!

— Me leva para o abatedouro?

— O quê? — ele pergunta, confuso.

— O abatedouro de calcinhas. Quero ir lá.

Guilherme fica em silêncio por um tempo.

— Ah! O apartamento? É isso?

— Isso aí! — eu respondo, olhando para seu rosto risonho.

— Você quem manda.

Ele dá partida no carro e eu torno a fechar os olhos. Lembro-me do sorriso sacana do

meu atormentador, sua gargalhada debochada e a saudade começa a apertar meu peito. Acabo me entregando aos sonhos e longe daqui revivo tudo que fizemos juntos, com a diferença é que lá só aconteciam coisas boas.



Abro os olhos com certa dificuldade, minha cabeça parece que está sendo pisoteada por quinze cavalos e a boca com gosto de pó de serragem só piora as coisas.

Estico meu corpo na cama e sinto o lençol macio acariciando meu corpo. Sento rápido demais e tudo gira à minha volta.

— Eu não estou em casa — constato em voz alta.

— Não! Você está, como gosta de denominar, no abatedouro de calcinhas. — Escuto uma voz vinda de baixo e gemo, frustrada.

O quanto eu bebi para chegar até aqui e ainda acompanhada do irmão daquele covarde sem escrúpulos?

Levanto o lençol e vejo que estou com as mesmas roupas de ontem, solto a respiração, aliviada.

— Não se preocupe. — Me assusto com sua presença na ponta da escada. — Você dormiu no carro, eu só te coloquei aqui dentro e dormi no sofá.

— Por que me trouxe para cá?

— Você pediu.

— Não se dá ouvidos a uma bêbada — resmungo, chateada.

— Não achei que teria algum mal e você precisava de um tempo — ele responde, dando

de ombros.

— Nossa, minha mãe! — falo alto demais e gemo com a pontada na minha cabeça.

— Calma. Falei com a Paulinha e ela disse que iria te encobrir, dizendo para sua mãe que vocês duas dormiriam na casa da sua tia.

— Maravilha — falo tediosa e ele sorri.

— Se quiser tomar um banho, fique à vontade. Eu vou preparar o café e arrumar um remédio para sua dor de cabeça.

— Obrigada.

Vou para o banheiro e tomo uma ducha quente e relaxante. Ainda não acredito que acabei minha miséria vindo para o apartamento do cara que me colocou literalmente na fossa.

Saio do banheiro me sentindo minimamente melhor e desço as escadas com a minha barriga roncando de fome com o cheiro vindo da pequena cozinha.

— Não sei cozinhar muito bem, mas pão de forma e ovos mexidos não tem muito segredo.

— Obrigada — agradeço, quando ele deposita um prato recheado à minha frente e um copo com água e dois comprimidos.

— Não por isso. — Ele volta a atenção para a pia e eu começo a comer.

— Você ainda tem a carta? — pergunto, envergonhada.

— Tenho sim. Você a quer? — Ele se vira para mim, limpando as mãos em um pano de prato.

— Quero — respondo, convicta.

— Tudo bem. Assim que terminar de comer, vou te levar embora. Preciso ir para a fazenda.

— Como entrou aqui?

— Vinicius sempre deixa uma chave na portaria e eu peguei lá.

— Ah...

Termino de comer, Guilherme não me deixa limpar minha bagunça e logo deixamos o apartamento. Percorremos o caminho em silêncio, estou perdida no mar de emoções e acontecimentos dos últimos dias e a curiosidade aumenta para saber o que ele escreveu naquele bendito papel.

— Chegamos. — Guilherme sorri para mim, parando em frente ao bar da tia Dulce.

— Obrigada. Por tudo.

— Nada a agradecer, Rita Maria. Aqui, sua carta. — Ele pega a carta do bolso e me entrega.

Desço do carro, apressada, e saco o celular, ligando para Paulinha abrir a porta dos fundos para mim. Se bem a conheço, acabou dormindo no quartinho que tem no fundo do bar, em vez de subir para a casa da tia Dulce.

Guardo a carta no meu bolso, mesmo a curiosidade queimando dentro de mim, prefiro esperar o melhor momento para ler isso sozinha e em paz.



Capítulo 19

“A pressa é inimiga da perfeição”

Vinicius

Três malditos dias enfurnado dentro desta casa na capital e, cada vez mais eu sinto que vou explodir. Não sei por que diabos não peguei a estrada e sumi para longe, talvez seja o mesmo sentimento que me fez sair de Palomino feito um cão sarnento, a covardia.

Já admiti isso quando entreguei aquela carta indecente na mão do Guilherme, e mesmo sob seu olhar reprovador, eu virei as costas, apoiando minha mochila nos ombros e sumi de lá.

Foi demais para mim quando cheguei no portão dos fundos da casa dela naquele dia, vi a família toda reunida, incluindo o peão apaixonado. Escutei quando sua mãe falou que fazia gosto do namoro dos dois e eu entendi que não haveria nunca um lugar ali para mim.

Eu não sou da fazenda, nem da cidade, nem de lugar algum. Sempre foi dessa forma e não será agora que mudará. Nem nos conhecemos o suficiente para dizer que dará certo.

Admito que nunca, nenhuma mulher de lugar algum mexeu comigo como ela faz e, nunca senti tanto prazer em irritar alguém como é com ela. Testar suas emoções, conhecer seus limites e, principalmente, fazê-los se transformar cada vez que eu a toco é a coisa mais prazerosa que já experimentei.

Mas acabou!

Meu cérebro tenta forçar a essa merda que acontece no meu peito de que foi o melhor para nós dois. De qualquer maneira, eu vou embora assim que passar a festa da cidade, não há motivos para ficar prolongando isso.

Há?

Agradeço à força divina, que eu acabei não pegando seu número de celular ou provavelmente eu já teria mandado uma mensagem ou pior, ligado para saber como está.

— Boa noite, Vinicius.

— Fala, Marcelo.

— Ainda na fossa? — ele fala, se sentando à minha frente na poltrona.

— Essa sua carinha bonita poderia ganhar um soco, você quer?

— Não precisa ser violento, irmão. Só estou preocupado com seu bem-estar.

— Pelo menos, eu resolvi minha questão. Já você, parece querer se enrolar em coisa pior, maninho. — Marcelo estala os lábios, me olhando com descaso.

— Não seja ingênuo, Vinicius.

— Eu? Sério mesmo?

— Você! Não resolveu questão nenhuma, pelo que o Guilherme falou, você só fugiu de lá. Qual é o seu problema em assumir algo? Se gosta tanto da mecânica, fique com ela.

— É complicado. Eu nunca me vi morando ali, preso. E ela tem um ritmo de vida bem diferente do meu.

— Talvez o que falte aí é um equilíbrio. Você não precisa ficar preso. Não existe uma regra para cada situação ou escolha. Existe, sim, a vontade de fazer funcionar. Você está pensando demais com a cabeça, irmão.

— Falou o mais sentimental dos irmãos — debocho do seu discurso, só para mascarar o quanto ele me tocou.

— Você sabe que eu falo a verdade e, o fato de eu não ter alguém, não quer dizer que não pense dessa forma.

— *Tá certo, Dom Juan.*

— Na vida, temos que nos adaptar às situações, Vinicius. Foi isso que nosso pai nos ensinou, então não esqueça. — Ele levanta e me deixa sozinho com meus pensamentos.

Aquele aperto idiota que meu peito teima em atormentar minha paz intensifica ainda mais aqui dentro. O incômodo se torna necessidade e a razão perde lugar mais uma vez dentro de mim.

— Tô voltando, marrenta. E a guerra vai ser boa.



Encosto meu carro na garagem do meu apartamento, liguei ontem para Guilherme e marquei de encontrar com ele hoje no bar da Dulce.

Ele contou que entregou a carta para Ritinha e que ela não reagiu nada bem, fiquei preocupado e perguntei se ele foi agredido e o idiota riu. Havia uma grande probabilidade de isso realmente ter acontecido.

Já é quase noite, então subo para tomar um banho e mudar minhas roupas. Resolvo colocar algo mais local, uma camiseta branca e um camisão xadrez vermelho por cima, calças ajustadas e bota no pé.

Escolho um boné country que tenho guardado há um tempo e o coloco na cabeça. Espero estar bem o suficiente para impressioná-la e, quem sabe, abrandar alguns tapas que ela provavelmente vai querer me dar.

Pego minhas chaves e parto em direção ao meu destino ou à minha morte.

— Oi — cumprimento Paulinha no balcão do bar.

— Olha, o babaca voltou. — Primeira da noite.

— Merecido. Pode me servir uma cerveja?

— Claro — Ela sorri docemente.

Sento na banquetta olhando em volta, o movimento ainda é fraco e poucas mesas estão ocupadas.

— Obrigado — agradeço, assim que ela coloca a garrafa de long neck aberta na minha frente.

Seguro próximo ao gargalo e viro um gole generoso na boca só para quase cuspir tudo no balcão.

— Essa merda tá fervendo! — falo, assim que engulo com dificuldade.

— Ah é? Nossa, que pena! — Ela ri e eu fecho a cara.

— E aí, mano. — Guilherme bate no meu ombro.

— Oi — respondo, derrotado.

— Já encontrou com ela?

— Ainda não, por enquanto, só a irmã está curtindo com a minha cara — respondo, torcendo os lábios.

— Você mereceu, nem pode reclamar. — Ele ergue a mão, pedindo uma cerveja para Paulinha.

Não demora nem dois minutos e ela desliza uma long neck estupidamente gelada para ele, a porcaria da garrafa está até esbranquiçada pela camada de gelo que se formou do lado de fora.

— Me dá um gole? — falo, salivando.

— Você tem a sua. — Guilherme dá de ombros.

— Essa merda tá parecendo xixi de cavalo, de tão quente!

Ele solta uma gargalhada, finalmente, entendendo como a Paulinha resolveu me sacanear.

Acabado rindo junto e penso que isso é só o começo.

Olho em direção da porta, como se ela me chamasse e vejo Ritinha entrando toda *traçada* pelas portas duplas. Sua calça jeans é justa, apertando tudo em seu devido lugar e a blusa regata branca marca seus seios de forma deliciosa.

Ótima hora para ficar duro! Merda!

Ela percorre os olhos pelo salão, como se estivesse procurando alguém, eu abaixo meu boné e espero que ela não me reconheça. Quero surpreendê-la e não que ela fuja assim que me ver.

Vejo-a fazendo sinal para alguém e sigo com o olhar para ver um moreno gigante acenando de volta.

Que porra é essa?

Levanto da banquetta, não dando atenção quando Guilherme tenta me chamar, não faz nem uma semana que parti e ela já arrumou outro para ocupar meu lugar. Eu remoendo minha culpa, definhando de vontade de voltar e ela aqui, se esbaldando com o primeiro que aparece.

— Não esperou nem o defunto esfriar, Rita Maria? — falo atrás dela, enquanto ela abraça calorosamente o moreno gigante.

O rapaz me olha divertido e eu sinto uma enorme vontade de agredir a cara dele, o que me impede é a pequena mulher, que agora me encara e acho que consigo ver faíscas saindo dos seus olhos.

— Como é que é? — Ela coloca as duas mãos na cintura.

— É isso mesmo! Eu mal parti e você já está se encontrando com outro.

— E onde isso é da sua conta, seu imbecil? Você foi embora e me deixou um bilhete de despedida. Eu bebi feito uma idiota, me perguntando por que de você ter feito isso e tive que ser

carregada pelo seu irmão até o abatedouro de calcinhas! E você me vem aqui perguntar isso? Vai se ferrar! — Seu grito final cala as pessoas que estão à nossa volta.

— Abatedouro de calcinhas? Que *porra* é essa? E qual dos meus irmãos te carregou bêbada? Pelo amor de Deus, não fala que foi o Rômulo. — Desespero começa a tomar conta de mim.

— Não foi. Foi o Guilherme.

— E por que ele não me falou nada? — Fico confuso.

— E eu que vou saber? Aliás, eu não sei nem por que eu estou falando contigo. Some daqui. — Ela aponta o dedo na minha cara.

— Nós precisamos conversar, Rita Maria — falo, enérgico.

— Não me chama assim! — Seu grito me surpreende.

— Viny, vamos sentar, vem. — eu reluto, mas meu irmão insiste. — *Tá* todo mundo olhando. Vem.

Acabo desistindo e aceitando me afastar, por ora.

— Por que não me contou que ela dormiu no meu apartamento?

— Por que eu deveria falar da miséria da menina? Ela ficou abatida, depois encheu a cara e eu resolvi ser legal contigo e levá-la embora, antes que outro fizesse.

— *Há. Há.* Muito engraçado. Quem é aquele idiota com ela?

— Não sei. Mas o cara é boa pinta.

— Tu quer me foder? É isso?

— Só estou sendo sincero.

— Então, guarde a sinceridade para você — falo, fazendo voz de menininha.

Ele dá de ombros e se cala. Eu continuo fitando o novo casal do momento, querendo arrancar a Ritinha a todo custo dali. Ela ri abertamente, bebe, conversa, toca o braço do moreno babaca, sempre que possível, e meu sangue começa a ferver novamente.

Saio do sério quando vejo o moreno levando-a para a pista de dança e os alto-falantes começam a tocar *Quem Pegou, Pegou, Henrique & Juliano*, perco a pouca paciência que restava em mim e vou em busca da minha garota.

Chego à pista e cutuco o ombro do moreno, que se vira para me olhar, abaixo passando o braço nas pernas da Ritinha, colocando-a em meus ombros. Ignoro seus gritos de protesto e os murros que ela acerta na minha bunda.

Sorrio, cínico, para o camarada e saio do bar, sendo ovacionado com assovios e palmas de quem estava por ali. Passo por Guilherme, que faz sinal de joia para mim, rindo feito um bobo.

— Me põe no chão! — ela protesta, pela milésima vez.

— Na hora que chegarmos no carro!

— Isso é sequestro.

— Não é, não.

— É sim.

— Precisamos conversar, Rita Maria.

— Eu já disse que não! Me solta!

Atendo ao seu pedido, já que estamos em frente à caminhonete. Volto seu corpo para frente e mal a coloco no chão e ela acerta os punhos no meu peito. A marrenta bate forte.

— Calma! Ritinha! — Tento parar suas investidas.

— Seu babaca, imbecil, covarde, calhorda... seu... seu...

— Eu te amo, *caralho!* — Ela para os movimentos, me encarando.

— Mentira...

— Não. Não é. E eu tive que me afastar e receber uma lição de moral do meu irmão caçula para admitir algumas coisas.

— Não acredito em você — ela fala, cruzando os braços.

— Eu sei. E eu sei que vou penar feito um cão sarnento até você confiar em mim de novo, mas eu estou disposto a isso. No dia que fui embora, eu passei na sua casa mais cedo e vi sua família reunida, com o peão apaixonado e eu achei que estava sobrando.

— Então, os pneus cantando na rua era você mesmo?

— Sim. Fiquei puto e eu achei que aquilo não era para mim. Achei que nunca daria certo e resolvi me afastar. Merda, eu estava com medo. Eu nunca senti isso por nenhuma mulher, Rita. Você consegue fazer o melhor e pior de mim duelarem aqui dentro e, no fim das contas, se renderem a você.

Ela chuta algumas pedrinhas com o pé enquanto eu falo, suas mãos cruzadas à sua frente e agora o silêncio nos faz companhia. Quando seus olhos se erguem, encarando os meus, eu vejo tristeza e decepção.

— Você me deixou um bilhete. Não falou comigo. Sempre deixou claro que partiria. Não espera que tudo fique bem agora, *né?! É* melhor você seguir sua vida mesmo e me deixar em paz.

Ela contorna meu corpo e volta para o bar, enquanto eu ainda continuo parado, tentando entender o que eu fiz.

Eu consegui chutar para longe a única chance de me sentir completo e isso dói pra porra.



Capítulo 20

“Deus escreve certo por linhas tortas.”

Ritinha

Acordo com o corpo inteirinho moído. Minha cabeça dói demais e o nó na garganta só mostra o quanto eu ainda quero chorar pelo que fiz ontem.

Voltei para dentro do bar e abracei Tadeu, nosso primo, filho da tia Dulce, pedi que ele me levasse para casa. Fiquei trancada no quarto chorando, minha mãe tentou conversar, mas eu só queria ficar sozinha em meu próprio sofrimento.

Não fui trabalhar, meu pai nem me chamou, provavelmente, minha mãe avisou que eu não estava bem e eu agradeço internamente por isso.

Levanto minha bunda da cama, já é tarde e vou tomar um banho para limpar esse peso de mim. Ainda não acredito que ele voltou, disse que me amava, confessou seus medos e eu simplesmente não quis saber.

Eu gosto dele também, não sei se o amo, mas gosto, muito. Entendo os medos dentro dele, pois eu também sinto isso em mim. Não sei se daríamos certo, mas o medo e a expectativa se entrelaçam dentro de mim.

No fim das contas, eu acho que nós dois somos covardes. Cada um à sua maneira acaba escondendo o que quer atrás de uma falsa segurança sobre a vida.

Volto para o quarto e pego uma calça para vestir e vejo cair no chão um pedaço de papel dobrado.

A carta.

Relutei em lê-la desde que a peguei. Eu não queria saber qual seria sua desculpa e mesmo estando muito curiosa, ainda não me achava pronta para ler. Abro com cuidado o papel e sento na minha cama, lendo as poucas linhas que ele escreveu.

“Rita Maria,

Sempre te chamei pelo seu nome, pois ele tem a força que você precisa para enfrentar todos os seus medos. A vida passa rápido demais, moça bonita, então não se acovarde perante ela e busque dentro de si o que realmente precisa.

Você sempre estará em meu coração, minha mecânica favorita.

Beijos, Viny Queiroz.”

As lágrimas escorrem pela minha face, meu coração acelera e sinto minha mente girar com o que acabo de ler.

Ele não inventou uma desculpa, ele deixou um conselho.

É irônico ele não ter enxergado quando escreveu que estava fazendo exatamente ao contrário do que me aconselhava. Mas, como dizem, a vida é feita de erros e acertos e chegou a hora de consertar minhas falhas.

Visto uma blusa e saio de casa, correndo, minha mãe chama meu nome e não atendo. Vou até a oficina pegar a moto que está lá e irei encontrar meu querido irritante cliente e possível namorado.

Corro feito uma maluca pela rua e logo chego em frente da oficina, parando na porta para respirar, recuperando o ar em meus pulmões.

— Pai... — Travo no lugar quando dou de cara com Vinicius.

— Oi — responde, timidamente.

— Filha, você não veio e o Vinicius se ofereceu para me ajudar. Ele não entende nada de mecânica, mas o papo tá valendo a pena — meu pai comenta, rindo.

Não tiramos os olhos um do outro e, tão pouco, rimos do que meu pai falou. Tenho tanta coisa para dizer, mas nada sai. Opto por fazer do nosso jeito, agindo.

Em poucos passos, alcanço Vinicius e pulo em seu colo, abraçando-o com força e deixando que uma lágrima escape dos meus olhos. Ele nos gira e eu fecho meus olhos, acalmando todos os sentimentos alvoroçados dentro de mim.

— Eu ainda tenho medo, mas eu quero enfrentar, igual você fez.

Vinicius me coloca no chão e tira alguns fios de cabelo do meu rosto. Ele me olha de forma carinhosa, sinto seu amor no toque e uma saudade enorme de beijá-lo me assola.

Atendendo ao meu pedido silencioso, Viny aproxima seus lábios dos meus, roçando-os vagarosamente antes de, finalmente, me beijar. Meu coração explode com a emoção e todo o mal que sentia se desfaz, percebendo que essa sempre seria a escolha certa.

— Eu te amo, moça bonita.

— Eu acho que te amo também. — Sorrimos um para o outro, até escutarmos um pigarrear vindo de trás e me lembro do meu pai.

Agora lasquei-me.

— Seu Jaime. Eu gostaria de pedir sua permissão para namorar sua filha — Vinicius abraça minha cintura, falando com meu pai, que está um tanto carrancudo.

— *Uai.* Achei que nunca ia criar coragem de pedir, rapaz — ele fala, surpreendendo a nós dois. — Minha benção tá dada.

Corro abraçar meu pai, agradecendo internamente por tê-lo em minha vida.

— Só tem um problema — olho-o apreensiva —, tem que falar com sua mãe.

Eita! Lasquei-me!



Uma semana depois...

Estou terminando de arrumar minha mochila de roupas e me lembrando do meu namorado irritante. Ele avisou umas quatro vezes para eu levar somente o necessário e que se precisasse de algo compraríamos pelo caminho.

Faz uma semana que estamos oficialmente namorando, depois que meu pai deu sua benção, viemos juntos para casa falar com a minha mãe e o inferno desceu à Terra.

“ — Como é que é? — Ela levanta do sofá, elevando a voz.

— Eu quero a sua permissão para namorar sua filha, dona Lélia. — Vinicius se mantém tranquilo, enquanto me tremo inteira.

— Minha filha não é brinquedo, rapaz. E se eu sonhar que você tentou enganá-la, arranco sua cabeça! — ela esbraveja, apontando o dedo para ele.

— Mãe... — Tento intervir, mas ela continua.

— Fica quieta. Você tá encantada nesses olhos de galanteador dele, mas eu tô aqui pra ficar de olho! — Ela faz sinal com os dois dedos mirando os olhos, a fim de enfatizar o que disse.

— Dona Lélia, Rita Maria foi a melhor coisa que já me aconteceu. Eu jamais faria algo para magoá-la.

— Quero só ver!”

Mesmo relutando e passando milhares de regras e deixando alertas de arrancar o couro de um Queiroz que brincasse com as suas meninas, ela permitiu.

A calma permaneceu só até hoje de manhã, quando avisei a ela que vou viajar no fim de semana com meu namorado. Ela quis descer a casa abaixo, meu pai também não ficou muito feliz, mas tive que sentá-los e dizer que não era mais uma menininha e precisava viver e

aproveitar minha vida.

A conversa não fluiu tão bem assim, mas, no fim das contas, concordaram meio que obrigados, afinal, eu já era maior de idade e preciso tomar as minhas próprias decisões.

Pego minha mochila e vou para a sala encontrar meu namorado, que já me espera com suas coisas. A moto finalmente ficou pronta e vamos testá-la na estrada até uma cidade próxima daqui. O lugar é cheio de cachoeiras e nunca tinha ouvido falar, quando Viny descobriu isso, marcou de irmos lá assim que terminasse a moto do seu pai.

— Filha tenha cuidado — minha mãe orienta.

— Pode deixar, mãe.

— Eu vou cuidar dela, dona Lélia. — Viny tenta tranquilizar minha mãe.

— Esse é meu medo... — ela fala baixo, mas todos escutam.

— Mãe! — repreendo.

— Deixa *ela* aproveitar, mãe. A gente ficou tempo demais na barra da sua saia — Paulinha defende, piscando um olho para mim.

— Nossa filha sabe se cuidar, Lélia — meu pai fala, vindo me abraçar. — Vá com Deus, menina. E você, cuide bem dela — meu pai cumprimenta Vinicius.

— Com certeza — Vinicius concorda e saímos pela porta.

A Harley está estacionada em frente de casa e quando saímos, várias pessoas estão na rua, só observando a movimentação em frente de casa.

— Vizinhaça fofqueira — minha mãe resmunga.

— Pare de dar ouvido *pra* eles, Lélia — meu pai fala.

— Oi, tia. — Tadeu chega em casa bem na hora.

— Oi, primo — cumprimento ele e, Vinicius me encara, desconfiado.

— Primo? Sério? — ele fala baixo, só para eu ouvir.

— Sim. Você não me deixou explicar nada aquele dia — falo, sorrindo.

— E você esqueceu desse detalhe até hoje? Entendi, Rita Maria. Mais tarde a gente conversa. — Sua voz baixa causa um arrepio pelo meu corpo inteiro.

As borboletas no meu estômago se atçam com a possibilidade do tipo de conversa que ele vai ter comigo. Da última vez que conversamos, da forma peculiar dele, eu quase morri de tesão.

Abraço todo mundo que está na porta e pego o capacete da mão do Viny, vestindo-o e subo na moto. O ronco do motor tremula no meu corpo quando ele a liga, a ansiedade me consome.

Avançamos a rua e uso minha petulância, acenando para todos que nos olham, sinto as enormes travas que me seguram até hoje se partirem.

Liberdade!

A velha Ritinha nunca teria a coragem de namorar um cara que conheceu há tão pouco tempo, que carrega uma falsa fama de garanhão e ainda a convida para viajar de moto.

Ainda bem que esse namorado todo diferente também mostrou para a velha Ritinha que a vida é para ser vivida e que limitar seus desejos pode te fazer ser plateia, ao invés de protagonista na própria vida.

O mais estranho é não saber como será daqui a uma semana, esperar pelo inesperado, viver a cada dia buscando aquilo que almeja. Enquanto existir vontade e sentimento, é o que importa. Pelo tempo que durar e da forma que for, eu quero é aproveitar e ser feliz.

Abraço seu corpo mais apertado, sentindo os músculos firmes da sua barriga sarada nas

minhas mãos. Ainda bem que a minha felicidade veio no cara mais gostoso que eu já vi.

Pontos para o destino!

Ele foi detestável para mim desde o primeiro dia. Infernizou minha vida de todas as formas e conseguiu desarmar toda a minha rotina segura, para me jogar essa carga aventureira que ele tem consigo.

A Harley corre com vivacidade pela estrada e no meu ouvido apurado de mecânica não ouço nenhum barulho inconveniente. Percorremos por um tempo a estrada e Viny para no acostamento, em um ponto alto da estrada, onde podemos ver toda a cidade e parte da fazenda.

Descemos, tirando nossos capacetes, e logo suas mãos estão em volta da minha cintura, me erguendo e girando nosso corpo.

— Você está feliz?

— Sim! — grito de volta, rindo. — E você? — pergunto.

— Eu sou o homem mais feliz desde que conheci a mecânica da minha Harley, moça bonita.

Tem como eu não amar esse homem?

— Mecânica que você chegou a duvidar que arrumaria sua moto, pessoa irritante — provoco, sorrindo.

— Ah, mas eu também percebi que ela adora um desafio. Eu vi o fogo nos olhos dela naquele dia na oficina e sabia que ela daria conta do recado.

— Então, só quis me azucrinar, Vinicius? — Dou um tapa no seu braço e ele me solta, sorrindo.

— Amor e ódio andam lado a lado, Rita Maria. — Seus olhos nunca deixando os meus, ele se aproxima e beija minha boca, com fervor.

Eu sei que nem tudo são flores e, pelo nosso temperamento já testado antes, sabemos que qualquer coisa será motivo para brigas de arrancar os cabelos. Sinto que ainda teremos muitos embates, divergências, discussões e, ao contrário de antes, isso agora me anima.

Descobrir nossa essência juntos, nos tornará mais fortes.

Uma coisa é certa: amor não tem fórmula, ele vem e acontece.

De uma implicância nasceu o interesse, transformando nossa vida e ditando nossos desejos.

Nunca imaginei me apaixonar por alguém tão detestável para mim.

Fim!

Sobre a Autora

Agatha Waleska F T Santos, pseudônimo AWF Santos, tem 29 anos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo. Formada em Administração de Empresas e hoje gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis. Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há pouco tempo descobriu o encantamento pela escrita. Sua primeira obra é a Série Se Entregando ao Amor, Agatha gosta da alegria da vida e é a favor de que aquilo que faz a pessoa feliz e torna alguém melhor.

<https://www.facebook.com/awfsantos>

<https://www.instagram.com/awfsantos/>

^[1] **Bicudos** – o mesmo que bêbados.

^[2] **Traiados** - Vestido estilo country.